

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

JAMILIA BRITO GOMES

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ELETRICISTAS SOBRE O
CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
SETEMBRO DE 2022

JAMILIA BRITO GOMES

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ELETRICISTAS SOBRE O
CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade.

Linha de pesquisa: Memória, discursos e narrativas.

Projeto temático de pesquisa: Memória, representações sociais e políticas públicas sobre álcool e drogas.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni.

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
SETEMBRO DE 2022**

G633m

Gomes, Jamília Brito.

Memória e representações sociais de eletricistas sobre o consumo de bebidas alcoólicas. / Jamília Brito Gomes – Vitória da Conquista, 2022. 141 f.

Orientadora: Luci Mara Bertoni.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referências F. 116 – 128.

1. Bebidas alcólicas – Consumo. 2. Eletricistas – Memória coletiva. 3. Representações sociais. 4. Trabalho – Condições de saúde. I. Bertoni, Luci Mara. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 616.861

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Memory and Social Representations of Electricians about the consumption of alcoholic beverages.

Palavras-chaves em Inglês: Alcoholic beverages; Electricians; Collective Memory; Social Representations.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente), Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves (Titular), Prof. Dr. Fábio Mansano de Mello (Titular), Prof. Dr. Roberto Moares Cruz (Titular), Profa. Dra. Vania Carvalho Santos (Titular).

Data da Defesa: 30 de setembro de 2022.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

JAMILIA BRITO GOMES

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ELETRICISTAS SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 30 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luci Mara Bertoni – Presidente
Instituição: UESB

Ass.: Luci Mara Bertoni


Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves
Instituição: UESB

Ass.: Ana Elizabeth Santos Alves

Prof. Dr. Fábio Mansano de Mello
Instituição: UESB

Ass.: Fábio Mansano de Mello

Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz
Instituição: UFSC

Ass.:  Documento assinado digitalmente
Roberto Moraes Cruz
Data: 04/10/2022 12:22:59 -0300
CPF: ***.004.030-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Vania Carvalho Santos
Instituição: UFPE

Ass.:  Documento assinado digitalmente
WANIA CARVALHO SANTOS
Data: 03/10/2022 09:05:17 -0300
Verifique em <https://verificador.ufpe.br>

DEDICATÓRIA

A meu amado irmão,
Geffson Brito Gomes (*in memoriam*),
assim como todos os trabalhadores,
que merecem ser vistos
com olhares mais gentis
e potentes pelo mundo
do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Embora a sequência lógica deste texto se incline a hierarquizar estes simbólicos agradecimentos, não se enganem, pois, em mais este ciclo da minha história, a todos e todas externo um sentimento de gratidão.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por meio do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade, que me concedeu a oportunidade de vivenciar este processo de ensino e aprendizagem, fazendo valer a pena cada dia de renúncia, insistência e resistência.

À orientadora, Profa. Dra. Luci Mara Bertoni, pela qual tenho imensa admiração, pois, ao longo deste caminho, dividiu ideias, experiências e sabedoria e que, com gentileza, passou-me exemplo e comprometimento. A ela, meus sinceros agradecimentos.

À Banca de Qualificação, composta pela Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves e pelo Prof. Dr. Roberto Moares Cruz, por dedicar tempo para a leitura deste trabalho, por poder compartilhar ideias, conhecimentos e experiências. Eu me sentir honrada por terem aceitado o convite e grata por poder contar com as contribuições de vocês.

À Banca de Defesa, composta pela Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves, pelo Prof. Dr. Roberto Moares Cruz, pelo Prof. Dr. Mansano de Mello e pela Profa. Dra. Vania Carvalho Santos, pela cuidadosa leitura, orientações para melhoria deste trabalho, iluminando este percurso final, as experiências e contribuições de vocês tem sido para mim uma fonte de inspiração.

À Empresa Sirtec Sistemas Elétricos e ao estimado senhor Darci Roberto Schneid que trouxe inspiração para conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre este campo de atuação profissional.

Aos Eletricistas de Rede de Distribuição, em especial aos participantes da pesquisa, que em mim confiaram, abrilhantaram este trabalho, compartilhando alguns relatos que compõem suas experiências de vida. Neste trabalho, vocês têm um lugar de honra.

À Cristian Jose Moreira Oliveira, Luan Santos e à empresa amiga e parceira, que permitiu a realização das entrevistas com os trabalhadores que atuam nas equipes de construção.

Aos colegas do Grupo Gênero, Políticas, Álcool e Drogas (GePAD), cujo apoio e parceria durante este processo foi bem significativo.

A todos os colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, que me apoiaram e com quem aprendi muito.

À minha ancestralidade, àqueles que vieram antes e que, com esforços e dedicação, me possibilitaram estar aqui, fazendo um pouquinho diferente, para, com as suas bênçãos, honrá-los. Aos meus grandiosos e amados pais, Maria Amália Assunção de Brito Gomes e Ariosmar Vieira Gomes, que sempre me estimularam a seguir os desejos do meu coração, com determinação e amor.

A meu irmão Geffson Brito Gomes (*in memoriam*) e as minhas Irmãs Geisabel Brito Gomes e Jusilene Duarte Santos, que me apoiaram ao longo deste tempo. Agradeço por estarem comigo até hoje e por eu reconhecer que sempre estarão.

Ao meu amado companheiro Tiago Carolino dos Anjos, por toda espera, companhia e apoio durante a realização deste trabalho. Pela força do destino, pude contar com você. Gratidão por incentivar-me a conquistar meus sonhos e por ajudar-me a construí-los. Vamos juntos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram com a concretização deste trabalho.

À Psicologia Organizacional e do Trabalho, profissão e área de atuação que me inspira a cada dia servir outras vidas.

E sobretudo a Deus, que inspira e guia o caminho que tenho trilhado.

Palavras são janelas (ou são paredes)
Sinto-me tão condenada por suas palavras,
Tão julgada e dispensada.
Antes de ir, preciso saber:
Foi isso mesmo que você quis dizer?
Antes que eu me levante em minha defesa,
Antes que eu fale com mágoa ou medo,
Antes que eu erga aquela muralha de palavras,
Responda: eu realmente ouvi isso?
Palavras são janelas ou são paredes.
Elas nos condenam ou nos libertam.
Quando eu falar e quando eu ouvir,
Que a luz do amor brilhe através de mim.
Há coisas que preciso dizer,
Coisas que significam muito para mim.
Se minhas palavras não forem claras,
Você me ajuda a me libertar?
Se pareci menosprezar você,
Se você sentiu que não me importei,
Tente escutar por entre as minhas palavras
Os sentimentos que compartilhamos.
Ruth Bebermeyer

RESUMO

O consumo de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho representa um risco psicossocial acentuado, o qual tende a comprometer as condições de saúde e segurança no local de trabalho, além de aumentar os comportamentos de risco dos trabalhadores. Ao considerar que o trabalho desenvolvido por eletricitistas possui um potencial de alto risco, as pesquisas sobre as representações sociais e a memória coletiva são importantes para auxiliar na compreensão das relações, do contexto e das situações que envolvem esse grupo de profissionais. É por meio das representações que as pessoas conseguem conduzir os próprios passos, compreender os pensamentos que explicam a realidade, assim como estabelecer relações com o meio em que vivem por meio da comunicação. Além disso, a memória está vinculada a um fenômeno coletivo, constituída por meio de afinidades e semelhanças amparadas entre grupos, ou seja, é um meio de reconstituir e rerepresentar os marcos sociais. Em vista disso, analisamos a memória e as representações sociais de eletricitistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica no que diz respeito ao consumo de bebida alcoólica. Ao mesmo tempo, propomos uma discussão conceitual sobre representações sociais, memória coletiva e as consequências do uso abusivo de bebidas alcoólicas; em seguida, analisamos a relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e o desempenho de funções de alta periculosidade. Verificamos, por meio de questionários e entrevistas, as memórias e as representações sociais de eletricitistas de redes de distribuição sobre o consumo de bebidas alcoólicas. O delineamento deste estudo teve uma configuração analítica e qualitativa, com 23 eletricitistas que atuam em equipes de construção, no interior da Bahia. Utilizamos um questionário para identificar características de perfil social e demográficas, o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) para avaliar a frequência do uso de bebidas alcoólicas, sintomas de dependência e problemas recorrentes na vida. Para auxiliar na organização dos dados, usamos o programa da *Microsoft Excel* e ao escore do próprio instrumento. Por fim, utilizamos a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e a entrevista para acessar as memórias e as representações sociais desses profissionais sobre o consumo de bebidas alcoólicas. As informações coletadas por meio da TALP foram processadas com o auxílio do programa *Software Ensemble de Programmes Permettant analyse de Évocations* (EVOC). Para analisar as informações coletadas por meio da entrevista semiestruturada, utilizamos a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977). Apoiadas nas informações da pesquisa de campo, verificamos que alguns eletricitistas fazem uso de bebidas alcoólicas por motivo de lazer, descontração e diversão, já outros costumam beber quando estão angustiados ou nervosos. Quanto à frequência e sintomas de dependência, 11 eletricitistas foram classificados como consumidores de risco, e um deles apresentou provável dependência. Com relação às informações encontradas na TALP, percebemos que o possível núcleo central das representações sociais “prejuízo” foi a palavra predominantemente evocada pelos eletricitistas. Sobre as palavras evocadas na primeira periferia, que mais podem influenciar o núcleo central, foram evocadas as palavras “diversão”, “briga” e “controle”. Para análise, foram identificados dois eixos temáticos, compostos pelas categorias: Memória e Representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas e Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas, e a subcategorias, o que é beber socialmente, o que é o alcoolismo, e em que consiste a prevenção no trabalho.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas; Eletricitistas; Memória Coletiva; Representações Sociais.

ABSTRACT

The consumption of alcoholic beverages in the work environment represents a marked psychosocial risk, which tends to compromise health and safety conditions in the workplace, in addition to increasing the risk behaviors of workers. When considering that the work performed by electricians has a high risk potential, research on social representations and collective memory are important to assist in the understanding of relationships, context and situations involving this group of professionals. It is through representations that people manage to lead their own steps, understand the thoughts which explain reality, as well as establishing relationships with the environment in which they live through communication. Furthermore, memory is linked to a collective phenomenon, constituted through affinities and similarities supported between groups, that is, it is a way of reconstituting and re-presenting social landmarks. In view of this, we analyzed the memory and social representations of electricians who work in the construction of electricity distribution networks about the consumption of alcoholic beverages. At the same time, we propose a conceptual discussion about social representations, collective memory, and the consequences of abusive use of alcoholic beverages; then, we analyzed the relationship between the consumption of alcoholic beverages and the performance of highly hazardous functions. We verified, through questionnaires and interviews, the memories, and social representations of electricians from distribution networks about the consumption of alcoholic beverages. The design of this study had an analytical and qualitative configuration, with 23 electricians who work in construction teams, in the interior of Bahia. We used a questionnaire to identify social and demographic profile characteristics, the *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), to assess the frequency of alcohol use, addiction symptoms, and recurrent life problems. To help organize data, we used the Microsoft Excel program and the score of the instrument itself. Finally, we used the Free Word Association Technique (TALP) and the interview to access the memories and social representations of these professionals about the consumption of alcoholic beverages. The information collected through TALP was processed with the aid of the *Software Ensemble de Programmes Permettant analyse de Évocations* (EVOC) program. To analyze the information collected through the semi-structured interview, we used Laurence Bardin's Content Analysis. Based on the information from the field research, we found that some electricians use alcoholic beverages for leisure, relaxation and fun, others tend to drink when they are distressed or nervous. Regarding the frequency and symptoms of dependence, 11 electricians were classified as risk consumers, and one of them had probable dependence. Regarding the information found in the TALP, we noticed that the possible central nucleus of the social representation's "damage" was the word predominantly evoked by electricians. About the words evoked in the first periphery, which can most influence the central nucleus, the words "fun", "fight" and "control" were evoked. For analysis, two thematic axes were identified, composed of the categories: Memory and Social Representations about the use of alcoholic beverages and Memories and Social Representations about the prevention of the use of alcoholic beverages, and the subcategories, what is social drinking, what is alcoholism, and what does prevention at work consist of.

Keywords: Alcoholic beverages; Electricians; Collective Memory; Social Representations.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	Alcoólicos Anônimos
APA	<i>American Psychiatric Association</i> / Associação Americana de Psiquiatria
APR	Análise Preliminar de Risco
AUDIT	<i>Alcohol Use Disorders Identification Test</i>
Bpm	Batimentos por minuto
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPS AD	Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas
CAT	Comunicação em Acidente de Trabalho
CBO	Classificação Brasileira de Ocupação
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CID	Classificação Internacional de Doenças
CIPA	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CLT	Consolidações das Leis do Trabalho
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNV	Comunicação Não Violenta
COELBA	Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia
DSM	Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EPC	Equipamento de Proteção Coletivo
EPI	Equipamento de Proteção Individual
EPS	Empresa Prestadora de Serviço
EVOC	<i>Ensemble de Programmes Permettant analyse de Évocations</i>
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
LSD	Dietilamida do ácido lisérgico
NRs	Normas Regulamentadoras
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OME	Ordem média de evocação das palavras
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCMSO	Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional
POT	Psicologia Organizacional e do Trabalho

PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNS	Pesquisa Nacional de Saúde
PPRA	Programa de Prevenção de Riscos Ambientais
RAS	Redes de Atenção à Saúde
RD	Rede de Distribuição
RS	Representações Sociais
Scielo	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEP	Sistema Elétrico de Potência
SESMT	Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho
SGSST	Sistemas de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho
SIPAT	Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho
SPA	Substância psicoativa
TALP	Técnica de Associação Livre de Palavras

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Análise das evocações por meio do Quadro de Quatro Casas	78
Figura 2 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “o que vem à sua mente ao pensar em bebidas alcoólicas”, do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.....	88
Figura 3 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “o que pensam seus colegas eletricitas sobre bebidas alcoólicas?”, expressas com base na descontextualização do sujeito (Zona muda das Representações Sociais), do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.	91
Figura 4 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “qual a ideia que os eletricitas que atuam nas equipes de construção têm sobre bebidas alcoólicas”, expressas com base na descontextualização do sujeito (Zona muda das Representações Sociais), do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.....	93
Figura 5 - Síntese da condensação de palavras, 2021.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Prevalência do consumo de bebida alcoólica no Brasil (2017).....	41
Quadro 2 - Critérios Diagnósticos de transtorno por uso de álcool (2014).....	54
Quadro 3 - Classificação de agentes e riscos de natureza psicossocial (2021)	64
Quadro 4 - Normas Regulamentadoras (2020).....	67
Quadro 5 - Classificação do escore no AUDIT	75
Quadro 6 - Demonstração do funcionamento das representações sociais Erro! Indicador não definido.	
Quadro 7 - Eixos temáticos das unidades de análise, categorias e subcategorias	98
Quadro 8 - Esquema simplificado da Comunicação Não Violenta.....	110

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Características de Perfil dos participantes	83
Gráfico 1 - Classificação de uso de bebidas alcoólicas por meio do <i>Alcohol Use Disorders Identification Test</i> (AUDIT).....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA COLETIVA E CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	24
2.1 Teoria das Representações Sociais	25
2.2 Teoria da Memória Coletiva	30
2.3 Aproximação conceitual entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva	34
2.4 Aspectos históricos das bebidas alcoólicas e as consequências do uso abusivo	39
2.5 Representações sociais e memória coletiva sobre o uso de bebidas alcoólicas	45
3 BEBIDAS ALCOÓLICAS, SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO	52
3.1 Bebidas alcoólicas, desempenho de funções de alta periculosidade e vivências temporais fora do ambiente de trabalho	53
3.2 Considerações teórico-conceituais sobre condições de saúde e segurança no trabalho	59
3.3 Perspectivas técnicas, legislação e medidas de prevenção de acidentes de trabalho	67
4 PERCURSO METODOLÓGICO	72
4.1 Delineamento	72
4.2 Participantes	73
4.3 Instrumentos e técnicas de análise dados	73
4.4 Procedimentos de coleta de dados	79
5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIAS DE ELETRICISTAS SOBRE CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	83
5.1 Características de Perfil dos participantes	83
5.2 O consumo de bebidas alcoólicas segundo o <i>Alcohol Use Disorders Identification Test</i> (AUDIT)	83
5.3 Informações sobre bebidas alcoólicas adquiridas por meio do Teste de Associação Livre de Palavra (TALP)	88
5.4 Eixos Temáticos das unidades de análises, considerando as categorias e subcategorias	97
5.4.1 Eixo Temático I: Memória e representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas	98
5.4.2 Eixo Temático II: Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas	105
6 CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	129
APÊNDICE B - Instrumento de coleta de perfil social, demográfico e econômico	131

APÊNDICE C - Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP)	134
APÊNDICE D - Entrevista para investigação sobre consumo de bebidas alcoólicas	135
APÊNDICE E - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas ...	138
APÊNDICE F - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas....	138
APÊNDICE G - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas ...	140
ANEXO A - Teste para identificação de problemas relacionados ao consumo de álcool (AUDIT).....	141

1 INTRODUÇÃO

As substâncias psicoativas, consideradas um meio capaz de auxiliar no alívio de dores, diminuir quadros de tristeza e ansiedade e uma forma de obtenção de prazer, têm uma longa e universal trajetória de consumo na história da humanidade. Os debates sobre a utilização dessas substâncias vêm ganhando espaços na atualidade, especialmente na análise das peculiaridades do uso de bebidas alcoólicas.

Esta temática será tratada de maneira detalhada nas seções seguintes à luz dos conceitos de Memória e Representações sociais, no contexto de eletricitistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica.

No bojo dessa discussão, encontra-se a questão dos investimentos relacionados à prevenção do uso de drogas e à redução de danos, as quais têm gerado altas despesas e representado um desafio para os responsáveis pela gestão de custos na administração pública. Além disso, estudos nacionais e internacionais têm evidenciado predomínio relevante no que se refere a adoecimentos e mortes envolvendo o consumo de drogas (SENAD, 2017). Desse modo, ao considerar que existe uma intensa busca pelas substâncias psicoativas e que os altos níveis de consumo estão cada vez mais potentes, somos conduzidos a refletir sobre essa temática.

De acordo com Santos e Sant'Ana (2014), o consumo de drogas gera alterações no organismo, afeta a vida dos usuários e pode evoluir para danos irreversíveis. Algumas drogas podem provocar uma acentuada absorção no organismo, gerando a necessidade de consumo, o que pode se tornar uma dependência.

As drogas ilícitas estão entre aquelas substâncias proibidas de ser consumidas e comercializadas no Brasil, a exemplo da maconha, da cocaína, do *crack*, do dietilamida do ácido lisérgico (LSD), dos inalantes, da heroína, da anfetamina, do chá de cogumelo, da morfina, dos opiáceos, entre outras. Quanto aos efeitos, independentemente de sua legalização, as drogas se classificam como depressoras, estimulantes e perturbadoras do sistema nervoso. Elas podem alterar de maneira significativa as sensações emocionais, psíquicas e físicas daqueles que as consomem.

As transformações sociais que envolvem o campo econômico, político e tecnológico têm levado as pessoas a comportamentos individualistas e à busca da felicidade a qualquer custo; logo, muitas têm buscado, nas drogas, a solução para o sentimento de preenchimento e completude.

O ciclo relativo ao uso de drogas está distribuído, quanto à origem, em três aspectos: no sujeito, com particularidades que envolvem a personalidade e as questões biológicas; na própria droga (substância psicoativa), relacionada a fármacos específicos; e no meio sociocultural, que promove o encontro entre a droga e o sujeito (SILVEIRA; DOERING-SILVEIRA, 2017). Considerando esses aspectos por complexidade, o sujeito pode ser avaliado como o elemento que constitui o fenômeno da dependência, porquanto a relação com o uso de drogas pode ser motivada por condições psicológicas, sociais e biológicas.

Ao analisar o ambiente de trabalho, observamos que, muitas vezes, os comportamentos estranhos e diferentes na rotina dos trabalhadores são explicados por questões externas ao consumo de drogas. Nos casos em que esses comportamentos estejam relacionados ao consumo de drogas, eles já podem ser associados a um quadro de dependência. Nessa situação, diante da diminuição da produtividade e do baixo ritmo de trabalho – que evolui para atrasos, absenteísmo, ocorrência de incidente, acidente e ações desajustadas –, fica evidente o nível de prejuízos para todos, uma vez que a diminuição do rendimento do trabalho poderá causar impacto na produtividade de todo o grupo envolvido.

Os eletricitistas que trabalham na construção e manutenção de redes de distribuição de energia elétrica são profissionais que devem atuar em áreas de solo ou nível aéreo, portanto devem estar acompanhados de uma equipe integrada por auxiliares, encarregados e motoristas operadores de *munck*¹ ou guindaste.

Durante a execução dos serviços, esses profissionais devem receber orientações (formal ou informal) para execução das tarefas referentes à função. Antes do início de qualquer atividade, é obrigatório preencher a Análise Preliminar de Risco (APR), fazer uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) e Equipamento de Proteção Coletivo (EPC), sempre que necessário ou estabelecido em procedimento operacional. Em função das instruções recebidas, devem realizar abertura e fechamento de cavas, montagem e desmontagem de estruturas, implantação de postes, escalada em estruturas existentes, conforme os padrões de trabalho, e cumprimento dos procedimentos de segurança. Também é função dos eletricitistas conduzir, quando solicitado e habilitado, veículos para deslocamento durante a realização dos serviços.

¹ Caminhão *munck* é um veículo com carroceria articulada que deve ser utilizado em atividades que solicitam peso, altura e distância, inclusive pode atuar em espaços confinados e que apresentem limitação de altura (PERUSSULO, 2019).

Como as atividades desenvolvidas por esses profissionais apresentam um potencial de alto risco, eles devem estar com capacidade de raciocínio lógico, capacidade de atenção (concentrada, alternada e dividida) e repertório de habilidades sociais dentro da média de 50%, e a produção regular ou alta e o ritmo de trabalho estável. Além disso, devem ter capacidade para trabalho em equipe, alta capacidade de adaptação, obediência a normas e regras, foco nas tarefas a serem executadas, capacidade de trabalhar sob pressão, cumprimento de procedimentos, metas e prazos institucionais e baixa vulnerabilidade.

A rede de distribuição de energia elétrica normalmente é constituída por condutores sobre estruturas de ferro ou madeira, apoiadas nos postes de concreto ou madeira, e se estende por toda região urbana e rural onde houver consumidores instalados (MELO et al.,2003, p.89). Os eletricitas que trabalham com este tipo de estrutura recebem orientações e treinamentos, e passam a conviver com as ameaças e os perigos que envolvem as redes de distribuição de energia elétrica. Em face das particularidades e riscos que envolvem o contexto de atuação desses profissionais, sabemos que, diariamente, eles enfrentam diversos desafios para executar as atividades e, ao final do dia, conseguir retornar em segurança e com o nível de produtividade esperada. Ademais, muitos desses profissionais ficam acampados em áreas rurais, às vezes distantes das cidades, e demoram vários dias para retornar às próprias residências. Longe dos familiares e com pouco contato com supervisores e coordenadores, o uso de bebida alcoólica, como estratégia de enfrentamento das dificuldades, pode acompanhar parte da rotina desses profissionais, potencializando o risco de acidente durante a realização das atividades laborais.

Levando em conta o índice de acidente de trabalho e mortalidade as informações descritas no Anuário Estatístico da Previdência Social, relacionadas aos afastamentos do trabalho em razão de acidentes e doenças ocupacionais no Brasil, mostram que os índices são considerados altos, tanto nas grandes regiões, quanto nas Unidades da Federação da Bahia. No ano de 2017, “13.883 pessoas receberam benefícios urbanos acidentários, sendo 12.877 por motivo de doença, 985, por aposentadoria relacionada à invalidez e 21 pensões por morte” (BRASIL, 2017, p. 117). Esses dados são vinculados à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), os quais foram padronizados por meio de estatísticas populacionais, indicadores demográficos e coberturas previdenciárias.

Sistematicamente, entre os anos de 2000 e 2019, no estado da Bahia, foram informados 70.341 óbitos por acidentes de trabalho. “As causas externas de traumatismo acidental (n = 929), tanto a exposição à corrente elétrica/radiação/temperaturas e pressões do

ambiente quanto as quedas tiveram importância expressiva nas causas de óbito, correspondendo às proporções de 26,5% e 24,4%” (NERY, et al., 2020, p. 10). Estes dados sugerem a necessidade de investimentos em segurança no trabalho, considerando imprescindível a efetivação de políticas públicas, visando assegurar o monitoramento, a vigilância e a proteção social das condições de trabalho.

A preferência pelo objeto de estudo para esta pesquisa se justifica, inicialmente, por um contexto pessoal, em razão da atuação, desde 2015, em uma empresa que presta serviço para a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba), na condição de Psicóloga Organizacional e do Trabalho. Nesse contexto, foi possível conhecer o dia a dia de trabalho dos eletricitistas de rede de distribuição, quer na realização de processo seletivo (para admissão), quer na avaliação psicológica para mudança de função (promoção), avaliação psicossocial (para exercer atividade laboral em altura), avaliação de perfil, após notificação em Programa Tolerância Zero (se refere a descumprimento de procedimento operacional e normas de segurança), quer em treinamentos, palestras no Diálogo Diário de Segurança, quer em processos de entrevista de desligamento (quando o trabalhador é desligado da empresa). Essa condição permitiu identificar os desafios, o risco da atividade e as dificuldades desse tipo de atuação, o que despertou a presente proposta de pesquisa.

Os eletricitistas que participaram deste estudo, fazem parte de uma empresa que realiza algumas ações a favor da segurança no local de trabalho. Entre essas ações desenvolvidas, está o acompanhamento das equipes em campo, tanto na parte de execução, quanto na parte teórica. Desse modo, antes de iniciar as atividades em campo, é realizado um diálogo diário de segurança visando orientar sobre os riscos aos quais eles estarão expostos. Algumas das temáticas, a seguir, fazem parte dos temas tratados: o trabalho em altura; animais peçonhentos; atividades em rodovia; queda no mesmo nível. Também ocorrem orientações sobre as situações em que não há condições de realizar o serviço para que os eletricitistas utilizem o direito de recusa. Há uma espécie de bate-papo para provocar a manifestação dos profissionais em relação a se sentirem seguros para executar as atividades conforme os procedimentos necessários. Quando é identificada alguma inconformidade, ao acompanhar as atividades de campo, a correção é realizada de maneira imediata pelos Técnicos em Segurança no Trabalho, e a informação é passada para os supervisores a fim de realizar uma tratativa e correção (advertência verbal e escrita, suspensão e desligamento por justa causa). Eles também têm um plano de trabalho anual que se compõe de treinamentos programados de

educação continuada, os quais visam atender às Normas Regulamentadoras do Trabalho, entre elas estão os seguintes cursos: NR 10, NR 35 e Trabalhos práticos em campo.

Outras ações realizadas com os eletricitistas são os treinamentos na Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPAT). Nessa ocasião, eles participam de palestras e treinamentos durante uma semana com profissionais externos. Essa ação é direcionada à prevenção de acidentes e doenças ocupacionais no ambiente de trabalho.

Esses trabalhadores também participam de programas oferecidos pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), chamados Empresa Prestadora de Serviço (EPS) Eficaz e Programa Stop Work, quando os técnicos em segurança do trabalho vão a campo para levantar os desvios de segurança. Na sequência, esses técnicos criam um protocolo, registram o que não foi corrigido de imediato e encaminham para a coordenação e a supervisão, visto que tais setores necessitam passar evidências da realização do trabalho.

A empresa realiza o registro de indicadores de afastamento das atividades de trabalho por meio do Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA) com o apoio do médico do trabalho, que atua no Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO), com a realização de exames admissionais e periódicos. Em caso de identificação de doenças comuns, tais como diabetes, colesterol, peso acima de 100 kg, os trabalhadores são direcionados para exercer atividades na parte do solo e é feito um trabalho de conscientização para perda de peso. Nesse seguimento, também é realizada uma Parada de Segurança. Este é um projeto que reúne várias equipes para receberem orientações, em que é incentivada à comunicação em campo e à humildade para tirar dúvidas e trabalhar em parceria com os colegas.

Com relação à ingestão de bebidas alcoólicas, não existe um projeto específico para essa finalidade. A orientação dada pelo Técnico em Segurança do Trabalho da empresa é para os eletricitistas que decidirem fazer uso das bebidas alcoólicas fora do ambiente de trabalho, devem fazê-lo com moderação, pois, se chegarem no horário de expediente com algum sintoma de uso de bebidas alcoólicas, não poderão realizar o trabalho em altura. Esporadicamente, alguns trabalhadores se queixam de dor de cabeça, na segunda-feira, alguns justificam problemas pessoais ou que comeram alguma coisa em casa e não se sentiram bem, mas, de acordo com os relatos colhidos, isso não é algo comum. Neste sentido, a expectativa desta pesquisa é poder auxiliar os gestores de empreiteiras, concessionárias, assim como o Ministério do Trabalho, no planejamento de medidas para identificação de riscos e prevenção de acidentes no trabalho. Desse modo, as intervenções preventivas poderão ser úteis aos

trabalhadores, às empresas, ao setor elétrico (que sente o impacto quando ocorre um acidente fatal), além de toda a população.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a memória e as representações sociais da bebida alcoólica em eletricitistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica. Os objetivos específicos foram: a) conceituar memória coletiva, representações sociais e as consequências do uso abusivo de bebidas alcoólicas; b) identificar a relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e o desempenho de funções de alta periculosidade; c) identificar, por meio de questionários e entrevistas, a percepção dos eletricitistas de redes de distribuição sobre o consumo de bebidas alcoólicas.

Este texto está estruturado em seções, as quais serão descritas, de modo breve, a seguir: nesta primeira seção apresentamos o trabalho, na segunda seção, há um conciso panorama da Teoria das Representações Sociais, da Teoria da Memória Coletiva e o consumo de bebidas alcoólicas e uma aproximação conceitual entre essas teorias. Na sequência, apresentamos os aspectos históricos, o metabolismo e as consequências do abuso de bebidas alcoólicas na vida das pessoas. Encerramos esta seção com uma discussão acerca das representações sociais e memória coletiva sobre o uso de bebidas alcoólicas.

Na terceira seção, propomos uma discussão sobre bebidas alcoólicas, saúde e segurança no trabalho. Na sequência, abordamos o consumo de bebidas alcoólicas, o desempenho de funções de alta periculosidade e as vivências temporais fora do ambiente de trabalho; em seguida, analisamos algumas considerações teórico-conceituais sobre condições de saúde e segurança no trabalho. Finalmente, encerramos essa discussão discorrendo sobre medidas de proteção e práticas de prevenção de acidentes.

Na quarta seção, é mostrado o percurso metodológico da pesquisa, constituída pelo delineamento, participantes, instrumentos e técnicas de análise de dados; na sequência, as informações relacionadas aos procedimentos de coleta de dados. Na quinta seção, discutimos as representações sociais e memórias de eletricitistas sobre consumo de bebidas alcoólicas. Por fim, na sexta seção, mostramos a conclusão da investigação.

Este estudo está de acordo com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, apresentada pelo Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. Salientamos que, antes de ir ao campo de pesquisa, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) de acordo com o que solicita a Resolução anteriormente citada. Nesse sentido, o projeto denominado “Memória e Representações Sociais de Eletricitistas Sobre o Consumo de Bebidas Alcoólicas”, que deu início a este estudo, foi

submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), cujo número é 19051619.5.0000.0055, e obteve o parecer substanciado aprovado de número 3.589.810.

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA COLETIVA E CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Nesta seção contextualizamos a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva; na sequência, realizamos uma discussão sobre a aproximação conceitual entre essas teorias; em seguida, serão tratados os aspectos históricos, o metabolismo e as consequências do abuso de bebidas alcoólicas; e encerrar-se-á com uma abordagem sobre as representações sociais e a memória coletiva relacionada ao uso de bebidas alcoólicas.

De acordo com Durkheim ([1924]1970, p. 33-34), “as representações que são a trama dessa vida originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total”. Nesse caso, pode-se afirmar que, ao mesmo tempo em que as representações sociais trazem sentido à realidade, possibilitam compreensão do conhecimento compartilhado e do processo de interação entre pessoas, nos grupos sociais. Nessa direção, é possível afirmar que as pessoas recorrem à memória para construir representações sociais, por meio de recordações, reconhecimentos, atribuição de sentidos e significados, aspectos essenciais à compreensão e mobilização de comportamentos.

Os estudos das representações sociais têm origem na esfera da psicologia social, embora seus pressupostos teórico-metodológicos tenham sido utilizados e ampliados por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, com destaque para as áreas da educação, saúde e ciências sociais aplicadas.

Moscovici ([2000] 2012) revelou, em seus estudos, como a produção de conhecimento estabelece e intensifica as identidades, interfere e influencia nos aprendizados, reconstruindo o pensamento dos grupos sociais. Nesse sentido, como analisa Jodelet (2001, p. 17), existe uma necessidade de conhecer o meio em que se vive e se relaciona, pois, “além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam”.

Dessa forma, reconhecemos que, ao partilhar a vida em sociedade, constantemente recorreremos a recursos diversificados com o intuito de compreender as situações, interpretar os aspectos que surgem na realidade e buscar estratégias para tomar decisões de maneira assertiva. Isso demonstra a relevância do estudo das representações sociais.

É importante lembrar que a Teoria das Representações Sociais (TRS) tem como principal teórico Moscovici ([2000]2012); já a Memória Coletiva foi preconizada por

Halbwachs ([1968] 2012) – ambas foram amparadas nos estudos da sociologia de Durkheim ([1924] 1970). Apresentaremos algumas concepções teóricas sobre as representações sociais, a memória coletiva e o consumo de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho.

2.1 Teoria das Representações Sociais

O desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais ocorreu com os resultados do trabalho desenvolvido por Moscovici, com a sua tese de doutorado, que recebeu o título original de *Psychanalyse: son image et son public*, a qual foi publicada, originalmente, em 1961 (MOSCOVICI, [2000] 2012).

De acordo com Moscovici ([2000] 2012), as representações sociais podem ser entendidas como uma atitude peculiar para compreender e informar algo que se refere a alguém (pessoa ou grupo) sobre alguma coisa (objeto ou fato). Ainda para o autor, as representações sociais não são criadas por uma pessoa de forma isolada; depois de criadas, por meio das interações, surgem novas representações.

De acordo com Vala (2006, p. 457), a Teoria das Representações Sociais, baseada nos estudos de Serge Moscovici, trata de uma questão específica: “como é apropriada e utilizada pelo homem uma teoria científica e um problema geral, como se constrói um mundo significativo. É com base nessa apreciação que este teórico indica o conceito de representações sociais”. Com o desenvolvimento dessa abordagem, Moscovici amplia os estudos sobre o conceito e a formação das representações sociais na esfera científica e cultural, que são alimentadas pelos conhecimentos vivenciados e aprendidos pelos sujeitos nas relações estabelecidas na coletividade.

Segundo Moscovici ([2000] 2012, p. 21), as representações sociais “são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configurações específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social”. Nesse sentido, existe uma ligação entre as representações e as manifestações sociais relacionadas à esfera da linguagem, que, por meio de um código, possibilita às pessoas dar nomes e categorizar diversas situações que envolvem o contexto individual e social. Assim, conforme as relações humanas, diante da natureza convencional e prescritiva, as representações intervêm nas atividades cognitivas de maneira independente e, ao serem partilhadas, penetram e influenciam nas relações sociais.

Desse modo, além de se adaptar às relações à sua volta, as pessoas precisam saber como se comportar, identificar e resolver as questões que surgem no dia a dia; por isso são criadas as representações (JODELET, 2001). Para dar conta do conhecimento cotidiano, as representações sociais se apresentam nas falas e estão vinculadas às mensagens e formas de conduta das pessoas:

Ainda, entende-se que uma representação é social no sentido em que é coletivamente produzida: as representações sociais são um produto das interações e dos fenômenos de comunicação no interior de um grupo social, refletindo a situação desse grupo, os seus projetos, problemas e estratégias e suas relações com outros grupos. Este segundo critério põe, assim, em evidência os fenômenos de constituição social das representações e entende-as como resultado da atividade cognitiva e simbólica de um grupo social. (VALA, 2006, p. 461).

As representações sociais, portanto, envolvem funcionalidades específicas no que diz respeito aos processos de comunicação e, conseqüentemente, na resolução de problemas, nas orientações das pessoas e nos comportamentos. Para Moscovici ([2000] 2012), ao mesmo tempo que as representações sociais atuam como um sistema de interpretação ajustam as relações e os comportamentos das pessoas por meio dos processos de ancoragem e objetivação, conforme apontados a seguir.

A **ancoragem**, de acordo com Moscovici ([2000] 2012, p. 61), “é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriadas”, ou seja, quando um objeto não está identificado e não possui uma categoria, ele se torna alheio e assustador. É natural o desenvolvimento de um mecanismo de defesa que proporcione um distanciamento entre ele e as pessoas. Para vencer essa barreira, buscamos nomear esse objeto e atribuir uma categoria para representá-lo.

Santos (2005, p. 23), por sua vez, define ancoragem como a “inserção do objeto num sistema de pensamentos preexistentes, estabelecendo uma rede de significações em torno dele. É um processo que transforma algo desconhecido e perturbador em algo conhecido, através da comparação com categorias já conhecidas”. Nessa perspectiva, a ancoragem passa pelo processo de nomear e classificar alguma coisa.

Com bases moscovicianas, o processo de ancoragem ocorre por meio de três movimentos:

[...] **atribuição de sentido**: o enraizamento de uma representação inscreve-se numa rede de significados articulados e hierarquizados a partir de conhecimentos e valores preexistentes na cultura; **instrumentalização do saber**: possibilita um valor funcional à representação, na medida em que se torna uma teoria de referência, possibilitando a tradução e compreensão do mundo social; **enraizamento no sistema de pensamento**: as novas representações se inscrevem em um sistema de representações preexistentes, desta forma o novo torna-se familiar, ao mesmo tempo em que transforma o conhecimento anterior. Assim, o sistema de pensamento preexistente ainda predomina e serve como referência para os mecanismos de classificação, comparação e de categorização do novo objeto. (SANTOS, 2005, p. 33, grifos da autora).

Dessa forma, ao iniciar esse processo de ancoragem, o componente ou objeto novo vai se regulando e se enquadrando no ciclo exposto anteriormente, visando alcançar alguma categoria conhecida e familiar.

Com relação à **objetivação**, de acordo com Moscovici ([2000] 2012, p. 71), esta “[...] une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível”. Objetivar é identificar a propriedade de um objeto, apresentar uma ideia, verificar e representar.

A “objetivação é o processo através do qual o que era desconhecido torna-se familiar. Ela torna concreto o que é abstrato. Transforma um conceito em uma imagem ou em núcleo figurativo” (SANTOS, 2005, p. 31). É um processo atuante, apresenta-se por meio de informações acessíveis e se mostra como uma estratégia para compreender a memória. Pode ser referida à maneira como se organizam as informações constituintes da representação e ao movimento dessas informações quando alcançam materialidade e se transformam em uma sentença da realidade pensada de maneira natural (VALA, 2006). Nesse seguimento, as informações vão se consolidando em um movimento que envolve uma construção seletiva, uma esquematização e uma naturalização.

Segundo Vala (2006, p. 465-67, grifos do autor), a objetivação se consolida pela:

Construção seletiva: inicialmente as ideias, informações e as crenças sobre o objeto das representações passam por etapas de seleção e descontextualização. **Esquematização**: está relacionada à organização das informações e à esquematização estruturante. **Naturalização**: quando as informações se transformam em conjuntos naturais e conseguem materialidade, elas se naturalizam.

Assim, o processo de objetivação ocorre pela integração de informações desconhecidas e estranhas com informações que se apresentam na realidade. De acordo com Moscovici ([2000] 2012, p. 71), “percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível”. Nesse ponto de vista, a objetivação também pode ser considerada como algo que se vai materializando.

Para Vala (2006, p. 465), “a objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se tornam expressões de uma realidade”. Logo, após organizar os componentes da representação, os grupos passam a utilizá-los de maneira natural.

O processo de objetivação acontece por meio dos três movimentos apresentados na sequência:

Seleção e descontextualização: considerando a dispersão de informações dos objetos sociais, apenas alguns elementos são retidos, retirados do contexto no qual surgiram em função de significados já existentes. Os sujeitos retiram dos objetos algumas informações a partir de conhecimentos anteriores, valores culturais ou religiosos, tradição cultural, experiência prévia etc. Do conjunto total de informações apenas algumas são retidas pelos sujeitos. **Formação do núcleo figurativo:** é a construção de um modelo figurativo, um núcleo imaginante a partir da transformação do conceito. **Naturalização dos elementos:** os elementos que foram construídos socialmente passam a ser identificados como elementos da realidade do objeto. (SANTOS, 2005, p. 32, grifos da autora).

Dessa forma, para entender as representações sociais, é necessário compreender as suas características desconhecidas, uma vez que elas são consideradas ocultas e estranhas, movem e motivam a existência das representações para, posteriormente, colocá-las em um contexto que lhe é conhecido, ou seja, familiar. Em seus estudos, Moscovici ([2000] 2012) afirma que as representações sociais são uma maneira de lidar com a memória, para tornar familiar aquilo que é desconhecido e estranho para o indivíduo. Assim, quando se analisamos de maneira detalhada as representações sociais, deparamos com a investigação do ser humano no tempo que ele questiona e busca respostas, e não somente durante os momentos em que busca esclarecimentos ou se comporta (MOSCOVICI, [2000] 2012).

Desse modo, as representações sociais “têm a propriedade de criar uma padronização definitiva dos elementos, assumindo uma categoria que é partilhada pelo grupo de pessoas, tornando-se, portanto, uma forma de representação comum e convencional, aceita socialmente” (SANTOS, 2017, p. 19). Após firmar um entendimento comum entre as pessoas

de determinados grupos, as condutas serão direcionadas segundo padrões que devem ou não ser seguidos. À vista disso, nenhum integrante de um grupo fica despreendido das representações que foram impostas, seja por meio da linguagem, seja por meio da conduta, seja por meio da cultura:

Nossas representações, pois, tornam o não familiar em algo familiar. O que é uma maneira diferente de dizer que elas dependem da memória. [...] é dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não familiar, com suas consequentes ansiedades. As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 78).

Com base no que foi exposto, concluímos que a ancoragem e a objetivação são concepções essenciais para acessar as representações sociais. De maneira geral, a Teoria das Representações Sociais se consolidou como uma nova área de conhecimento e se desdobrou em outras abordagens. Conforme analisado por Sá (2002), a primeira abordagem foi apresentada por Jodelet (2001), a outra se desdobrou por meio dos estudos de Doise (1990), e a terceira foi difundida por Abric (1998).

Apresentamos, na sequência, uma síntese dos principais elementos que caracterizam a Teoria do Núcleo Central, desenvolvida por Abric, conforme Sá (2002).

A Teoria do Núcleo Central (TNC), desenvolvida por Abric (1998), sem nenhuma intenção de substituir a primeira abordagem teórica desenvolvida por Serge Moscovici, é considerada uma grande contribuição aos estudos das representações sociais. Para Abric (1998), as representações sociais estão estruturadas ao redor de um núcleo central e dois subsistemas periféricos.

Considerando o conteúdo e o funcionamento do núcleo central, “os trabalhos teóricos atuais se esforçam para analisar os processos que determinam a natureza do núcleo central. Este é diretamente ligado à memória coletiva, à história do grupo, ao seu sistema de normas e valores, à natureza de seu envolvimento social” (SÁ, 2002, p. 10). O núcleo central é composto por elementos normativos e funcionais, que são hierarquizados. Os elementos normativos estão relacionados aos princípios, crenças e normas sociais pertinentes ao grupo social do qual fazem parte, já os elementos funcionais estão vinculados ao caráter dos objetos representados.

No que diz respeito à classificação do núcleo central, Sá (2002, p. 71) considera que “o levantamento do núcleo central é importante inclusive para conhecer o próprio objeto da representação, ou seja, para saber o que afinal de contas está sendo representado”. É

importante identificar o objeto das representações, uma vez que o núcleo central é vinculado às circunstâncias históricas e mostrado pela memória coletiva do grupo, assim como o seu sistema de crenças e hábitos.

Com relação ao sistema periférico, de acordo com Sá (2002, p. 10), “cada parte do sistema periférico está preferencialmente associada a um ou alguns elementos particulares do núcleo central”. O sistema periférico é encarregado de atualizar e contextualizar as representações sociais. Desse modo, as representações sociais constituem-se de ideias, valores, opiniões, crenças e atitudes e de dois subsistemas periféricos, cada um com uma função explícita e integrada.

Diante dessas considerações, existe a possibilidade de analisar a relação entre as representações sociais e a memória coletiva, de acordo com as concepções de Halbwachs ([1968] 2003). Apresentamos, a seguir, a Teoria da Memória Coletiva, elemento importante para integração com a Teoria das Representações Sociais, que fundamentou a pesquisa.

2.2 Teoria da Memória Coletiva

As pesquisas relacionadas ao campo de estudo da memória têm uma trajetória marcada pela contribuição de vários estudiosos, entre os quais Halbwachs ([1925] 2004). O autor desenvolveu alguns trabalhos no campo da sociologia, como **Os quadros sociais da memória** ([1925] 2004); **As causas do suicídio** ([1930] 2002); e **A memória coletiva** ([1968] 2003) – obra póstuma, em que se destacou com a ideia de consciência coletiva, circunstância que tornou seu trabalho um ponto de referência para compreensão das relações sociais.

De acordo com a perspectiva de Halbwachs ([1968] 2003), os acontecimentos que tiveram impactos significativos determinam a consciência individual; assim, ao considerar as ideias e os hábitos que as pessoas atribuem ao ambiente social, é possível localizar e explicar as suas memórias. Nesse sentido, para redescobrir os estados de consciência, é necessário fazer uma reflexão, e isso não é possível se não observar as informações que também são fundamentais e válidas para outros membros de uma mesma comunidade.

Na obra **Os quadros sociais da memória**, Halbwachs ([1925] 2004) afirma que, para localizar uma memória, é preciso vinculá-la a um conjunto de outras memórias. Nessa perspectiva, o que aproxima a memória não é o tempo, mas um conjunto de pensamentos comuns a um grupo com o qual ela está relacionada.

Para Halbwachs ([1925] 2004), os quadros sociais da memória são combinações de lembranças individuais dentro de grupos aos quais os indivíduos pertencem. Logo, o pensamento social lembra o sentido dos quadros da memória coletiva, já que compartilha as memórias de uns com outros.

Na obra **A memória coletiva**, Halbwachs ([1968] 2003) afirma que a memória é formada por meio de laços sociais entre indivíduos e se constitui no momento presente mediante um fundo social e coletivo. Nessa circunstância, para localizar uma lembrança, é necessário buscar inicialmente os quadros sociais reais que servem de referência na reconstrução da memória, em um movimento de tempo e espaço determinados.

De acordo com a concepção de Halbwachs ([1968] 2003), a memória pode partir do contexto individual, coletivo, histórico, da observação do tempo, do espaço e do grupo. Halbwachs ([1968] 2003) estabeleceu distinção entre a memória individual e a memória coletiva; assinalou que a memória é constituída por laços sociais entre os indivíduos e os grupos, é estabelecida no momento presente, levando-se em conta o meio social e coletivo em que ela é definida. Nessa concepção, é possível identificar a memória por intermédio das lembranças de um indivíduo, considerando o seu meio social e sua relação entre os grupos aos quais esteja atrelado. O autor buscou compreender a formação da memória, do ponto de vista, tanto individual quanto coletivo.

Durante muito tempo, a filosofia, a psicologia e a neurociência cognitiva realizaram observações, experimentos e estudos em busca de evidências para compreender os processos mentais e o comportamento das pessoas. Halbwachs ([1968] 2003), procurando compreender o que ocorre no cérebro humano durante o processo de constituição da memória, afirmou que, para lembrarmos de algo, necessitamos realizar evocação das recordações. Nesse sentido, a memória sempre terá um fundo coletivo e até social, o que a torna elemento de grande valor na compreensão ou reconstrução da história, relembrando e recompondo o passado por meio da consciência individual e coletiva. Ao analisar algumas particularidades relacionadas a determinados grupos sociais, como tendências, diferenças de comportamentos ou, mesmo, anseios, Halbwachs ([1958] 2003) afirmou que as pessoas se caracterizam, essencialmente, por seu grau de vínculo na organização das relações sociais.

Com o passar do tempo, Halbwachs ([1968] 2003) aprofundou suas ideias, vindo a sugerir não ser possível imaginar o enigma das recordações e as localizações das lembranças sem observar as relações e os contextos sociais, já que eles são as bases para a constituição da memória. Assim, a memória pode ser entendida como mecanismo de reconstrução e

reconhecimento, pois ela opera como a reconstituição do que ocorreu com os outros no passado por meio também da linguagem.

Nessa perspectiva, a memória é reconhecimento e percepção, espaço e movimento, é localizada em um espaço e pensada de acordo com os diversos âmbitos, entre eles o social e o psicológico (HALBWACHS, [1968] 2003). Desse modo, cada pessoa pode ver a memória do lugar que lhe interessar. De acordo com Magalhães e Almeida (2011, p. 99), “a noção de memória coletiva cunhada por Halbwachs tem gerado vários questionamentos. Contudo, continua sendo um conceito importante, nomeadamente pelo fato de o autor ter destacado o valor social da memória”. Assim, a memória pode ser prestigiada à luz de fatores coletivos, e não exclusivamente de fatores psicológicos e biológicos.

Ademais, com o passar dos anos, o campo de estudos da memória se expandiu, o que oportunizou o desenvolvimento de estudos em uma perspectiva psicossocial. Ao considerar que as informações relacionadas às teorias da memória tiveram início com a filosofia e permanecem cultivadas por áreas afins, é possível recorrer a outras abordagens teóricas para compreender as especificidades e peculiaridades que abrangem o seu universo e seu campo de estudo.

Simultaneamente, existe um amplo movimento realizado por profissionais do campo interdisciplinar, os quais buscam articular elementos por meio de informações que se unem no sentido de percorrer caminhos diversificados para compreender e explicar a função social e psicológica da memória. Dessa forma, pesquisadores de distintas áreas têm recorrido a diferentes perspectivas teóricas na busca de alternativas para realizar um posicionamento sobre a função da memória, levando em consideração, tanto o meio acadêmico quanto o meio social.

Visando compreender a vida do homem em sociedade e as relações entre os grupos sociais, encontramos em Halbwachs ([1968] 2003), informações atreladas ao campo de estudos da memória. Conforme o autor, buscamos testemunhos para alimentar ou diminuir as memórias, assim como para aperfeiçoar o que se sabe sobre acontecimentos conhecidos, ainda que muitas situações continuem obscuras. Nessa perspectiva, ao buscar recordar, pode-se partir do próprio testemunho e avançar em objetos que nos rodeiam, como também nas relações e nas ligações entre os grupos sociais.

Com o objetivo de compreender os significados e a relação das experiências vivenciadas por meio da memória, recorreremos a Lowenthal (1998, p. 75), para quem “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos a

consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado”. Desse modo, a memória se torna um meio de refúgio que permite o aparecimento contínuo e atualizado das experiências que foram vivenciadas.

Para Peralta (2007, p. 5), “a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade”. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que os valores e princípios são solidificados, ao possibilitar a reconstituição do passado, a memória alcança também as características do grupo ao qual esteja vinculada. Ao considerar os processos gerais de formação da memória mediante uma perspectiva cognitiva, Chaves (1993), afirma que a memória envolve um número de processos cognitivos sequenciais, em que a informação inicialmente entra na memória sensorial e evolui por meio de um armazenamento em centésimos de milissegundos.

Schmidt e Mahfoud (1993, p. 291) consideram que “a memória individual pode ser entendida como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas”. Dessa forma, é possível afirmar que falar de memória exige um esforço, um estímulo para lembrar de algo, seja uma experiência pessoal seja coletiva e, até mesmo, a busca de compreensão pelas tradições durante a narração de acontecimentos.

Nessa perspectiva, conforme identificado em Sá (2007), a memória tem sido utilizada como objeto de estudo para auxiliar na compreensão da sociedade. Logo, é possível recorrer à Teoria da Memória para compreender a história, a cultura das pessoas e até o uso de máquinas e equipamentos. Por se tratar de uma esfera de investigação ampla, os estudos relacionados ao campo da memória social têm por objetivo realizar a análise de diferentes maneiras pelas quais as pessoas moldam o passado, isto é, de maneira consciente ou não e de modo consensual ou conflitivo.

Conforme estudo realizado por Alba (2014, p.540), Halbwachs sugere várias propostas desafiadoras em sua Teoria da Memória Coletiva:

A primeira proposta ousada de Halbwachs é que a memória não é armazenada em qualquer lugar, que não há um depósito de memórias, onde devem ser mantidas intactas, mas que o indivíduo reconstitui o passado a partir de sua posição social, sua identidade e seu estado emocional, no presente. A segunda proposta consiste em postular que a memória é um processo inteligente. A terceira proposta é que a memória é realizada somente na interação (real ou simbólica) com os outros e dentro de contextos

sociais. A memória é baseada no presente porque, para Halbwachs, o sujeito é alguém que reflete, a todo momento, sobre o que acontece.

Segundo os movimentos anteriormente expostos, é possível identificar na memória das pessoas, os objetos, os eventos ou os fatos localizados no tempo, no espaço ou no grupo social, a que esteja relacionada. As memórias perduram e apresentam coesão entre os membros de um grupo; conforme Halbwachs ([1968] 2003, p. 30), “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”. Nesse ponto, a memória coletiva apresenta as particularidades dos membros do grupo no momento em que a memória individual dos membros se encontra em comunhão, de acordo com as normas prescritas pela coletividade.

Dessa forma, um acontecimento torna-se um ponto de referência, na medida em que é analisado em face dos parâmetros do grupo. Assim, um indivíduo é parte de vários grupos e, quanto mais vinculado ao grupo, maior facilidade terá de seguir em direção ao passado para buscar as imagens, ideias e acontecimentos, uma vez que sozinho não consegue se recordar. No que se refere à transição das atividades desenvolvidas entre os grupos, assim como as suas transformações, observamos que:

O tempo e o espaço são, para Halbwachs, marcos sociais que dão identidade e estabilidade ao grupo. Este imobiliza o tempo, mantendo a ilusão de que durante certo período existe uma calma e um equilíbrio que o fazem permanecer igual no que é essencial. O espaço, por sua vez, oferece um sentimento de ordem e quietude enquanto os objetos com os quais estamos em contato diário não o mudem ou o façam lentamente (ALBA, 2014, p. 547).

Assim, a continuidade de um grupo está assegurada pela delimitação de um tempo e um espaço duráveis. Portanto, a memória coletiva encontra-se vinculada à memória desse grupo, em função da concordância estabelecida entre as relações e práticas.

Para avançarmos nessa discussão, a seguir, serão apresentadas algumas concepções estabelecidas entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva.

2.3 Aproximação conceitual entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva

Com a releitura dos trabalhos de Durkheim ([1924] 1970), Moscovici ([2000] 2012, p. 15) e Halbwachs ([1968] 2003), foi possível apreender os conceitos principais dessas teorias e

a relação entre elas. Consideramos a possível existência de uma ligação epistêmica entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva, baseadas no conceito de representações coletivas de Durkheim ([1924] 1970). Para destacarmos os pontos de confluência entre elas, cabe-nos observar que

[...] embora o conceito de representações coletivas de Émile Durkheim se legitime originalmente no saber disciplinar da Sociologia, a noção de representação coletiva perpassa os limites dos saberes sociológicos, chegando até os aportes teóricos da Psicologia Social por meio de Moscovici, com a noção de Representação Social, que sem dúvidas contribuiu para consolidar o campo psicossociológico de produção de conhecimento. (OLIVEIRA; BERTONI, 2019, p. 257).

As representações coletivas em Durkheim ([1924] 1970) nascem em razão da força coercitiva da linguagem de sua época; a sua teoria analisa como a questão da coercitividade se impõe sobre o indivíduo.

Segundo Moscovici ([2000] 2012, p. 15), “Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo”, enquanto ele, Moscovici, esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade. Desse modo, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici nasce na multiplicidade de ideologias, princípios e convicções coletivas das sociedades modernas, em busca de uma alternativa positiva, na qual, em face das trocas sociais, essas representações são estruturadas.

Por esse ângulo, faz-se necessário mencionar a natureza convencional e prescritiva das representações sociais, as quais intervêm em nossa atividade cognitiva e existem independentemente dela. Formalmente, as representações sociais têm duas funções:

Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 34, grifos do autor).

Ao convencionar os objetos, os acontecimentos, damos uma forma, criamos um modelo, de acordo com a realidade e o compartilhamento das crenças e da mesma cultura e, por meio da linguagem, comunicamos aquelas informações atribuídas pelas representações relacionadas ao grupo a que se está vinculado. Outra função das representações sociais é a

prescrição: “Isto é, em segundo lugar, as representações são *prescritivas*, pois se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 36, grifos do autor).

Dessa forma, as representações sociais nascem em razão de um caráter prescritivo e pela criatividade e protagonismo do indivíduo. Nesse sentido, Moscovici ([2000] 2012) analisa uma sociedade diferente de Durkheim, pois vivia em uma sociedade do pós-guerra, que emergia da ciência e do senso comum.

O conjunto de classificações, símbolos e imagens conduz as pessoas na sociedade ou mesmo as descrições científicas que as acompanham, as quais podem ser consideradas “um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva, e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 37). Por conta disso, podemos considerar essa conexão que associa a Teoria das Representações Sociais com a Teoria da Memória Coletiva. Isso é possível porque Halbwachs ([1968] 2003) também parte de um caráter coercitivo, assim como Moscovici, para analisar como a sociedade se organiza. Dessa forma, a memória tem o caráter de reconstituir, reorganizar e rerepresentar a imagem retocada. Este é um avanço importante que deve ser evidenciado; uma vez que a memória representa a vida, ela conduz informações de grupos vivos que estão em constante evolução.

Outro ponto que indica a existência de aspectos teórico-conceituais que associam a Teoria das Representações Sociais com a Teoria da Memória Coletiva está relacionado aos:

[...] sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que reflete um conhecimento anterior. (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 37).

Em vista disso, as representações sociais constituem os elementos essenciais para a organização da memória. Segundo Moscovici ([2000] 2012, p. 78):

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Dito isso, para promover a aproximação conceitual entre as teorias representações sociais e memória coletiva, destacamos a relevância do processo de ancoragem, pois é, por meio desse processo, que é possível absorver informações novas para agregar às existentes. Conforme exposto anteriormente, o processo de ancoragem se dá no momento em que

[...] nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, é rotulá-lo com um nome conhecido. No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então comunicá-lo, nós podemos representar o não usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar. (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 61-62).

Nessa circunstância, é necessário ter acesso a uma referência, modelo ou exemplo que estejam armazenados na nossa memória; depois, classificá-los e, em seguida, imaginá-los e representá-los. Nesse momento, determinamos uma ligação positiva ou negativa, desenvolvendo uma vinculação entre a memória e a representação social.

De acordo com Alba (2014, p. 553), “Halbwachs utiliza o termo de representação como um mecanismo psicológico que participa no processo de reconstrução da memória”. Ainda segundo a autora, “os sistemas simbólicos permitem estabelecer uma relação direta com a RS, e inclusive pensar que para a memória coletiva as representações sociais são um insumo importante” (ALBA, 2014, p. 553). Nesse contexto, a memória pode ser considerada um procedimento inteligente em que as representações sociais exercem atividades essenciais, as quais contribuem para a reconstrução dos acontecimentos por meio de interesses do presente (ALBA, 2014).

Segundo Alba (2014), observando o desenvolvimento da Teoria da Memória Coletiva, percebe-se que Halbwachs não era um estudioso passivo; pelo contrário, ele desenvolvia um discurso crítico:

Sua teoria da memória se fundamenta em uma fenomenologia da memória na qual o social se faz presente nos processos psicológicos que o geram. Apesar dos determinantes sociais da memória, Halbwachs não propõe que esta seja um corpo de ideias independente dos indivíduos, mas tenta explicar as maneiras pelas quais a memória coletiva opera nas pessoas e nos grupos, levando o leitor pela mão em um exercício de rememoração e de raciocínio sobre o funcionamento de sua própria memória como um processo mental sempre vinculado ao grupo e à sociedade. É por isso que a sua Teoria da

Memória se situa no campo da psicologia coletiva, como indica a cadeira que foi criada por ele no *Collège de France*, e também no campo de uma sociologia que olha para o indivíduo. (ALBA, 2014, p. 554, grifos da autora).

Notamos, assim, que o conhecimento de memória coletiva de Halbwachs ([1968] 2003), se associa ao conceito de representações sociais proposto por Moscovici ([2000] 2012). Além disso, observamos outra inferência básica: tanto a Teoria das Representações Sociais quanto a Teoria da Memória Coletiva estão relacionadas à capacidade de interação social.

Conforme Alba (2014), quando as relações sociais são estabelecidas, as representações e as memórias são constituídas conforme o lugar que ocupam no contexto social. Desse modo, a maneira de relação entre os grupos engrandece o processo de ancoragem da Teoria das Representações Sociais (TRS) e “o processo de objetivação da TRS, por sua vez, traz clareza para o caráter gestáltico da lembrança que Halbwachs vê como esquema” (ALBA, 2014, p. 565). Enfim, no momento em que o relacionamento é estabelecido entre as pessoas, as representações são criadas e expandidas. Em vista disso, a memória coletiva se estabelece por meio de uma reconstrução de fatos e acontecimentos do passado e é processada mediante uma interação simbólica entre as pessoas.

As pesquisas sobre as Representações Sociais (RS) são importantes para compreensão das relações, contextos e situações que envolvem as pessoas, visto que é por meio delas que as pessoas conseguem conduzir os próprios passos. Portanto, da compreensão dos pensamentos, é possível explicar a realidade e estabelecer relações com o meio em que se vive. Buscar a articulação entre a teoria da memória e a abordagem psicossocial é importante para ajudar a analisar acontecimentos, apoiando-se em aspectos significativos, na medida em que se explica por intermédio de laços ou comportamentos sociais.

Uma definição geral de memória é algo delicado, uma vez que o processamento de informações não pode ser visto como algo isolado, mas como dependente da percepção e influenciado por diversas variáveis. Com base no estudo dos quadros sociais da memória, constatamos que ela se apoia nos acontecimentos significativos e fortes. Com o interesse pelo presente, é possível retornar ao passado para resgatar algo relacionado à narrativa dos fatos.

A aproximação conceitual entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva é debatida por diferentes teóricos. Ao longo deste estudo, apresentamos algumas considerações e correlações epistêmicas em comum associadas às duas teorias, que se engrandecem significativamente ao serem correlacionadas. Não há pretensão de esgotar a discussão sobre as aproximações teóricas, contudo sabemos que a relação entre elas ocorre

quando se recorre à memória para encontrar informações que possibilitarão, na sequência, nomear um objeto, pessoa ou situação, permitindo, em seguida, uma conexão entre as teorias.

Nessa perspectiva, conhecer as peculiaridades que envolvem os campos conceituais da relação entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Memória Coletiva poderá subsidiar as análises sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre eletricitistas. Como mencionado anteriormente, a bebida alcoólica é uma droga lícita, presente na sociedade brasileira desde seus primórdios e culturalmente aceita em todos os segmentos sociais.

Na sequência, apresentamos os aspectos históricos do álcool, discorrendo sobre o seu metabolismo no organismo e as consequências do uso abusivo.

2.4 Aspectos históricos das bebidas alcoólicas e as consequências do seu uso abusivo

O consumo de drogas faz parte de uma tradição milenar na cultura humana. Segundo Carneiro (2002, p. 3), “não apenas o álcool, como quase todas as drogas são parte indispensável dos ritos da sociabilidade, da cura, da devoção, do consolo e do prazer”. As pessoas recorrem ao uso de drogas em diversos contextos, entre eles os ambientes hospitalares, para auxiliar nos cuidados médicos; os ambientes de rituais religiosos; os ambientes sociais, para auxiliar nas interações, como fonte de prazer, para amenizar dificuldades ou fugir de certos problemas e os ambientes de trabalho.

A indústria que desenvolve as drogas se baseia em dados pouco controlados, muito embora seja fato que o consumo exagerado dessas substâncias seja prejudicial à saúde e que a dependência de bebidas alcoólicas pode atingir as pessoas em diferentes faixas etárias e regiões do mundo. A produção e o consumo de drogas fazem parte de uma dinâmica econômica e social, a qual leva ao desenvolvimento urbano de muitas regiões, independentemente dos danos que podem causar à população.

Os estudos relacionados à produção e ao consumo de drogas no mundo mostram que “o Brasil foi parte integrante do fenômeno mundial caracterizado como revolução psicoativa. Ele foi, durante toda a sua história, um grande produtor de drogas e um dos responsáveis pela vulgarização de alguns itens como o açúcar, o café e o tabaco” (TORCATO, 2015, p. 60). Ainda de acordo com Torcato (2015), as drogas são vistas em um contexto cultural que valoriza os estados de consciência alterados, de modo que se torna uma fonte de inspiração e interesse. Ainda mais, o consumo e a comercialização das drogas representam negócios regionais das mais diferentes maneiras, conforme as predileções locais. Ao considerar a

natureza do consumo, salientamos que o uso das drogas passou por situações de proibição e licitude:

O estatuto do proibicionismo separou a indústria farmacêutica, a indústria do tabaco, a indústria do álcool, entre outras, da indústria clandestina das drogas proibidas, num mecanismo que resultou na hipertrofia do lucro no ramo das substâncias interditas. No início do século a experiência da Lei Seca, de 1920 a 1934, nos Estados Unidos, fez surgir as poderosas máfias e o imenso aparelho policial unidos na mesma exploração comum dos lucros aumentados de um comércio proibido, que fez nascerem muitas fortunas norte-americanas, como a da família Kennedy, por exemplo. O fenômeno da Lei Seca se repete no final do século XX, numa escala global, com uma dimensão muito mais gigantesca de um comércio de altos lucros, gerador de uma violência crescente. O consumo de drogas ilícitas cresce não apesar do proibicionismo também crescente, mas exatamente devido ao mecanismo do proibicionismo que cria a alta demanda de investimentos em busca de lucros. (CARNEIRO, 2002, p. 3).

As bebidas alcoólicas, no Brasil, fazem parte da categoria de droga psicotrópica lícita, já que o consumo e a comercialização são permitidos por lei. Sobre o acesso a bebidas alcoólicas, Bertoni (2015, p. 22) afirma que elas “são produtos de fácil aquisição e, por terem uma variedade de tipos e preços, estão presentes em todos os segmentos sociais”. No Brasil, o álcool é considerado como uma droga lícita e faz parte da composição de várias substâncias que são utilizadas para alterar o comportamento humano, principalmente em situações de entretenimento. Já as drogas ilícitas, apesar de aceitas por um grupo significativo de pessoas da sociedade, são proibidas, pela legislação, de serem comercializadas.

À luz dessas considerações, recorreremos ao III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira, publicado em 2017 pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), vinculada ao Ministério da Saúde, para analisar o panorama das bebidas alcoólicas no Brasil (BASTOS et al., 2017). Tal levantamento se baseou em informações coletadas em cidades de pequeno e médio porte, assim como em zonas de fronteira do país.

Quanto ao uso de substâncias lícitas desse relatório, verificamos, de maneira mais detalhada, os dados relacionados ao consumo de álcool. Neles foram incluídas questões envolvendo frequência, quantidade e idade do primeiro consumo. Também foram incluídas algumas estimativas de prevalência do uso de bebida alcoólica na vida, nos últimos 30 dias e nos últimos 12 meses, com base em categorias, como sexo, faixa etária, nível de escolaridade e domínio geográfico. Apresentamos, no Quadro 1, os resultados que envolvem as variáveis anteriormente citadas.

Conforme as informações expostas no Quadro 1, vale observar que 74,3% de homens reportaram, pelo menos uma vez na vida, consumir bebidas alcoólicas. Entre eles, a idade mediana de início de consumo de bebidas foi de 15,7 anos. Salientamos que esse levantamento alcançou abrangência nacional, na tentativa de contribuir com a elaboração de programas governamentais e políticas públicas que objetivavam diminuição dos efeitos relacionados ao uso nocivo de drogas no Brasil.

Quadro 1 - Prevalência do consumo de bebida alcoólica no Brasil, 2017.

Categoria	Descrição	Prevalência
Consumo de bebidas alcoólicas	Nos últimos 30 dias, aproximadamente 46 milhões de habitantes consumiram álcool, o que corresponde a:	população brasileira (30,1%)
Sexo	Uma maior proporção de homens reportou o consumo de bebidas alcoólicas na vida:	homens (74,3%) mulheres (59%)
Faixa etária	Nos últimos 30 dias, as maiores proporções de consumo do álcool foram encontradas entre indivíduos de 25 a 34 anos:	25 a 34 anos (38,2%) 12 a 17 anos (8,8%)
Nível de escolaridade	Nos últimos 30 dias, o consumo foi maior entre pessoas com nível superior completo ou mais. Com menor nível escolar, a proporção reduziu:	nível superior ou mais (43,9%) ensino fund. incompleto/sem instrução (27,2%)
Domínios geográficos	Nos últimos 12 meses, o consumo foi maior nas regiões metropolitanas do que nas regiões não metropolitanas:	regiões metropolitanas (47%) regiões não metropolitanas (41,3%)
Idade do primeiro consumo	A idade mediana de início de consumo ao menos uma vez na vida foi menor entre homens do que entre as mulheres:	homens (15,7 anos) mulheres (17,1 anos)

Fonte: adaptado de Bastos et al., 2017.

Com relação à ingestão de bebidas alcoólicas, Batista (2018) demonstra, em seu estudo, que este é um comportamento motivado, muitas vezes, por pessoas que fazem parte do contexto familiar, que podem ser familiares ou amigos próximos. Em alguns casos, o consumo desordenado tem início nas reuniões de família ou em atividades com pessoas que apresentam um vínculo afetivo e fazem parte do mesmo grupo.

De acordo com o **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**, da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), um padrão problemático relacionado ao uso de álcool pode trazer comprometimentos clinicamente significativos. Portanto, para avaliar uma intoxicação por álcool, devemos considerar os critérios elencados a seguir.

A. Ingestão recente de álcool. **B.** Alterações comportamentais ou psicológicas clinicamente significativas e problemáticas (por exemplo, comportamento sexual ou agressivo inadequado, humor instável, julgamento

prejudicado) desenvolvidas durante ou logo após a ingestão de álcool. **C.** Um (ou mais) dos seguintes sinais ou sintomas, desenvolvidos durante ou logo após o uso de álcool: Fala arrastada; incoordenação/instabilidade na marcha; nistagmo; comprometimento da atenção ou da memória; estupor ou coma. **D.** Os sinais ou sintomas não são atribuíveis a outra condição médica nem são mais bem explicados por outro transtorno mental, incluindo intoxicação por outra substância. (APA, 2014, p.497).

Vale considerar que o processamento do álcool no organismo passa por etapas que envolvem a assimilação, o transporte no sangue, a captação hepática, o transporte intracelular, a formação bioquímica e a excreção do organismo:

Alguns indivíduos metabolizam o álcool melhor que outros. Além disso, é possível que ocorra algum tipo de alteração no sistema biológico devido ao consumo frequente e abusivo do álcool ou ao esgotamento do organismo, fazendo com que uma pessoa que, até então, tolerava bem o álcool passe a reagir ao consumo de forma patológica. É importante considerar, também, a quantidade de bebida consumida diariamente por um período prolongado, sendo que a fronteira de risco para os homens é aproximadamente 60g de álcool puro/dia e para as mulheres, de 40 g/dia. Isso significa que uma margem segura deve estar abaixo desses limites. (HECKMANN; SILVEIRA, 2009, p. 7).

Como o consumo excessivo de álcool pode contribuir para o surgimento de várias doenças em razão do metabolismo pelo organismo humano, encontramos a seguinte informação no estudo realizado por Wannmacher (2007, p. 3):

O álcool é absorvido no estômago e, predominantemente, no intestino delgado. Sua biodisponibilidade é de 100%. A presença de alimento retarda o esvaziamento gástrico, diminuindo a velocidade de absorção e produzindo menor intensidade de efeitos. Distribui-se amplamente no organismo, atingindo concentrações cerebrais semelhantes às plasmáticas. A biotransformação hepática do álcool envolve duas enzimas: álcool desidrogenase e aldeído desidrogenase. A primeira metaboliza o álcool a acetaldeído, substância tóxica e carcinogênica. Numa segunda etapa, acetaldeído transforma-se em acetato que, por sua vez, é facilmente metabolizado em água e CO₂.

Portanto, o uso desordenado de álcool traz prejuízos significativos (**biológicos** – que envolvem a capacidade de metabolismo e provável dependência; **psicológicos** – que estão relacionados a dificuldades em resolver problemas e enfrentar frustrações; **sociais** – que potencializam as dificuldades relacionadas a interações sociais, seja em casa, seja entre grupos sociais), tanto para o consumidor, quanto para aqueles que estão à sua volta, conforme expõe o **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)** da *American*

Psychiatric Association, no que diz respeito aos sintomas que podem ser considerados característicos da abstinência de álcool.

A. Cessação (ou redução) do uso pesado e prolongado de álcool. B. Dois (ou mais) dos seguintes sintomas, desenvolvidos no período de algumas horas a alguns dias após a cessação (ou redução) do uso de álcool descrita no Critério A: hiperatividade autonômica (por exemplo, sudorese ou frequência cardíaca maior que 100 bpm); tremor nas mãos; insônia; náusea ou vômito; alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias; agitação psicomotora; ansiedade; convulsões tônico-clônicas generalizadas. C. Os sinais ou sintomas do Critério B causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. D. Os sinais ou sintomas não são atribuíveis a outra condição médica nem são mais bem explicados por outro transtorno mental, incluindo intoxicação por ou abstinência de outra substância. Especificar se: Com perturbações da percepção: este especificador aplica-se aos raros casos em que alucinações (geralmente visuais ou táteis) ocorrem com teste de realidade intacto ou quando ilusões auditivas, visuais ou táteis ocorrem na ausência de *delirium*. (APA, 2014, p. 499).

Como o álcool é considerado uma droga de acesso fácil, ele atinge pessoas de todas as classes sociais. Conforme dito anteriormente na obra **Se beber não dirija: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas**, Bertoni (2015) confirma que o alcoolismo é um problema que acomete pessoas de esferas sociais distintas. Para a autora, as representações formadas sobre os alcoolistas restringem a maneira de vê-los:

Muito além de qualquer tipo de discriminação relacionada à cor da pele, etnia ou posição socioeconômica, a representação que muitos têm de alcoolismo e do alcoolista restringe a maneira de enxergar as pessoas. “Enxergar com olhos de ver”, pois o amigo que parece ser engraçado e nos diverte quando bebe pode ser apenas o amigo que esteja precisando de uma ajuda profissional especializada. Encarar o alcoolismo como doença passível de tratamento e cuidado é mais do que a busca de um conceito, é a preocupação individual e social diante dos índices de jovens envolvidos em acidentes e mortes por desconhecerem ou desconsiderarem os efeitos provocados pelo uso abusivo do álcool. (BERTONI, 2015, p. 37).

Nessa perspectiva, como o alcoolista² é uma pessoa que necessita de suporte para tratar a dependência e melhorar a sua qualidade de vida, fazem-se necessários comprometimento e apoio familiar para auxiliá-lo no enfrentamento dessa fase. Logo, é importante considerar as informações que envolvem os padrões de consumo, os problemas de

² Define o alcoolista como um bebedor excessivo cuja dependência em relação ao álcool é acompanhada de perturbações mentais, da saúde física, da relação com os outros e do comportamento social e econômico (HECKMANN; SILVEIRA, 2009, p. 68).

saúde e as estratégias de enfrentamento para as dificuldades encontradas. Isso conduz a uma reflexão sobre os dados epidemiológicos do consumo de álcool no Brasil, que serão apresentados a seguir.

De acordo com Pinsky, Zaleski e Laranjeira (2010), as pesquisas envolvendo dados epidemiológicos indicam que a ingestão de bebidas alcoólicas no Brasil, especificamente entre a população jovem, é um significativo problema de saúde pública. Porém, para esses autores, nenhum estudo havia contemplado um retrato preciso sobre os padrões de consumo de álcool. Esses pesquisadores realizaram um levantamento, por meio de entrevistas, com 2.346 adultos maiores de 18 anos, cujos resultados revelam que

[...] entre aqueles que consomem bebidas alcoólicas, praticamente um quarto apresenta problemas e consome quantidades potencialmente prejudiciais. O consumo entre homens, solteiros e mais jovens é usualmente mais frequente, em maiores quantidades e associado a maiores problemas. Os novos dados também permitem uma reflexão sobre um tipo de consumo de risco, o beber em binge (o consumo de quatro ou mais doses de bebidas alcoólicas pelas mulheres e cinco ou mais pelos homens, em uma única ocasião). Há anos esse padrão de consumo tem sido apontado internacionalmente como associado a uma série de problemas, incluindo prejuízos de saúde e relacionados à violência, além de problemas no âmbito ocupacional (faltas nos estudos, no trabalho). Além disso, levando-se em conta que um terço dos homens e pouco mais de metade das mulheres não relatam consumo de álcool no último ano, os índices de abuso e dependência encontrados entre os adultos no estudo são considerados elevados. (PINSKY; ZALESKI; LARANJEIRA, 2010, p. 2014).

Esses dados são importantes para a reflexão sobre padrões de consumo, problemas de saúde e estratégias de enfrentamento das dificuldades. A temática anteriormente citada também nos faz recordar uma variedade significativa de pressupostos, entre eles os argumentos “neuroquímicos, neurobiológicos, psicológicos, éticos, sociológicos, culturais, jurídicos, econômicos, políticos; em nível do indivíduo, do grupo, do bairro, da região, do Estado, da comunidade mundial” (ACSELRAD, 2014, p. 8). Nessa perspectiva, as dificuldades e os problemas atrelados ao consumo de álcool estão relacionados a um padrão que envolve um contexto científico, social e cultural.

Em razão das informações relacionadas ao consumo de álcool, estudos realizados por Garcia e Freitas (2015), com o objetivo de identificar informações sobre as condições de saúde da população brasileira, demonstraram que

[...] a prevalência do consumo abusivo de álcool na população brasileira foi 13,7% (IC 95% 13,1; 14,2%). Entre os homens, foi 3,3 vezes maior que

entre as mulheres. Verificaram-se prevalências mais elevadas também entre adultos jovens, de cor da pele preta ou indígena, fumantes e pessoas que avaliaram sua saúde como boa ou muito boa. Prevalências menores foram observadas entre indivíduos sem instrução ou com ensino fundamental incompleto e entre aqueles que referiram apresentar morbidades. Quanto ao local de residência, prevalências mais expressivas foram encontradas entre residentes em áreas urbanas e nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, enquanto a região Sul apresentou menores prevalências. (GARCIA; FREITAS, 2015, p. 231).

Dados semelhantes foram encontrados em outro estudo realizado no ano de 2016, com 281 universitários, com o objetivo de avaliar o padrão de consumo de álcool e o impacto da intervenção breve. De acordo com os resultados apresentados, 90% dos participantes tinham ingerido bebida alcoólica em um certo momento na vida. O estudo também demonstrou “porcentagem de primeiro uso bem mais elevada (38,3%) junto aos parentes, evidenciando a influência da família na iniciação do consumo do álcool” (SAWICKI *et al.*, 2018, p. 551).

Considerando as informações da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, constatamos um aumento significativo do uso de bebidas alcoólicas:

Em 2019, 26,4% da população com 18 anos ou mais costumavam consumir bebida alcoólica uma vez ou mais por semana, o que representa aumento de 2,5 pontos percentuais em relação a 2013, quando esse percentual foi de 23,9%. Em 2019, a proporção de homens que tinham o hábito de consumir bebida alcoólica ao menos uma vez por semana era de 37,1%, superior ao observado entre as mulheres (17,0%). A proporção de mulheres que consumiam bebida alcoólica uma vez ou mais por semana cresceu 4,1 pontos percentuais frente a 2013 (12,9%), enquanto o percentual dos homens ficou praticamente estável (36,3%). (IBGE, 2020, *on-line*).

Em vista das informações, concluímos que a ingestão de bebidas alcoólicas representa um indicador de um problema de saúde pública no Brasil. Como, tanto a Teoria da Memória, quanto a Teoria das Representações Sociais se dedicam a alcançar o indivíduo em relação a sua interação na sociedade. Prossegue-se a discussão utilizando a Teoria da Memória Coletiva, para auxiliar na compreensão dos valores e costumes adquiridos pelos indivíduos, e a Teoria das Representações Sociais. Tal análise auxiliará na compreensão das percepções dos indivíduos sobre o uso de bebidas alcoólicas.

2.5 Representações sociais e memória coletiva sobre o uso de bebidas alcoólicas

De acordo com Moscovici ([2000] 2012, p. 21), “as representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social”. As representações sociais perpassam um ciclo de atualização a depender da cultura, do meio social, dos costumes e da memória que são estabelecidos entre os membros de um grupo:

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância essa pessoa recebe sua influência. (HALBWACHS, [1968] 2003, p. 41-42).

Desse modo, os mecanismos que constituem a memória ocorrem por meio de hábitos, relações estabelecidas e costumes, os quais representam valores que sejam significativos para os indivíduos e passam a ser reproduzidos pelos integrantes do grupo. Com o objetivo de compreender os impactos relacionados ao consumo de bebida alcoólica, serão analisados os achados a respeito da memória coletiva e das representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas.

Santos (2017) propôs entender a construção de representações sociais sobre bebidas alcoólicas no meio rural, no interior da Bahia, cujo propósito foi identificar as práticas locais e a maneira como as relações sociais direcionam as decisões:

A comunidade rural onde foi desenvolvida a pesquisa traz uma cultura local carregada de valores e crenças que foram armazenadas na memória coletiva do grupo e tem uma significação, sendo compartilhada socialmente. Quanto à bebida alcoólica, é comum seu uso em festas religiosas, como as de Santo Antônio, São João, São Pedro, Festa de Reis, comemora-se o nascimento (com o uso da temperada). A bebida alcoólica é utilizada nos velórios (com a prática de beber o morto), utiliza-se também como medicamento, para fins espirituais, enfim, a bebida alcoólica é utilizada para uma infinidade de objetivos. O consumo das bebidas alcoólicas nesses eventos já faz parte da memória do grupo e são compartilhadas cotidianamente como forma de representação. (SANTOS, 2017, p. 80).

O uso de bebidas alcoólicas se tornou uma tradição no meio rural e encontra-se enraizado nos ambientes, costumes e práticas locais. Dados semelhantes foram observados em outro estudo realizado no espaço rural, no interior do estado do Maranhão, por Batista (2018, p.82), segundo a qual:

[...] ficou evidente a presença das bebidas alcoólicas no cotidiano dos sujeitos pesquisados, seja por suas práticas, as quais foram verbalizadas, seja pelas práticas dos familiares, dos amigos ou pelos momentos festivos e de lazer que os adolescentes participam. [...] identificamos entre os adolescentes valores e representações construídas, sejam elas positivas ou negativas, acerca do consumo do álcool ao rememorarem suas percepções. Isso foi importante porque, ao fazerem uso de suas memórias, lembraram os sabores das bebidas que ouviram dizer em seus convívios, os torneios de futebol com a presença da venda e consumo do álcool, as festas no povoado que sempre são realizadas com o consumo da cachaça e que ressaltam que no povoado sempre foi assim: se não tiver cachaça, não tem festa, revelaram-nos relações cotidianas com o álcool.

Em decorrência das informações identificadas, essa autora observa que as pessoas do meio rural têm acesso fácil a bebidas alcoólicas e passam a consumi-las em idade precoce. Tal condição potencializa a vulnerabilidade e os fatores de riscos, já que não têm informações sobre danos, malefícios e prejuízos causados por essas substâncias. Nesse sentido, observamos em Carneiro (2002), Bertoni (2007) e Torcato (2015) que a bebida alcoólica não pode ser dissociada das relações sociais, por isso seu consumo é incentivado cada vez mais com o objetivo de proporcionar sensação de prazer, energia, potência e virilidade, independentemente dos danos atrelados ao consumo.

Buscamos identificar em outro estudo os desdobramentos relacionados àquelas pessoas que consomem bebidas alcoólicas e que procuram ajuda e permanecem ou não em tratamento. Estudo desenvolvido por Dias (2017) analisou a memória e representações sociais de mulheres que participam das reuniões de Alcoólicos Anônimos (AA), em um município do interior da Bahia. De acordo com os resultados, poucas mulheres permanecem participando das reuniões, e “os prováveis motivos pelos quais as mulheres participam pouco do programa de AA têm relação com as representações sociais sobre o alcoolismo e, sobretudo, sobre o consumo de bebidas alcoólicas por mulheres” (DIAS, 2017, p. 101). Outro motivo que sustenta o afastamento das mulheres dessas reuniões está relacionado ao horário, já que todos os encontros são realizados no turno noturno, quando muitas delas têm receio de sair, por medo da violência local.

As informações e as relações de consumo que estimulam o contato com a bebida alcoólica estão significativamente relacionadas ao meio social e cultural das pessoas. Esse dado foi identificado em um estudo realizado com adolescentes, no qual os autores observaram predominância do consumo do álcool em festas de amigos, assim como em casas de familiares, durante período festivo (NEVES; TEIXEIRA; FERREIRA, 2014). Assim, os fatores sociais e culturais podem ter impactos significativos, dados os padrões identificados de consumo do álcool.

Nesse contexto, é necessário entender o meio social, a cultura, a memória e as representações sociais dos indivíduos para inserir estratégias de enfrentamento no que diz respeito ao padrão de consumo de bebidas alcoólicas. A cultura pode ser compreendida por meio da manifestação de padrão social relacionado à vida humana, a qual assinala a sua dimensão coletiva:

O termo “cultura” no sentido figurado começa a ser utilizado, com mais frequência, no século XVIII, inicialmente, seguido de um complemento, “cultura das artes”, “cultura das letras”, “cultura das ciências”, como se fosse necessário que a coisa cultivada estivesse explicitada; em seguida, para designar a “formação”, a “educação” do espírito; e posteriormente, num movimento inverso, deixa de ter o significado de “cultura” como ação (ação de instruir) e passa a “cultura” como estado (estado do espírito cultivado pela instrução, estado do indivíduo que tem cultura). (GODOY; SANTOS, 2014, p. 18).

Ademais, “a centralidade da cultura não significa que ela é uma dimensão epistemologicamente superior às demais dimensões sociais, tais como a política, a econômica, a educacional, mas que atravessa toda e qualquer prática social” (GODOY; SANTOS, 2014, p. 7). Nessa perspectiva, essa centralidade sugere como a cultura está relacionada à vida social das pessoas. Apesar de muitos indivíduos terem conhecimento sobre os malefícios da bebida alcoólica em excesso, ainda se faz necessário estimular os fatores de proteção para diminuir o seu consumo e evitar danos à saúde.

O consumo de álcool encontra-se vinculado a vários contextos (simbologia em rituais religiosos, opção de lazer em festejos e confraternizações) e a situações que envolvem agressividade (acidentes diversificados, morte de consumidores); de qualquer forma, com o abuso dessa substância, pessoas próximas ou não podem ser afetadas. Conforme Dias (2017, p. 31), “na tentativa de uma aproximação com a questão do alcoolismo, no que diz respeito ao seu uso, abuso e dependência, fatores de ordem biológica, psicológica, cultural, social e

econômica contribuem para explicar o fenômeno”. Porém, não existe uma concordância no que diz respeito aos motivos que levam uma pessoa ao alcoolismo.

Como mencionamos, anteriormente, o álcool é facilmente encontrado no Brasil, e o acesso a essa substância é valorizado em contextos diversificados. Ele se tornou um elemento que auxilia na capacidade de interação, relaxamento e possibilidade de auxiliar o desenvolvimento de novos vínculos afetivos, contudo a sua ingestão de maneira abusiva traz prejuízos para quem consome, seus familiares, além de poder afetar, inclusive, o relacionamento com pessoas próximas.

A dependência de bebidas alcoólicas provoca alterações na cognição, no comportamento e na qualidade de vida do indivíduo dependente. “O hábito de se beber moderadamente ou ‘socialmente’, como costumamos dizer, por vezes, torna a pessoa tolerante à bebida e esta pode vir a transformar-se em um bebedor problema ou alcoolista” (BERTONI, 2006, p. 3). À medida que vai se instalando a dependência, é perceptível a necessidade de consumo incontrolável, a qual acarreta prejuízos na vida do consumidor e de todos à sua volta.

Os prejuízos relacionados ao uso equivocado de bebidas alcoólicas são encontrados igualmente, ao longo da história dos trabalhadores, no cenário industrial (CHALHOUB, 2012). Tendo em vista que o consumo excessivo de bebidas alcoólicas pode levar à desaceleração, assim como à diminuição da coordenação motora, e que o cenário industrial, ao longo da história, é marcado pela valorização da noção do tempo, para que a dedicação ao trabalho seja ampliada, o comportamento de vadiagem, representado pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas no contexto de trabalho, foi intensamente censurado.

Ao longo da história, o homem tem buscado, no consumo de droga, uma tentativa de amenizar as dificuldades, curar-se de dor, alcançar prazer e sensações de bem-estar. Entretanto, “as substâncias criadas pelos homens com o propósito de proporcionar essa modificação benéfica dos organismos, pelo seu uso excessivo/abusivo, também poderiam trazer consequências desastrosas para o mesmo ser humano” (BERTONI, 2007, p. 23).

Com os avanços científicos e tecnológicos, a área das ciências da saúde buscou realizar pesquisas e estudos de casos visando compreender a essência, o efeito e a reação do organismo ao contato com as drogas. Seguindo o perfil e o delineamento histórico relacionados ao consumo das drogas e a sua proibição, os estudos estiveram associados a aspectos sociais, institucionais, jurídicos, assim como ao propósito político envolvendo esse contexto. A propósito, os estudos que envolvem políticas públicas vêm sendo desenvolvidos

ao longo do tempo nas mais diversas áreas científicas. O Brasil adotou práticas dos Estados Unidos, dando ênfase às políticas públicas com ações governamentais. Dessa maneira, compreender e explicar como essas políticas públicas são formadas consiste em entender a proposta dessas políticas, o que tem se tornado uma atividade científica interessante para vários especialistas de diversas áreas das ciências (RODRIGUES, 2013). De igual modo, não é uma tarefa simples entender o que o governo faz ou deixa de fazer, como também não é fácil analisar as razões pelas quais uma parte da população é acolhida, enquanto outra é desassistida.

Pensando sobre as políticas públicas em relação às bebidas alcoólicas e à promoção da saúde no Brasil, o histórico segue duas tendências: o proibicionismo e a redução de danos. Sobre as políticas públicas proibicionistas, elas têm como objetivo influenciar o comportamento das pessoas por intermédio de ações, projetos e atividades diretas (MANGUEIRA *et al.*, 2014). Logo, seguem o princípio de que o uso abusivo de álcool está relacionado a problemas de saúde ou até ao desvio moral e se distingue das intervenções propostas.

Com foco na redução de danos³, as políticas públicas consideram que o início do envolvimento com o álcool sempre fará parte da história e não poderá ser eliminado da sociedade. Para que essas políticas públicas sejam efetivas e cumpram aquilo que propõem, faz-se necessário que as fiscalizações sejam efetivas e permanentes. Como isso não acontece na prática, a iniciativa se torna vulnerável e dificilmente se observa um progresso na sua execução. Além disso, as propagandas exibidas nos meios de comunicação investem diariamente no incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas.

Ao longo da história, a associação entre bebidas alcoólicas e atividades no ambiente de trabalho foi fortemente criticada, pois que a bebida representava uma memória secular de uma espécie de vadiagem, ou seja, um comportamento manifestado pelos trabalhadores ociosos. Essa ociosidade, que levava ao consumo exagerado de bebidas alcoólicas, poderia se transformar em uma espécie de embriaguez, que tem marcos sociais e permitem o seu resgate. O resgate dessa memória, que está no passado, pode ocorrer pela influência do presente, a exemplo do processo de trabalho baseado em práticas do capitalismo moderno.

Isso sugere uma discussão em que pode ser observada a relação entre bebidas alcoólicas, saúde e segurança no trabalho. Temas que, ao serem explorados, ampliam o

³ A política pública de Redução de Danos é uma proposta que foi adotada pelo Estado brasileiro como ação preventiva ao problema social de abuso de substâncias psicoativas. Nesse sentido, representa uma inovação em relação ao paradigma de tratamento da questão das drogas em nossa sociedade, pois não se volta à erradicação do uso de drogas, mas a ações que promovam o controle ou a redução dos danos relacionados ao uso (CUNHA; TATSCH, 2019, p. 111).

entendimento entre as implicações sociais relacionadas às condições de saúde, o consumo de bebidas alcoólicas, os fatores de risco psicossociais e as suas relações com o desempenho de funções de alta periculosidade, conforme será abordado na seção seguinte.

3 BEBIDAS ALCOÓLICAS, SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO

Na seção anterior, apontamos que o consumo de bebidas alcoólicas por trabalhadores ao longo da história sempre foi criticado, por ser uma prática associada à redução do rendimento, desestruturação das equipes, diminuição da produção, além de poder ocasionar acidente de trabalho.

Nessa perspectiva, vale salientar que, com a expansão industrial, foram observados inúmeros danos envolvendo as condições de saúde física e psíquica dos trabalhadores em razão da jornada excessiva de trabalho, produção acelerada e fadiga (MENDES, 1995). Com base em movimentos de investigação entre saúde mental e trabalho desde o início das atividades industriais, há relatos de que o trabalho excessivo debilita os trabalhadores, causa adoecimentos, afeta de maneira significativa as condições de saúde no ambiente laboral. Em consequência, muitas vezes, alguns trabalhadores recorrem ao uso de bebidas alcoólicas para suportar as atividades excessivas e as condições precárias a que estão expostos no ambiente de trabalho. As empresas, ao identificar e não intervir no comportamento de trabalhadores em uso de bebidas alcoólicas de maneira excessiva, inclusive durante o período do trabalho, costumam ser prejudicadas, pois o trabalhador com histórico de alcoolismo falta de maneira injustificada, aumenta o absenteísmo, descumpre as regras, causa desperdícios de materiais, consequentemente afeta na produção dos resultados, pois não consegue acompanhar o ritmo de trabalho dos colegas – tudo isso impacta no ambiente organizacional.

Assim, “as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas, pelas quais a sociedade tem passado nas últimas décadas, atingem substancialmente a vida dos homens, individual e coletivamente” (CRUZ; SCHERER; PEIXOTO, 2014, p. 37). Desse modo, é válido lembrar que os processos de produção têm causado impactos significativos nas condições de saúde dos trabalhadores, expondo-os a comprometimentos biopsicossociais e exigindo a necessidade de adaptações para responder aos desafios que surgem no contexto de trabalho.

Diante do exposto, o objetivo desta seção é apresentar algumas considerações teóricas e conceituais sobre bebidas alcoólicas, saúde e segurança no ambiente de trabalho. Nessa sequência, serão discutidos o desempenho de funções de alta periculosidade e as vivências temporais fora do local de trabalho; na sequência, serão apresentadas algumas considerações sobre saúde e segurança no trabalho e se finalizará com algumas medidas de proteção e práticas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho, conforme expostos a seguir.

3.1 Bebidas alcoólicas, desempenho de funções de alta periculosidade e vivências temporais fora do ambiente de trabalho

No decorrer dos anos, o álcool foi utilizado para composição de alimentos, elaboração de medicamentos e desenvolvimento de rituais religiosos e sociais. Trata-se de “uma substância psicoativa (SPA) com efeito bifásico, ou seja, logo após ser ingerida causa uma aparente estimulação que se segue de um efeito depressor que causará lentificação e diminuição dos reflexos” (FARIA, 2016, p. 23).

O uso de bebidas alcoólicas e a exposição em funções de alta periculosidade representam um fator de risco. Além disso, seu consumo leva à redução do nível cognitivo, diminuição da memória e atenuação das habilidades de julgamento, assim como da capacidade crítica para resolver problemas e conduzir atividades inesperadas, podendo acarretar acidente de trabalho.

Segundo Lopes (2017), os prejuízos físicos ao corpo relacionados à ingestão do consumo excessivo de bebidas alcoólicas podem estar associados a mais de sessenta tipos de patologias ou lesões. Em razão da sua complexidade, o quadro de alcoolismo, quando diagnosticado, passa a ser considerado um problema social e de saúde pública pelo nível de comprometimento e pelos danos físicos e psíquicos que o uso exacerbado causa, afetando a vida pessoal, a rotina de trabalho e a convivência social.

Bastos e outros pesquisadores (2017, p.11) assim se manifestaram sobre a prevalência do consumo excessivo de bebidas alcoólicas no III Levantamento Domiciliar sobre o uso Drogas Psicotrópicas no Brasil:

A comparação das estimativas de uso dependente de álcool é, todavia, mais complexa do que aquelas estimativas referentes à prevalência pontual de consumo, pois, a todos os problemas descritos acima, somam-se as dificuldades secundárias à variabilidade dos critérios diagnósticos (especialmente pronunciadas ao longo de intervalos de tempo longos) e da participação proporcional das faixas etárias (que, igualmente, variaram substancialmente, ao longo de décadas, dada a mudança progressiva da demografia brasileira, com o progressivo declínio da taxa de fertilidade e o envelhecimento progressivo da população), ambas de forma substancial.

A prevalência do consumo de bebidas alcoólicas pode evoluir para o desenvolvimento de um transtorno mental psíquico. Segundo os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o uso desordenado de bebidas alcoólicas pode levar a uma condição médica nomeada de transtorno relacionado ao uso de álcool, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Critérios Diagnósticos de transtorno por uso de álcool, 2014.

A. Um padrão problemático de uso de álcool, o qual leva ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios e ocorre durante um período de 12 meses:
1. Álcool é frequentemente consumido em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido.
2. Existe um desejo persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso de álcool.
3. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção de álcool, na utilização de álcool ou na recuperação de seus efeitos.
4. Fissura ou um forte desejo ou necessidade de usar álcool.
5. Uso recorrente de álcool, resultando no fracasso em desempenhar papéis importantes no trabalho, na escola ou em casa.
6. Uso continuado de álcool, apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados por seus efeitos.
7. Importantes atividades sociais, profissionais ou recreacionais são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso de álcool.
8. Uso recorrente de álcool em situações nas quais isso representa perigo para a integridade física.
9. O uso de álcool é mantido apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pelo álcool.
10. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: a. Necessidade de quantidades progressivamente maiores de álcool para alcançar a intoxicação ou o efeito desejado; b. Efeito acentuadamente menor com o uso continuado da mesma quantidade de álcool.
11. Abstinência, manifestada por qualquer um dos seguintes aspectos: a. Síndrome de abstinência característica de álcool (consultar os Critérios A e B do conjunto de critérios para abstinência de álcool, p. 499-500); b. Álcool (ou uma substância estreitamente relacionada, como benzodiazepínicos) é consumido para aliviar ou evitar os sintomas de abstinência.

Fonte: adaptado do APA, 2014.

Com base nos critérios diagnósticos mostrados no Quadro 2, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas pode causar intoxicação e oferecer riscos à saúde, além de comprometer a qualidade de vida e o desempenho no ambiente de trabalho.

No que diz respeito ao desempenho de funções de alta periculosidade e ao consumo de bebidas alcoólicas, é necessário destacar que existe no Brasil uma política de proteção relacionada à segurança no trabalho. Tal política se estende ao eixo que trata das doenças ocupacionais conectadas ao reconhecimento, à avaliação, à antecipação e ao controle de riscos incorporados às extensas leis, determinadas pelos decretos das 37 Normas Regulamentadoras⁴ (NRs), as quais são fiscalizadas pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (BRASIL, 2020).

Essas NRs elencam as recomendações e exigências que envolvem todos os possíveis aspectos relacionados às condições de segurança no ambiente de trabalho. No entanto, essas medidas de proteção ainda não têm conseguido alcançar os trabalhadores que necessitam de ajuda em razão do consumo exacerbado de bebidas alcoólicas, inclusive no período de

⁴ Mais adiante na subseção perspectivas técnicas, legislação e medidas de prevenção de acidentes de trabalho, apresentamos as Normas Regulamentadoras.

trabalho. Esse tipo de comportamento representa graves fatores de riscos que podem levar a uma lesão ou envolvimento em um acidente que pode causar prejuízos irreversíveis e irrecuperáveis na vida dos trabalhadores que atuam em atividades de alta periculosidade. Dessa forma, constatamos a relevância da comunicação entre trabalhadores e lideranças, visando disseminar informações relacionadas à percepção de risco e à proteção de eventos que comprometam a condição de saúde no ambiente de trabalho.

Diante das informações expostas até aqui, não podemos deixar de tratar das características relacionadas aos tempos de trabalho, visto que o cenário do ambiente industrial contemporâneo sempre foi marcado por ritmos intensos, inflexíveis e tensos. Portanto, para compreendemos as características que envolvem as disputas em torno da jornada de trabalho dos trabalhadores no cenário industrial, realizamos apontamentos acerca das vivências temporais, incluindo aquelas externas ao local de trabalho.

Por esse ângulo, “se no início os trabalhadores lutaram contra a imposição de um novo tipo de trabalho, de um novo tempo a ser dedicado ao trabalho, ao longo da história vê-se que essa nova cultura temporal aos poucos acabou fazendo parte de toda a sociedade” (CARDOSO, 2009, p. 38). Nesse sentido, como, inicialmente, a construção social do trabalho foi imposta, é necessário refletirmos sobre qual aspecto do tempo do trabalho precisa ser reavaliado.

Acentuamos que “o capitalismo e a industrialização trouxeram consigo um enorme aumento da riqueza e empurraram as fronteiras da humanidade em direção a limites que antes seriam inimagináveis” (ENGUIITA, 1989, p. 5). Todo esse movimento trouxe consequências negativas, sobretudo para os trabalhadores, que, ao longo da história, tiveram as suas condições de trabalho negligenciadas. Com os avanços tecnológicos, houve mudanças nos ambientes corporativos. De acordo com Alves (2003, p. 77), “passou-se a exigir dos trabalhadores atitudes como envolvimento, cooperação, responsabilidade, disponibilidade, espírito empreendedor, cobradas por procedimentos seletivos de mão de obra em treinamentos e em avaliações de desempenho individual”. Segundo a autora, essas práticas, intituladas como procedimentos de gestão de pessoas, são resultantes da reestruturação do cenário capitalista, que se fundamenta em planejamentos estratégicos para maior controle da força de trabalho.

Ao refletirmos sobre o direito e o dever à desconexão, disputas pelos tempos de trabalho e não trabalho, Cardoso (2016, p.81), afirma:

[...] infelizmente, não podemos dizer que não se trata mais de uma luta pela redução da jornada laboral, mas uma resistência ao aumento dos tempos dedicados ao trabalho, um aumento que se tem dado, na maior parte das vezes, de forma velada, mascarada, não explícita. Um aumento que se dá pelo medo – medo do processo de avaliação, medo do desemprego. Esse tempo maior de trabalho, muitas vezes, não é contabilizado, remunerado ou compensado. Aproveita-se da nova cultura da conexão total para naturalizar a crescente disponibilidade ao trabalho.

Na busca de um novo tempo, os trabalhadores estão cada vez mais valorizando o tempo marcado pelo relógio, tempo que, mecanizado, tem se transformado em um emblema, de modo que os profissionais passaram a considerá-lo tão relevante quanto a própria remuneração no contexto do trabalho. Logo, ao considerar as vivências temporais fora do ambiente de trabalho, é preciso refletir sobre a experiência do tempo para os trabalhadores, já que existem tempos distintos para cada um: “Existem tempo de trabalho, tempos da família, ou tempos do lazer, já que cada sujeito, cada grupo social, e cada sociedade, em determinado momento histórico, irá vivenciar um mesmo tempo de maneiras muito diferentes” (CARDOSO, 2009, p. 40).

Sob esse ponto de vista, se o propósito é observar as vivências temporais de cada trabalhador, é preciso levar em conta o tempo vinculado à construção social, o momento histórico vivenciado, as experiências vividas pelos trabalhadores, assim como suas representações sociais.

No que diz respeito às vivências temporais fora do ambiente de trabalho, as práticas de lazer têm um significado particular para cada pessoa. Ao falar das vivências externas ao local de trabalho e atividades de lazer, costumamos lembrar de um cenário específico de imagens que envolvem passeios e festas para alguns, viagens, práticas de atividades físicas, participação de jogos de futebol, churrascos, consumo de bebidas alcoólicas e *hobbies* específicos para outros. Para alguns trabalhadores, essas práticas só são possíveis nos períodos de folga; para outros, apenas em períodos de férias, já que o trabalho consome uma parte significativa da rotina de alguns deles.

Ao analisar os elementos relacionados ao trabalho e ao lazer, Inácio (1997) afirma que, tanto o trabalho, como o lazer são variáveis resultantes de um processo sócio-histórico, são considerados dois fenômenos sociais que surgiram em função das sociedades industriais. Vale ressaltar que a categoria lazer depende da categoria trabalho, e este tempo destinado ao lazer está vinculado ao momento de repouso para a recuperação das energias e das forças físicas que, em seguida, serão solicitadas no espaço de trabalho.

Para Inácio (1997, p. 21), “o tempo disponível, conseqüentemente ao lazer, é um prêmio, um privilégio, que a sociedade confere a quem cumpriu suas obrigações no trabalho; não é uma decisão do indivíduo, mas uma concessão das sociedades capitalistas”. Dessa forma, durante as vivências externas ao ambiente de trabalho e nas atividades de lazer, muitos trabalhadores recorrem ao uso de bebidas alcoólicas como uma estratégia compensatória, já que seu uso é aceito e incentivado pela sociedade moderna como tática para descontração, relaxamento e suavização das pressões da vida diária.

Considerando os diversos problemas de saúde que podem ser adquiridos com o uso abusivo de bebidas alcoólicas, as estatísticas de acidentes de trabalho, os indicadores de violência e acidentes de trânsito, os dados relativos ao controle de consumo e o limite seguro relacionado à ingestão de bebidas alcoólicas necessitam de atenção e vigilância para alertar as pessoas sobre as conseqüências decorrentes do consumo elevado das bebidas alcoólicas. De acordo com Ferreira *et al.* (2011, p. 1483), “um indicativo importante dos problemas causados pelo consumo de bebidas alcoólicas corresponde à proporção de pessoas que admitem já terem sido aconselhadas por um amigo, parente ou profissional de saúde a parar de beber”. Esse aspecto prova que algumas pessoas perdem o controle ao consumir bebidas alcoólicas, por isso são consideradas objetos de atenção, de preocupação e de vigilância sobre o hábito que apresenta sinais de uso nocivo, prejudicial e desordenado.

Barbosa (2004) resgatou a história social da Igreja Protestante no Brasil e identificou as obras de temperança que foram desenvolvidas em 1826, nos Estados Unidos, como 134 palestras e sermões, os quais contaram com o apoio de profissionais da saúde. Foi nessa conjuntura que surgiram os alertas referentes à clandestinidade e ao consumo exagerado de substâncias, que dificultavam cada vez mais o seu controle.

A “Lei seca” foi considerada mais uma estratégia que ocupou um lugar importante, sobretudo por meio de emenda constitucional nos Estados Unidos para lidar com o uso excessivo de bebidas alcoólicas. “A expressão ‘Lei seca’ tem origem norte-americana, em decorrência da 18ª Emenda da Constituição dos Estados Unidos, de 16 de janeiro de 1919, que proibia o varejo, a fabricação, o transporte e a exportação de bebidas alcoólicas em seu país” (MOURA, 2012, p. 10). Salientamos que, ao ser criada, no Brasil, ‘A Lei Seca’ esteve vinculada à inibição do consumo de bebidas alcoólicas por parte dos condutores, de acordo com o Código de Trânsito Brasileiro (BRASIL, 2008). Por isso, não teve as mesmas restrições e proibições que foram pensadas pelos Estados Unidos.

Para Moura (2012), essa “Lei Seca” que entrou em vigor, em 2008, no Brasil é nomeada de maneira indevida, pois limita apenas a ingestão de bebidas alcoólicas, mas não proibiu a comercialização e a fabricação de maneira geral. Nessa concepção, ainda que tenha sido alvo de muitas críticas por parte dos condutores e consumidores de bebidas alcoólicas, essa proibição trouxe impacto positivo no consumo de bebidas alcoólicas e também na redução no número de acidentes, conforme pode ser visto em pesquisas realizadas para identificar o impacto da “Lei Seca” na mortalidade por acidentes de trânsito.

No que se refere às taxas de mortalidade por acidentes de trânsito, após a implantação da “Lei Seca” no Brasil, um estudo realizado por Abreu, Souza e Mathias (2018) evidenciou declínio nas taxas de mortalidade de acidentes de trânsito inicialmente, mas, posteriormente, foi observado um aumento progressivo, que se contrapôs às estatísticas de estudos internacionais. Isso mostra a necessidade de ampliação de políticas públicas relacionadas à comunicação assertiva, sistematizada e que chegue ao alcance da população, visando diminuir as estatísticas de mortalidade ligadas ao consumo de bebidas alcoólicas de maneira nociva.

A Política Nacional sobre Drogas foi aprovada pelo Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019 (BRASIL, 2019). Em sua composição constam pressupostos da política nacional sobre drogas, objetivos da política nacional sobre drogas, orientações sobre prevenção, tratamento, acolhimento, recuperação, apoio, mútua ajuda e reinserção social, redução da oferta, assim como estudos, pesquisas e avaliações.

Anteriormente, a Política Nacional Sobre Drogas tinha como base o atendimento médico e o direito ao acesso às políticas públicas, um modelo semelhante àquele adotado por Portugal e Canadá. A alteração promovida pela Presidência da República no tratamento dos dependentes químicos incentiva a utilização da abstinência como procedimento preferencial e estimula o envio de dependentes químicos para tratamento em comunidades terapêuticas, justificando que o método de redução de danos, anteriormente adotado, não alcançou os objetivos propostos (BRASIL, 2015).

É necessário explicitar que a indústria de bebidas alcoólicas exerce uma influência significativa nesse contexto, contribuindo para que as alternativas de implementação e desenvolvimento de políticas públicas não encontrem espaços e condições apropriadas para o seu desenvolvimento. Desse modo, alimentam uma postura passiva, evidenciada pela inércia governamental.

Com o desenvolver do trabalho, compreendemos que o consumo de bebidas alcoólicas percorre gerações como uma espécie de costume que é, na maior parte das vezes,

condicionado como requisito que faz parte do entretenimento, práticas de lazer, além de ser um comportamento incorporado na cultura e na diversão como um ritual socialmente admitido. No ambiente de trabalho, entretanto, a ingestão de bebidas alcoólicas representa um risco psicossocial acentuado, o qual tende a comprometer as condições de saúde e segurança e pode aumentar os comportamentos de risco dos trabalhadores.

Prosseguiremos apontando algumas concepções sobre saúde e segurança no ambiente laboral.

3.2 Considerações teórico-conceituais sobre condições de saúde e segurança no trabalho

Ao longo da história, o trabalho na área industrial foi marcado por experiências difíceis, em que os patrões continuavam desfrutando da mão de obra sem se preocupar com as condições de trabalho. Os trabalhadores da indústria necessitavam dar conta de um ritmo de produção acelerada, uma jornada afadigada, que comprometia as suas condições de saúde, potencializando as desigualdades sociais (PAOLI, 1989). Além disso, era estipulada disciplina diante do ritmo de trabalho acelerado, estímulo à ampliação da jornada de trabalho e recompensa de maneira desproporcional e com punições.

Na época da industrialização no Brasil, “as fábricas se enchem de mulheres jovens, crianças raquíticas, turnos dobrados, mestres grosseiros, mais máquinas e matérias-primas. Cada vez mais os salários eram atrasados, pagos por produção e não remuneravam as horas extras” (PAOLI, 1989, p. 47). Nessas circunstâncias, os trabalhadores continuavam penalizados com os resultados do êxito ou as adversidades no contexto fabril. De acordo com Nardi (2006, 42),

[...] mesmo de forma desigual, o trabalho foi, na sociedade moderna, o dispositivo central de integração social e, ao mesmo tempo, a forma de acesso à proteção social. A criação de um conjunto de regras morais que permitiram a valorização e a identificação com o trabalho foi fundamental como justificativa ideológica do capitalismo, assim como para os suportes simbólicos da existência.

No capitalismo, houve uma transformação social do valor do trabalho, a categoria trabalho passou a ser considerada elemento central na composição social e a incorporar um valor simbólico. Embora continue perverso, o capitalismo moderno mascara as crueldades que ainda realiza com os trabalhadores durante o exercício de suas atividades, o que nos conduz a aspectos relativos à ética no trabalho, fazendo necessário considerar outras variáveis, entre elas a subjetividade.

Dessa maneira, “estudar a relação entre subjetividade e trabalho é estar atento, portanto, não apenas às formas de assujeitamento, mas também às transgressões e às possibilidades de invenção de outros modos de lidar com as normas, quiçá transformando-as” (NARDI; RAMMINGER, 2007, p. 273). Assim, vê-se como necessário considerar as variáveis que permeiam esse universo, já que se podem encontrar informações com possibilidade de intervenção e resistência.

Sobre as enfermidades e condições de saúde no contexto laboral, Sampaio e Messias (2011) consideram que o movimento que desenvolve saúde/doença passa por um processo individual, sendo importante considerar a natureza biológica, psicológica e social das pessoas. Assim, as doenças ocupacionais são aquelas relacionadas, de maneira direta, com as circunstâncias de trabalho em que os profissionais estão envolvidos. Nessa perspectiva, ao discorrer sobre doenças ocupacionais psicossociais, deve-se considerar que a atenção com os aspectos que envolvem a saúde do trabalhador passou a ser valorizada a partir da Revolução Industrial (AIRES, 2017). Com a expansão do cenário industrial, os trabalhadores eram submetidos a jornadas extensas e a qualidade de higiene duvidosa, o que acarretava o desenvolvimento de doenças e acidentes no trabalho.

De acordo com Sebben (2018), no Brasil, ainda não é comum uma cultura organizacional marcada por diretrizes que preservem a vida. Muitas vezes, os investimentos em segurança não são priorizados e quando são realizadas ações, estas são feitas somente para cumprir o que preconizam as normas regulamentadoras do Ministério do Trabalho. Supervaloriza-se a produtividade dos trabalhadores em detrimento das condições de saúde. Desse modo, é importante compreender que as dificuldades relacionadas à falta de saúde no ambiente de trabalho continuam sendo observadas e, algumas vezes, até são notificadas e registradas, mas, em outras, nenhuma ação é executada para reverter os quadros patológicos e prevenir o risco de desenvolvimento de doenças ocupacionais.

Cabe destacar que saúde e doença são concepções que surgem da noção de bem-estar coletivo, “anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal” (SAMPAIO; MESSIAS, 2011, p. 148). Nesse entendimento, quando se fala em saúde e doença, é preciso olhar para o movimento que delimita e desencadeia um processo e outro.

No local de trabalho, as responsabilidades solicitadas aos trabalhadores envolvem pelo menos dois aspectos que compõem a carga de trabalho: o aspecto físico e o aspecto mental. “As cargas físicas compõem as exigências de desempenho corporal necessárias à realização de uma tarefa. As cargas mentais agregam um universo de condutas cognitivas e afetivas

associadas à elaboração de uma tomada de decisão e seus respectivos processos” (CRUZ; CORRÊA, 2000, p. 142). A preponderância entre as doenças ocupacionais identificadas no ambiente de trabalho está relacionada com as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores e estão vinculadas às mais diversas profissões.

Diversas pesquisas no Brasil têm encontrado informações relacionadas à avaliação de fatores de riscos ocupacionais e ambientais no local de trabalho. De acordo com Cruz (2001), há uma constante produção de estudos relacionados ao adoecimento no trabalho envolvendo as exigências das atividades laborais, assim como as cargas mentais que convergem no desenvolvimento de doenças relacionadas ao trabalho.

Segundo Jacques (2011, p. 99), “é certo que as condições e ambientes de trabalho melhoraram sensivelmente nos últimos anos, reduzindo as altas taxas de morbidade e mortalidade dos trabalhadores, principalmente nos países de capitalismo avançado”. Desse modo, as discussões sobre o significado do trabalho vêm passando por modificações que podem alterar a sua composição e podem afetar os trabalhadores, os líderes de setores e, até mesmo, os gestores, pois exigem novas posturas desses atores sociais.

De acordo com Pereira e Tolfo (2016), o trabalho sempre ocupou um lugar especial na vida das pessoas como categoria sociológica chave na construção da subjetividade e identidade ou necessidade básica de sobrevivência. Dessa maneira, as atividades laborais deixam de ser vistas apenas como fonte de obtenção de renda e passam a ser encaradas como mecanismo de integração social, *status* e motivação para a autorrealização pessoal e profissional.

Logo, se o trabalho é uma dimensão da vida, existe uma integridade pessoal que deve ser considerada. Ao realizar uma atividade laboral, o trabalhador exerce esforços físicos, processos subjetivos, intelectuais, afetivos, que o tornam satisfeito e, assim, existe uma dimensão positiva. Entretanto, se o trabalho o machuca e o adocece, ocorre uma dimensão negativa; então, a saúde dos trabalhadores deve ser considerada como uma condição de trabalho. Nesse sentido, um ponto relevante está relacionado à queixa, ao sintoma, assim como à verbalização do trabalhador sobre a sua condição de saúde no ambiente de trabalho.

Quanto à questão do adoecimento no contexto laboral, é preciso destacar que “o sofrimento pode tornar-se o instrumento de uma modificação na organização do trabalho ou gerar um processo de alienação e de conservadorismo” (MERLO, 2011, p. 139). Por isso, vale lembrar as condições éticas que permeiam o ambiente de trabalho, já que existe o trabalho prescrito, amparado por normas que definem as condições do seu exercício, mas existe

também o trabalho real, permeado de más condições, o que gera adoecimento e sofrimento, comprometendo a qualidade de vida do trabalhador enquanto exerce as atividades laborais.

Considerando os mecanismos para alcançar a saúde e manter a segurança no ambiente de trabalho, a seguir, serão apresentadas algumas características teóricas e conceituais, as quais contêm as estratégias organizacionais amparadas pelo Ministério do Trabalho para a promoção da saúde e da segurança no trabalho.

A maneira adotada pela pessoa para conviver em meio as suas relações sociais faz parte das escolhas pessoais, das próprias motivações e dos modos de viver. Nessa circunstância, “as organizações de trabalho são agentes centrais da concretização de escolhas da sociedade e dos relacionamentos humanos” (ZANELLI; KANAN, 2018, p. 29). Dessa maneira, as relações humanas estabelecidas nos espaços de trabalho deveriam proporcionar um espaço de cooperação mútua que fortalecesse o estabelecimento de trocas, de modo que o sujeito (trabalhador) pudesse fazer uso dos instrumentos de trabalho (equipamentos) para atingir os objetivos propostos (trabalho) acordados, sem acarretar adoecimento e afetar o seu estado de saúde. Na prática, ocorrem discrepâncias significativas, que comprometem o desempenho e, conseqüentemente, o estado de saúde dos trabalhadores.

Algumas informações relacionadas à história do povo brasileiro, na obra **Saúde e Segurança no Trabalho no Brasil: aspectos institucionais, sistemas de informação e indicadores**, Santos (2012, p. 23) mostram-nos que “a maior parte do trabalho braçal era realizada por escravos (índios e negros) e homens livres e pobres. A preocupação com as suas condições de segurança e saúde no trabalho era pequena e essencialmente privada”. Ainda de acordo com Santos (2012), a criação de uma lei para preservação do estado de saúde dos trabalhadores no ambiente de trabalho surgiu no período da República Velha (1889-1930) com o processo de industrialização. As necessidades dos trabalhadores passaram a ser vistas, contudo foram restringidas ao controle e acompanhamento do Estado.

Em razão dos aspectos que envolvem o dia a dia de trabalho, é necessário refletir sobre as práticas que são conhecidas como novas e velhas, na tentativa de compreendermos os indicadores relacionados à esfera da saúde e ao contexto de trabalho.

De acordo com Oliveira (2003), o aspecto relacionado à saúde no trabalho não é observado como deveria, tanto em relação às configurações que envolvem a empresa, quanto às atitudes que envolvem os trabalhadores. Isso ocorre, algumas vezes, em razão das dificuldades enfrentadas por algumas lideranças e trabalhadores em assumir os seus papéis profissionais. Também, existem aqueles casos em que as pessoas não têm a percepção de

risco, negligenciam os aspectos que envolvem a saúde e a segurança e não conseguem zelar pela própria vida enquanto exercem as atividades laborais:

É sabido que quantidade apreciável dos acidentes do trabalho ocorridos, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, origina-se no comportamento das vítimas. Quanto a isso, não há nenhuma dúvida; o que é mal interpretado ou às vezes compreendido erroneamente, de propósito, é porque as pessoas se expõem, de maneira passiva, sem os devidos cuidados, a uma condição de risco que possa lesá-las ou matá-las. Afora os equívocos ou as intenções que as orientam, a alteração do comportamento do trabalhador em relação ao que se qualifica como o corretamente esperado não deixa de ser um sério agravante na exposição aos riscos ocupacionais, sobretudo, quando eles não são tão conhecidos, qualificados e avaliados corretamente. E, pior, controlados de modo inadequado ou nem mesmo controlados. (OLIVEIRA, 2003, p. 5).

No convívio em sociedade, as pessoas estabelecem relações que as permitem desenvolver comportamentos com elementos afetivos, de natureza ideativa e de execução motora. Torna-se necessário levar em conta os determinantes que antecedem os acidentes de trabalho para que a saúde e a segurança no trabalho prevaleçam e os indicadores contrários a esse cenário possam ser diminuídos.

Ao exercer as atividades laborais, os trabalhadores estão sujeitos a condições de riscos, sendo eles internos e externos, relatados e não relatados, e essas condições podem ser provocadas por aspectos que influenciam a sua condição de saúde. Com o propósito de caracterizar os elementos que permeiam esse contexto, prosseguimos discorrendo sobre a noção de percepção dos riscos no ambiente de trabalho e as inter-relações com os fatores psicossociais no trabalho.

A relação entre fatores de risco e ambiente de trabalho aponta conexões que integram os fenômenos psicossociais envolvidos nas condições de saúde, no bem-estar e na qualidade de vida dos trabalhadores. Essas condições estabelecem uma ligação entre o ambiente interno e o externo, relacionada às atividades que serão executadas, à produtividade e à sustentabilidade das organizações de trabalho.

Nessa perspectiva, a seguir, serão apresentadas algumas definições sobre fatores de risco psicossociais e os tipos de agentes que podem determinar danos ou acidentes no ambiente de trabalho. Na sequência, destacamos algumas características que levam à construção de organizações saudáveis e não saudáveis, as quais podem acarretar doenças ocupacionais no ambiente de trabalho.

É pertinente esclarecer que o risco psicossocial no ambiente de trabalho pode ser considerado nas situações que causam interferência na condição de saúde (física e mental) do trabalhador e fomentado pelas tensões que envolvem a rotina no trabalho. Em face da complexidade da conceituação de fatores de risco no ambiente de trabalho, recorremos a Veloso Neto (2015, p.18), onde se lê:

Apesar do conceito de risco psicossocial estar presente na literatura científica há várias décadas, na medida em que é uma temática que vem adquirindo um progressivo interesse desde a década de 1980, em parte devido à consolidação do paradigma da promoção das condições de trabalho e da qualidade de vida no trabalho, ao ser definido como prioridade política [...] ganhou uma nova dimensão regulamentar e técnico-científica nos últimos anos.

Dessa forma, a exposição do trabalhador a situações que envolvem riscos psicossociais pode afetar os resultados no que diz respeito à alta performance, gerar acidentes de trabalho e comprometer a saúde do trabalhador de maneira geral (CHAGAS, 2015). Nessa condição, como a exposição a fatores de riscos psicossociais pode comprometer a saúde do trabalhador e afetar a sua condição fisiológica, mental e psicológica, tornou-se um problema que merece atenção, dados os impactos sociais e econômicos que pode afetar todos aqueles profissionais que estão envolvidos nesse cenário.

Em busca de compreensão sobre fatores de riscos no trabalho, identificamos um ponto de atenção que vale mencionar sobre essa condição, conforme entendido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a qual considera o risco psicossocial como um prejuízo à integridade física ou mental do trabalhador. Esse risco pode ser estimado em função do desenvolvimento de uma lesão, uma patologia ou acidente de trabalho (OIT, 1984). Desse modo, os eventos que afetam as condições de trabalho devem ser vistos como ponto de atenção para aperfeiçoar os mecanismos e evitar que as condições inseguras comprometam a segurança dos trabalhadores no ambiente de trabalho.

Nesse contexto, no Quadro 3, encontram-se os agentes que contribuem para a determinação de danos ou acidentes no trabalho, diante da sua natureza psicossocial.

Quadro 3 - Classificação de agentes e riscos de natureza psicossocial, 2020.

Agentes/ Riscos	Descrição de danos
Biológicos	Alergias, intoxicações e infecções, sejam por meio de vírus, bactérias, protozoários, fungos, parasitas ou bacilos.
Químicos	Distúrbios neurológicos, hipersensibilidade, origina câncer,

Agentes/ Riscos	Descrição de danos
	provoca disfunções renais, causa intoxicações agudas e acumulativas.
Físicos	Lesões oculares, surdez, aumento da pressão sanguínea, secreções anormais, sobrecarga osteomuscular, tensão cardíaca e outras disfunções. Estão associados a dificuldades cognitivas e emocionais, desde a irritabilidade passageira até esgotamento mental intenso.
Ergonômicos e Psicossociais	Exigência de postura inadequada, controle rígido de produtividade, imposição de ritmos excessivos, jornada de trabalho inflexível, entre outros, também gera ao trabalhador respostas emocionais (apatia, ansiedade, depressão e alienação), cognitivas (diminuição de percepção, queda na concentração, criatividade e dificuldades em tomar decisões), comportamentais (abuso de álcool ou outras drogas, violência e aumento do comportamento de risco).

Fonte: adaptado de Zanelli e Kanan, 2018.

O Quadro 3 apresenta uma síntese da classificação de agentes e riscos de natureza psicossocial, e a descrição dos danos que podem gerar na vida do trabalhador. Diante das informações apresentadas, consideramos as interações entre as organizações de trabalho, o ambiente de trabalho, a cultura e os fatores externos ao trabalho, uma vez que essas variáveis podem estar relacionadas e interferir no tipo de respostas e comportamentos desempenhados pelos trabalhadores, inclusive no ambiente de trabalho.

Uma análise mais detalhada dos fatores externos ao trabalho pode considerar o tipo de relacionamento conjugal e familiar do trabalhador, a situação econômica familiar, a qualidade e o tipo de assistência à saúde à qual tem acesso, o nível educacional e as opções de lazer, a rede de apoio que o ampara, assim como a participação em grupos comunitários. Todas essas variáveis podem permitir o acesso aos fatores psicossociais que permeiam o universo do trabalhador e possibilitar o desenvolvimento de mecanismos para lidar com organizações não saudáveis e diminuir a exposição dos riscos no ambiente de trabalho.

É válido lembrar que as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores no ambiente de trabalho são organizadas em uma espécie de quadro temporal, em que as pessoas negociam os horários, a duração da carga horária, o ritmo em que será realizado o trabalho e a produtividade que deverá ser entregue no tempo estabelecido. Todos esses fatores podem contribuir para a construção de organizações com impactos positivos e consideradas saudáveis.

De acordo com Zanelli e Kanan (2018), uma organização saudável caracteriza-se por aquele tipo de instituição que tem por finalidade assegurar o desenvolvimento de indicadores

que preservem o estado de bem-estar físico, psicológico e social dos trabalhadores. Dessa maneira, será estimulada a redução do número de acidentes, atrasos, absenteísmo, rotatividade, assim como as reclamações dos clientes. Nela, serão incentivados o comprometimento dos trabalhadores, a satisfação, a eficiência e o desenvolvimento de resiliência.

Como polo oposto da organização saudável, estão as organizações não saudáveis, que são representadas por alto número de acidentes, muitas licenças médicas, envolvimento com bebidas alcoólicas, atrasos na realização dos serviços e insatisfação dos clientes (ZANELLI; KANAN, 2018). Farão parte desse ambiente organizacional pessoas com falta de eficácia, baixo nível de comprometimento, alta rotatividade, entre outras.

Para refletir sobre saúde e doença no contexto de trabalho, é importante considerar o ambiente organizacional, a dinâmica de trabalho, o modo de vida dos trabalhadores, as queixas que apresentam, uma vez que estas podem ser indicadoras de futuras doenças ocupacionais, negligenciadas no início da manifestação dos sintomas.

Entendemos que as doenças ocupacionais, assim como os afastamentos do local de trabalho, constituem uma perda significativa para as organizações, já que a presença de um trabalhador debilitado ou sua ausência pode comprometer a qualidade e a entrega do serviço; além disso, pode gerar uma sobrecarga na equipe, que deverá desempenhar um esforço extra para garantir a manutenção do posto de trabalho. É útil, portanto, observar os relatos iniciais, a fim de evitar o desenvolvimento de doenças ocupacionais, acidentes e afastamentos do local de trabalho por conta do comprometimento do estado de saúde dos trabalhadores.

Sabe-se que “a Previdência Social do Brasil arrecada e gasta anualmente cerca de R\$ 2,5 bilhões no campo dos acidentes de trabalho e as empresas brasileiras arcam com um custo adicional de R\$ 10 bilhões” (SOARES, 2018, p. 22). Essas informações revelam o que a deficiência da prevenção dos riscos no trabalho representa para toda a sociedade, já que ela é atingida em todas as esferas.

Conforme análise de Soares (2018), há um elevado gasto em benefícios decorrentes de acidentes de trabalho por parte do governo e perda da produtividade por parte das empresas em razão dos custos por doenças ocupacionais, acidentes e afastamentos. Essas informações levam a uma reflexão sobre medidas de proteção e práticas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho.

3.3 Perspectivas técnicas, legislação e medidas de prevenção de acidentes de trabalho

Na subseção anterior, discorremos sobre saúde e segurança no trabalho, salientando que, para manter a integridade física no ambiente de trabalho, preservar as condições de saúde, assim como estabelecer metodologias que enfatizem a prevenção de acidente no trabalho, faz-se necessário conhecer os elementos envolvidos no cenário industrial, tais como o ambiente, as máquinas e equipamentos, o homem, os sintomas e os indicadores de adoecimento, além dos determinantes de risco psicossocial no local de trabalho.

Nesta subseção, serão apresentados alguns aspectos da legislação e informações relacionadas a práticas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho.

No convívio em sociedade, as pessoas estabelecem relações que as permitem desenvolver comportamentos com elementos afetivos, de natureza ideativa e execução motora. Considerando o exposto, levamos em conta os determinantes que antecedem os acidentes de trabalho, para que a saúde e a segurança no trabalho prevaleçam e os indicadores contrários a este cenário possam ser diminuídos. Considerando os aspectos da legislação atual, visando padronizar a segurança e estabelecer os requisitos mínimos de saúde e segurança no trabalho, por meio da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), foram criadas as Normas Regulamentadoras para guiar o exercício dos trabalhadores.

As Normas Regulamentadoras em Saúde e Segurança no Trabalho estão fundamentadas em normas parecidas com aquelas existentes em países economicamente mais desenvolvidos. Aprovadas pelo Ministério do Trabalho, em 8 de junho de 1978, por meio da Portaria MTb n° 3.214, intituladas como NRs, foram atualizadas para atender as recomendações da Organização Internacional do Trabalho (SANTOS, 2012).

Considerando esse contexto, recorreremos à Escola Nacional da Inspeção do Trabalho (ENIT) para identificar as Normas Regulamentadoras vigentes e apresentá-las, conforme Quadro 4.

Quadro 4 - Normas Regulamentadoras, 2020.

NRs	RECOMENDAÇÕES
NR-1	Disposições gerais.
NR-2	Inspeção prévia.
NR-3	Embargo ou interdição.
NR-4	Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT).
NR-5	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA).
NR-6	Equipamento de Proteção Individual (EPI).
NR-7	Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO).
NR-8	Edificações.

NR-9	Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA).
NR-10	Segurança em Instalações e Serviços em Eletricidade.
NR-11	Transporte, Movimentação Armazenagem e Manuseio de Materiais.
NR-12	Máquinas e Equipamentos.
NR-13	Caldeiras e Vasos de Pressão.
NR-14	Fornos.
NR-15	Atividades e Operações Insalubres.
NR-16	Atividades e Operações Perigosas.
NR-17	Ergonomia.
NR-18	Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção.
NR-19	Explosivos.
NR-20	Líquidos e Combustíveis Inflamáveis.
NR-21	Trabalho a Céu Aberto.
NR-22	Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração.
NR-23	Proteção Contra Incêndios.
NR-24	Condições Sanitárias e de Conforto nos Locais de Trabalho.
NR-25	Resíduos Industriais.
NR-26	Sinalização de Segurança.
NR-27	Registro Profissional do Técnico de Segurança do Trabalho no Ministério do Trabalho
NR-28	Fiscalização e Penalidades.
NR-29	Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho Portuário.
NR-30	Segurança e Saúde no Trabalho Aquaviário.
NR-31	Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura.
NR-32	Segurança e Saúde no Trabalho em Serviços de Saúde.
NR-33	Segurança e Saúde nos Trabalhos em Espaços.
NR-34	Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção, Reparação e Desmonte Naval.
NR-35	Trabalho em Altura.
NR-36	Segurança e Saúde no Trabalho em Empresas de abate e Processamento de Carnes e Derivados.
NR-37	Segurança e Saúde em Plataformas de Petróleo

Fonte: Adaptado das Normas Regulamentadoras – Português da Escola Nacional da Inspeção do Trabalho (ENIT), 2020.

No Quadro 4, apresentamos as normas regulamentadoras e suas recomendações vigentes. Vale destacar que essas normas regulamentadoras em saúde e segurança no trabalho, além de serem utilizadas por profissionais nos locais de trabalho como fonte de consulta e adequação dos postos de trabalho, também são usadas por profissionais do Ministério do Trabalho e Emprego, visando impor sanções administrativas e exigindo o cumprimento das práticas de saúde e segurança no contexto de trabalho.

Neste sentido, ao exercer as atividades laborais, os trabalhadores estão sujeitos a condições de riscos, sendo eles internos ou externos, relatados ou não relatados, que podem ser provocadas por aspectos que influenciam a sua condição de saúde. Caso ocorra algum acidente de trabalho no ambiente laboral, outro aspecto da legislação que deve ser considerado está a notificação à Delegacia do Trabalho através da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT).

De acordo com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS, 2020), a CAT é um formulário que deve ser preenchido para informar a ocorrência de um acidente de trabalho ou de trajeto e como reconhecer a existência de uma doença ocupacional. As premissas e definições gerais sobre o acidente de trabalho ou de trajeto correspondem ao acidente ocorrido durante a realização das atividades laborais ou ao acidente durante o deslocamento da residência do trabalhador até a organização, enquanto a doença ocupacional está vinculada àquela patologia produzida ou vinculada com a realização da atividade de trabalho.

Visando à melhoria continuada em aspectos que envolvem a segurança e a qualidade na execução dos serviços para os trabalhadores, é função da empresa comunicar à Previdência Social a ocorrência de acidentes de trabalho, ainda que não haja afastamento das atividades laborais. Com relação ao prazo, caso não haja afastamento do trabalhador de seu posto de trabalho, o empregador terá até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência; e, em caso de óbito, a comunicação deverá ser realizada de maneira imediata. Caso a empresa não siga esta orientação do INSS, ela poderá receber multa (INSS, 2020).

De acordo com as informações disponíveis no Anuário Estatístico da Previdência Social, considerando a finalidade e os princípios básicos, sobre a seguridade social, a empresa que não comunicar à Previdência Social a ocorrência de acidentes de trabalho responderá ao que está preconizado no artigo 286 – multa variante entre o mínimo e o máximo de salário por contribuição, relacionada a cada acidente que deixar de comunicar (BRASIL, 2017). É importante destacar que, caso a empresa não realize o preenchimento da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), é possível que o próprio trabalhador, um representante dele, uma instituição sindical, um médico que o está acompanhando ou uma autoridade considerada de caráter público a preencha. Essa comunicação realizada por terceiros, porém, não impede a emissão de multa para a empresa. O registro da CAT ocorre de maneira *on-line* no *site* do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Durante a comunicação da CAT, deverão ser expedidas quatro vias do documento (uma via ficará retida no INSS, a outra deverá permanecer com o trabalhador, a terceira poderá ser disponibilizada ao sindicato da classe do trabalhador e a quarta via ficará arquivada na empresa em que o trabalhador atua). Para ser atendido em uma agência do INSS, o trabalhador deverá apresentar um documento de identificação com fotografia e o número do seu CPF.

Sobre as práticas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho, ao longo dos anos, alguns esforços foram realizados por meio de portarias, decretos e resoluções estimulados pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). O objetivo dessas práticas estava

relacionado ao desenvolvimento de diálogo estruturado, assim como a um nível de satisfação entre trabalhadores e empregados, ao mesmo tempo em que foi instigado o desenvolvimento de práticas que possibilitassem uma qualidade de vida mais saudável aos trabalhadores a partir das intervenções realizadas pelo setor de saúde ocupacional, representado pelo Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT).

Nesta perspectiva, as práticas de prevenção de acidentes no ambiente de trabalho desenvolvidas pelo setor de saúde ocupacional podem contemplar intervenções relacionadas à promoção de saúde, proteção específica dos trabalhadores de acordo com as atividades, realização de diagnósticos precoces nos exames periódicos de saúde ocupacional e na reabilitação dos trabalhadores, quando as medidas preventivas não forem suficientes, é indicada a implantação de um sistema de gestão de riscos no ambiente de trabalho.

No que diz respeito à implantação de um Sistema de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho (SGSST), assim manifesta-se a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2011, p.3):

Baseia-se em critérios relevantes de SST, em normas e em comportamentos. Tem como objetivo proporcionar um método de avaliar e de melhorar comportamentos relativamente à prevenção de incidentes e de acidentes no local de trabalho, através da gestão efetiva de riscos perigosos e de riscos no local de trabalho. Trata-se de um método lógico e gradual de decidir o que é necessário fazer, como fazer melhor, de acompanhar os progressos no sentido dos objetivos estabelecidos, de avaliar a forma como é feito e de identificar áreas a aperfeiçoar. É e deve ser susceptível de ser adaptado a mudanças na operacionalidade da organização e a exigências legislativas.

Nessa perspectiva, para implantação de um sistema de gestão de segurança e saúde no ambiente de trabalho, devemos levar em conta a identificação de perigos, observar como e quem, entre os trabalhadores, pode ser afetado, avaliar os riscos e decidir as precauções que devem ser adotadas, registrar os resultados e implementá-los, assim como realizar avaliações e atualizações, sempre que necessário. De acordo com a OIT (2011), é oportuna a sugestão de um ciclo de melhoria continuada, com linhas orientadoras, no que diz respeito a um sistema de gestão de segurança e saúde no ambiente de trabalho. É necessário haver sensibilização da diretoria e lideranças, para fomentar fóruns de discussões sobre a temática, levantar indicadores seguros e específicos, considerando as características das organizações de trabalho, desenvolver abordagens para reduzir os efeitos dos riscos, preparar os gestores, líderes de setores e trabalhadores para uma nova cultura, implantando ações corretivas e

preventivas e reavaliando os resultados, além de ajustar as abordagens sempre que necessário para prevenir os acidentes de trabalho.

Como ao longo da história as atividades desenvolvidas no cenário industrial foram marcadas por baixas condições de trabalho e exploração da capacidade física e mental dos trabalhadores, a implantação de um Sistema de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho (SGSST) pode ser considerada uma estratégia de prevenção de acidentes de trabalho, que pode reduzir significativamente os riscos e agravos da saúde e segurança dos trabalhadores.

Levando em conta as informações apresentadas, a implantação de um SGSST pode ser importante inclusive na prevenção de acidente em situações que o trabalhador esteja fazendo uso equivocado de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho. Como esse uso ocorre desde o início das atividades industriais em função das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores (OLIVEIRA, 2003), esta medida de intervenção poderá contribuir de maneira significativa na prevenção de acidentes de trabalho, visto que o consumo abusivo de bebidas alcoólicas representa um fator de risco durante o desempenho das atividades laborais.

Ao realizar a notificação e o monitoramento de um trabalhador em uso de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho, é necessário ficar atento, pois a quantidade de ingestão de bebida alcoólica pode ser considerada um indicativo de dependência; portanto, a análise do comportamento com as manifestações de sintomas, após a realização de um diagnóstico diferencial, poderá auxiliar na identificação de um quadro de dependência, devendo o trabalhador ser encaminhado para acompanhamento com profissionais de saúde e equipe especializada, quando necessário. Além disso, é preciso considerar que, além dos danos biológicos, a pessoa que tem dependência de bebidas alcoólicas sofre comprometimentos diversificados, entre eles alteração do estado mental, agravos psicológicos e sociais, além de estar sujeita a uma condição de risco quando se dispõe a realizar atividades laborais que podem potencializar o risco de acidente e morte no ambiente de trabalho.

Na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico utilizado para a realização desta pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção cumpre o propósito de fornecer as informações sobre o percurso metodológico deste estudo para responder aos objetivos propostos. Será iniciada com o delineamento da pesquisa, que se estruturou em uma configuração analítica, qualitativa, cuja base metodológica é a Teoria das Representações Sociais.

Na sequência, apresentamos a caracterização da pesquisa de campo, dos participantes e os critérios de inclusão. Além disso, descrevemos os instrumentos, as técnicas e os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados; por fim, os resultados encontrados.

Este relatório de pesquisa tem por objetivo aprofundamento de dados e informações coletadas, visando interpretá-las por intermédio da análise de conteúdo pertinente ao objeto pesquisado.

4.1 Delineamento

A abordagem de pesquisa qualitativa apresenta indicadores de uma trajetória bem-sucedida no contexto da educação, das ciências sociais, da psicologia e de áreas afins, ao mesmo tempo em que se observam crescentes publicações em contextos diversificados (FLICK, 2009). A pesquisa qualitativa utiliza textos ao invés de números para compor o material empírico de pesquisa e busca informações oriundas da perspectiva dos participantes relacionadas à questão do estudo proposto.

Para Minayo (2013), o método de pesquisa qualitativa é aquele aplicado para identificar o estudo das relações, das representações, das crenças, das percepções e das

opiniões das pessoas; para tanto, considera como elas vivem, sentem e pensam. Assim, é possível chegar a informações importantes sobre a realidade social em que as pessoas estão inseridas, o que permite desvelar processos sociais de grupos relacionados a contextos específicos pouco conhecidos, por isso possibilita amplas investigações.

4.2 Participantes

Participaram da pesquisa de campo 23 eletricitistas, do sexo masculino, que trabalham em rede de distribuição de energia elétrica em atividades de construção de redes para a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA). Esse quantitativo de participantes foi definido em função da quantidade de trabalhadores que fazem parte de uma empresa vinculada à Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia, no que diz respeito à equipe de construção de rede de distribuição de energia elétrica. Tentamos contato com outras empresas, mas, em razão da distância em que as equipes de construção estavam alojadas, não foi possível incluí-las na pesquisa de campo.

4.3 Instrumentos e técnicas de análise de dados

No que se refere aos instrumentos utilizados na pesquisa, o questionário foi utilizado com o objetivo de identificar as características do perfil social dos participantes, as informações demográficas e econômicas (Apêndice B) nele contidas.

O questionário é um instrumento com questões fechadas elaboradas com base nas referências do pesquisador (MINAYO, 2013). Com ele, buscamos informações relativas à idade, à escolaridade, ao estado civil, à profissão, ao tempo de experiência profissional, às características sobre a atuação profissional, à cidade em que os familiares de primeiro grau residem, assim como às características de perfil.

Na análise inicial dos dados, verificamos que as atividades desenvolvidas pelos eletricitistas que atuam em rede de distribuição têm um potencial de alto risco. Logo, durante o exercício das atividades laborais, eles devem estar com a capacidade de raciocínio lógico preservada, ter baixa vulnerabilidade e nível preservado de atenção, alta capacidade de adaptação, obediência a normas e regras, ter foco perante as tarefas a serem executadas e boa capacidade de trabalhar sob pressão. Sua função é cumprir procedimentos, metas e prazos institucionais.

A análise das características do perfil social dos participantes, assim como as informações demográficas e econômicas, foi realizada por meio do questionário e contou com o auxílio do Programa da *Microsoft Excel*, versão 97-2003, conforme etapas descritas a seguir. Na primeira etapa, foram numeradas as informações do questionário de acordo com as categorias; na segunda etapa, criamos um modelo base no *Excel*, em que cada linha correspondia à pessoa que respondeu ao questionário, e cada coluna representava as variáveis estudadas; na terceira etapa, realizou-se a tabulação dos dados; na quarta etapa, fez-se a revisão do material tabulado mediante a utilização do filtro do *Excel*, de modo que transportaram-se os dados para, enfim, construir as tabelas e gráficos para discussão dos dados.

Realizamos o rastreamento dos dados de consumo do álcool por meio do escore do instrumento *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT). Escolhemos este instrumento por encontrarmos indicações de uso em estudos ocupacionais, desenvolvidos por Vidal, Abreu e Portela (2017), que utilizaram este instrumento para avaliar o padrão de consumo de álcool em trabalhadores *offshore* e os resultados revelaram que trabalhadores expostos a alto nível de estresse, têm maior chance de apresentar consumo abusivo de álcool no trabalho. Do mesmo modo, Mushi e Manège (2018), utilizaram este instrumento para identificar a percepção de trabalhadores em canteiros de obras, em relação ao uso de drogas ilícitas e abuso de álcool e os resultados revelaram a necessidade de apresentarem mecanismos de controle para garantir que o uso de álcool e o abuso de drogas sejam controlados no trabalho.

Destacamos que este instrumento foi originalmente desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), validado para uso em diversos países, inclusive no Brasil, destacamos algumas iniciativas de validação no Rio Grande do Sul por Mendez (1999) e na Bahia por Lima et al (2005), conforme apontado por Moretti-Pires e Corradi-Webster (2011).

Construído em duas versões, selecionamos, para uso, aquela composta por questões que visam mensurar a quantidade e a frequência do uso de álcool, além de investigar sintomas de dependência e problemas recorrentes na vida dos participantes que estejam atrelados ao consumo de álcool (BABOR et al., 2001). Esta versão é composta por 10 questões (Anexo A), incorporando três domínios teóricos: (1) consumo de bebidas alcólicas; (2) dependência do consumo de bebidas alcólicas; e (3) consequências adversas relacionadas ao consumo de bebidas alcólicas, na medida em que as maiores pontuações são indicativas de uso problemático de bebidas alcólicas.

A questão 1, tem como opções de respostas: Nunca (0), se optar por esta resposta, é indicado ir para a questão 9-10 e opção 4 ou mais vezes por semana. A questão 2, tem 4 opções de respostas, relacionadas à quantidade de doses de bebidas alcoólicas consumidas, variando entre 1 ou 2 (0) e 10 ou mais (4). A questão 3, possui como opções de respostas: Nunca (0), se optar por esta resposta, é indicado ir para a questão 9-10 e a opção todos ou quase todos os dias (4). Para as questões 3, 4, 5, 6, 7 e 8, as opções de respostas variam entre: Nunca (0) e Todos os dias ou Quase todos (4). Já as questões 9 e 10, apontam três alternativas de respostas, discriminadas, a saber: Não (0); Sim, mas não nos últimos 12 meses (2); e Sim, nos últimos 12 meses (4). Conforme identificado em Babor et al. (2001), o escore desse instrumento é classificado segundo o (Quadro 5), apresentado nesta sequência.

Quadro 5 - Classificação do escore no AUDIT, 2001.

Classificação	Escore
Consumo de baixo risco	0 a 7 pontos
Uso de risco	8 a 15 pontos
Uso nocivo	15 a 19 pontos
Provável dependência	20 ou mais pontos (40 pontos o escore máximo)

Fonte: Babor *et al.*, (2001).

Consideramos o usuário em uma de quatro zonas de risco de acordo com o escore obtido na classificação apresentada no quadro 5. Zona I (até 7 pontos: indica consumo de baixo risco); zona II (de 8 a 15 pontos: sugere uso de ricos); Zona III (de 15 a 19 pontos: indica uso nocivo) e zona IV (acima de 20 pontos: indica uma provável dependência). Evidenciamos que é um instrumento de uso acessível e de rápida aplicação, recomendamos apenas um treinamento simples para codificação dos dados localizados.

A Técnica de Associação Livre de Palavras TALP (Apêndice C) foi utilizada para identificar as representações sociais. A TALP foi desenvolvida na psicologia clínica e adaptada para utilização em pesquisas na psicologia social, por isso tem sido utilizada frequentemente em pesquisas fundamentadas pela teoria das Representações Sociais (COUTINHO, 2017). Esse instrumento é estruturado por meio da verbalização de respostas dadas diante de estímulos indutores, considerando uma quantidade específica de palavras, da maior para a menor importância. Esses estímulos são estruturados conforme o objeto de estudo, assim como o contexto dos participantes.

Antes de iniciar a coleta dos dados, realizamos uma aplicação piloto com cinco eletricitistas, tendo em vista a necessidade de adaptação dos instrumentos e do modo de coleta

dos dados. Nessa pesquisa, foram utilizadas as palavras indutoras “bebidas alcoólicas”, requisitando dos participantes que verbalizassem as cinco palavras que viessem à cabeça relacionadas ao tema. A aplicação desse instrumento se deu por meio de três perguntas, conforme apresentado no Apêndice C.


À primeira questão descrita no instrumento solicitamos que os participantes apresentassem as cinco primeiras palavras que lhes viessem à cabeça ao pensar em “bebidas alcoólicas”. Para alcançar aquelas informações que não são expressas por meio das práticas costumeiras de pesquisa, recorreremos à zona muda das representações sociais.

Nas duas questões citadas a seguir, as quais serão aprofundadas mais adiante na apresentação do quadro de quatro casas, solicitamos aos participantes que respondessem à seguinte pergunta: “o que você acredita que pensam seus colegas eletricitas sobre ‘bebidas alcoólicas?’” Finalmente, o último questionamento: “qual a ideia que os eletricitas que atuam nas equipes de construção têm sobre ‘bebidas alcoólicas?’”

Neste sentido, segundo Oliveira *et al.* (2005) “a zona muda não é a parte inconsciente de nossas representações. A Zona muda não é o recalcado da abordagem psicanalítica. Ela faz parte da consciência dos indivíduos, ela é conhecida por eles, contudo ela não pode ser expressa”. Quando os participantes não expressam algumas informações, é porque eles não querem revelá-las ou torná-las públicas, então resguardam e não as exteriorizam.

No Quadro 6, apresentamos um modelo do funcionamento da expressão das representações sociais com a identificação da zona muda.

Quadro 6 – Demonstração do funcionamento das representações sociais, 2005.

EXPRESSÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
1 Elementos: “ ativados ”, então expressos 2 Elementos: “ adormecidos ”, então NÃO expressos 3 Dois tipos de elementos adormecidos: - Os NÃO ATIVADOS (dormentes: inúteis ou não pertinentes em um dado contexto) - Os NÃO EXPRESSÁVEIS (eles não estão dormentes: eles são ESCONDIDOS)

ZONA MUDA

Fonte: adaptado de Oliveira *et al.*, (2005).

A zona muda é a *face escondida* das representações sociais. “Se a parte inconsciente é amplamente determinada por processos psicológicos, a zona muda é fundamentalmente determinada pela situação social na qual a representação é produzida” (OLIVEIRA *et al.*,

2005, p. 24). Como os participantes da pesquisa escondem alguns elementos relacionados aos seus pensamentos em algumas situações, nesses elementos escondidos estão as duas facetas que compõem as representações, aquelas verbalizadas de maneira clara e aquelas não verbalizadas, chamadas de zona muda. Isto posto, recorreremos a Oliveira *et al.* (2005, p.34) para entender o que está por trás da existência de uma zona muda:

A zona muda é igualmente determinada pela importância das características de uma dada situação: quanto mais as condições sociais são fortes, maiores os riscos de existir uma zona muda. Associada e determinada pelas pressões normativas, a zona muda é uma produção dos processos de conformismo e de desiderabilidade social. Ela constitui o negativo do discurso obrigatório, do politicamente correto, nas situações em que a conformidade é uma condição essencial na situação.

Sendo assim, as informações coletadas por meio da TALP foram processadas com o auxílio do programa *Software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC), versão 2000, 3.0. Esse *software* foi desenvolvido por um grupo de estudiosos, sob a coordenação da Associação Brasileira de Incentivo à Ciência (ABRIC), com o objetivo de compreender os estereótipos sociais que são compartilhados, de maneira espontânea, pelos componentes de um grupo social e de auxiliar na visualização da natureza semântica das representações sociais (OLIVEIRA *et al.*, 2005). Utilizamos esse programa para apoiar a organização de informações textuais, ajustar a frequência de aparição, com a organização e o arranjo de acordo com a relevância das palavras que foram evocadas. Também foi utilizado como recurso de natureza relevante, pois, por meio dele, foi possível identificar as discrepâncias das informações e realizar o cálculo das médias simples e ponderadas das informações coletadas.

Com base em um dicionário de palavras produzidas pelos participantes da pesquisa, esse *software* auxiliou no cálculo com informações de frequência, média de ocorrência e ordem média das palavras evocadas (OLIVEIRA *et al.*, 2005). O *software* EVOC foi estruturado com dezesseis programas, em que cada um executa funções distintas.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados cinco desses programas visando atender às funções apresentadas a seguir: primeira função: *Lexique* – destina-se a dissociar as unidades lexicais que contêm o arquivo que está sendo utilizado; segunda função: *Trievoc* – para suceder uma seleção das evocações, mantendo-as organizadas por meio de uma ordenação alfabética; terceira função: *Nettoie* – para obter uma limpeza do arquivo, retirando erros de digitação das palavras, assim como possíveis desacertos com as unidades lexicais e

com a ortografia das palavras; quarta função: *Rangmot* – apresenta uma lista composta por todas as palavras que foram evocadas, em ordem alfabética, em que se percebe a quantidade de vezes em que ocorreu a evocação e a ordem de evocação das palavras; por fim, a quinta função: *Rangmot* – disponibiliza a constância, a média ponderada, assim como a frequência total de todas as palavras evocadas (Figura 2).

Figura 1 - Análise das evocações por meio do Quadro de Quatro Casas, 2005.

Média das Ordens Médias Ponderadas de Evocações	
Elementos do Núcleo Central	Elementos da 1ª Periferia
<i>Frequência Média Das palavras evocadas</i>	
Elementos de contraste	Elementos Periféricos da 2ª Periferia

Fonte: adaptado de Oliveira *et al.*, (2005, p. 583).

Esta função também estabelece as informações organizadas na forma de um quadro, que é composto por quatro casas, em que os elementos integram o núcleo central e a periferia das representações sociais (VÈRGES, 1992, 2002).

Como a entrevista é um dos meios mais utilizados para realização de pesquisas, recorreremos também a este instrumento para realização da pesquisa de campo. Considerando a estrutura da entrevista, de acordo com Goldenberg (2009), cada questão deve estar relacionada ao objeto de estudo, ser relatada de forma clara e objetiva, sem confundir ou induzir os participantes, além de envolver diferentes pontos de vista.

Esse instrumento apresenta as seguintes vantagens: pode ser utilizado para coletar informações de pessoas que não conseguem escrever; é possível observar o que está sendo dito pelo participante, inclusive as possíveis contradições; permite identificar informações com mais profundidade; é possível estabelecer uma relação de confiança entre o participante e o entrevistador, condição que favorece o surgimento de outros dados, já que as pessoas têm mais motivação para falar do que para escrever.

Para Jovchelovitch e Bauer (2008), a finalidade da entrevista semiestruturada está em recuperar eventos e fatos sociais por intermédio da perspectiva dos participantes, tão espontaneamente quanto admissível. Dessa forma, esse instrumento foi utilizado para registrar a narrativa dos participantes, estimulando-os a fazerem relato sobre acontecimentos importantes de suas vidas, hábitos rotineiros na vida pessoal e no ambiente de trabalho.

A entrevista, proposta para a realização deste estudo (Apêndice D), compreendeu perguntas envolvendo a frequência e o motivo que levou os participantes a consumirem bebidas alcoólicas; a percepção sobre beber socialmente e o alcoolismo; o acesso a bebidas alcoólicas no acampamento; as atividades desenvolvidas no tempo de trabalho e lazer; a flexibilização da jornada de trabalho e o banco de horas extras; a percepção sobre campanhas ou projetos de prevenção de alcoolismo.

Para analisar as informações coletadas por meio da entrevista, utilizamos a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (BARDIN, [1997] 2007). Assim, os dados foram organizados para dar sentido às características identificadas nas seguintes etapas: pré-análise, leitura, organização do material e escolha dos documentos, visando à delimitação do universo estudado (constituição do *corpus*); exploração do material: manipulação de maneira ordenada do material; e tratamento e interpretação dos dados: manuseio das informações de maneira a descrevê-las por meio dos achados da pesquisa e, posteriormente, gerar as classes temáticas, as categorias e subcategorias. Essa análise teve como objetivo explicar, por intermédio de deduções, os dados coletados (BARDIN, [1997] 2007).

4.4 Procedimentos de coleta de dados

Para a execução da pesquisa de campo, realizamos contato com a organização à qual os eletricitistas estavam vinculados, com a finalidade de agendar dia e horário para a realização das atividades. Esse contato inicial ocorreu na primeira quinzena de março de 2021, por telefone, quando realizamos um pré-agendamento para o início do mês de junho daquele ano. Retornamos o contato no dia 28 de maio de 2021, deixando agendado para dia 4 de junho de 2021. Já que esse dia seria feriado, precisava assegurar que as lideranças iriam conseguir reunir todas as equipes de construção na mesma obra.

Realizamos uma aplicação piloto da pesquisa no dia 8 de maio de 2021, com cinco eletricitistas de rede de distribuição de outra empresa. Tal ação objetivou avaliar os instrumentos selecionados e o tempo de aplicação e verificar a necessidade de algum ajuste e adaptação, a fim de assegurar a qualidade da pesquisa de campo.

Conforme combinado, no dia 4 de junho de 2021, às 08 horas da manhã, deslocamos ao campo; todos os trabalhadores estavam participando de um Diálogo Diário de Segurança com os técnicos. Ao finalizar as orientações iniciais, o técnico em Segurança do Trabalho, que já havia sido informado pelo coordenador das equipes, concedeu um espaço, que foi utilizado para realizar uma roda de conversa com os trabalhadores, antes de iniciarem as atividades do

trabalho. O objetivo dessa roda de conversa foi realizar uma apresentação da pesquisadora, explicar os objetivos da pesquisa e iniciar o estabelecimento do *Rapport*⁵ – comportamento utilizado para estabelecimento de vínculo de confiança durante o processo de participação na pesquisa.

Ao chegar ao campo, algo que despertou a atenção foi o ponto de apoio ao lado do local onde a equipe se reuniu. A rede que iria ser reparada passava exatamente na frente de um bar cuja parte externa fora utilizada como apoio inicial para o início da pesquisa. Esse espaço foi cedido pelo proprietário do bar que estava de prontidão, caso alguém necessitasse comprar algum produto. Durante o tempo em que estivemos no local, nenhum trabalhador se aproximou da parte interna do bar, excetuando dois deles que pediram para usar o banheiro.

Após finalizarmos a roda de conversa, enquanto os trabalhadores se aproximavam dos caminhões para pegar os materiais e iniciar a atividade, nomeada de desligamento para reparo em rede programada, iniciamos a realização da pesquisa, na parte externa do bar, que ficava na frente do primeiro poste, onde estava a primeira equipe de trabalhadores.

Enquanto a equipe iniciava os trabalhos de campo, os trabalhadores iam se revezando e participavam da pesquisa. Prosseguimos com o *Rapport* de maneira individual, após a roda de conversa com os participantes; em seguida, foram explicados mais uma vez os objetivos do estudo e iniciamos de maneira individual. Na sequência, conforme as recomendações do Comitê de Ética, foi distribuído o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cada participante, realizamos a leitura do texto e solicitamos a assinatura dos participantes; após a manifestação deles de seguir com a pesquisa, solicitamos a via do TCLE assinada.

Demos continuidade às perguntas do questionário acerca de informações sociais e demográficas. Foram feitas as perguntas do instrumento *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) com o objetivo de mensurar o consumo de bebidas alcoólicas. Por fim, aplicamos a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e a entrevista, a fim de identificar as memórias e as representações sociais desse grupo, de acordo com as informações apresentadas a seguir.

À medida que o trabalho dos eletricitistas ia sendo realizado, ficava mais difícil de os participantes se deslocarem até o ponto de apoio. Diante disso, com receio de não conseguir realizar a pesquisa, deixamos o ponto de apoio e passamos a fazer as entrevistas ao lado dos trabalhadores na própria obra.

⁵ Trata-se de um termo utilizado pela psicologia, com propósito de estabelecer uma relação de empatia para que a comunicação avance com menos resistência.

Realizar essa pesquisa de campo foi uma experiência bem desafiadora. Além de os participantes responderem com frases curtas às perguntas, como o tempo estava nublado e ter começado a chover no início da tarde, para não perdermos tempo e não molharmos os formulários, continuamos a pesquisa na cabine de um dos caminhões, onde foram entrevistados apenas dois participantes, já que a chuva passou rápido.

Observamos, também, que essa atividade de desligamento e reparo de rede é complexa e mobiliza muitos profissionais. Durante esse dia, notamos a presença de dois técnicos em segurança que realizaram o Diálogo Diário de Segurança antes de iniciar a atividade; na sequência, percebemos que estiveram em campo, em horários alternados, dois supervisores para acompanhar a execução da obra. Além disso, como a atividade foi programada para todo o dia, alguns profissionais levaram marmitas, mas outros se esqueceram; um assistente administrativo que esteve em campo levou consigo quentinhas para alguns profissionais, enquanto alguns almoçavam, outros davam continuidade à realização das tarefas.

Ao observar alguns profissionais sentados no chão, outros debaixo de árvores e alguns dentro do caminhão almoçando, lembramos de um relato que ouvimos seis anos atrás sobre os desafios da atuação dos eletricitas. Em 2015, quando iniciamos um trabalho na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), em uma empresa que atua com eletricitas de rede de distribuição. Em certa ocasião, o responsável pelo setor de Gestão de Pessoas solicitou que fosse realizado um acolhimento para ouvir as solicitações dos trabalhadores, enfatizando a necessidade de atenção às equipes de campo, que enfrentavam muitas dificuldades na realização das tarefas diárias.

Entre as dificuldades, os trabalhadores relataram que os eletricitas costumavam trabalhar dia e noite, enfrentavam períodos de chuva, temporais e, às vezes, sol quente para realizar os reparos nas redes e assegurar que não ocorresse falta de energia para a comunidade; muitas vezes, eles precisavam se deslocar para obras distantes, por isso precisavam levar marmitas para fazer as refeições no próprio local, contudo, como na maioria das vezes a temperatura era muito alta, o alimento estragava, aumentando as dificuldades enfrentadas por estes profissionais. Além disso, os eletricitas trabalhavam com atividades de alto impacto, o que potencializava o risco de haver um acidente fatal.

Poder acompanhá-los nessa atividade de campo para a realização da pesquisa despertou ainda mais a nossa sensibilidade, principalmente ao percebermos seus olhos brilhando ao falar da própria vida e dos detalhes das atividades que desenvolvem. Foi uma experiência muito gratificante.

Ademais, constatamos que, para realização dessa atividade, foi feito um revezamento entre os eletricitistas, isto é, aqueles que subiam no poste para executar os reparos na rede pela manhã, na parte da tarde ficavam no solo, enquanto os outros subiam. Esse revezamento ajudou a atender todo o grupo de profissionais que estava em campo. Como estavam parando para responder à pesquisa, a atividade que estava prevista para encerrar às 15h, foi finalizada às 16h35min. Como ainda faltava entrevistar três participantes, eles aguardaram a finalização das entrevistas enquanto organizavam o material no caminhão. Ao encerrar a pesquisa, ocorreu o deslocamento até a sede da empresa e todos retornaram juntos.

Algo que também chamou a atenção foi que, durante todo o dia, o trabalho era desenvolvido em conjunto, movido por uma parceria e cooperação entre os trabalhadores. Dessa forma, enquanto um solicitava uma ferramenta, outro mandava puxar os cabos de rede, a que outro prontamente atendia. Embora tenha sido uma experiência desafiadora, foi nesse cenário harmonioso e com um trabalho em equipe, ao final da tarde, que o trabalho de campo foi encerrado, quando já estava escurecendo.

Na próxima seção, apresentamos os resultados, abrangendo também as informações relacionadas ao uso de bebidas alcoólicas, às representações sociais e às memórias de eletricitistas sobre o uso de bebidas alcoólicas.

5 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIAS DE ELETRICISTAS SOBRE CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Esta seção foi elaborada com base nos registros do Diário de Campo, com as informações identificadas por meio dos questionários, a classificação do uso de bebidas alcoólicas segundo o instrumento *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e a Entrevista. À luz dos pressupostos teóricos, recorreremos a Bardin ([1997] 2007), de modo que os resultados e discussão estão descritos em forma de duas categorias: **Memória e representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas** e **Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas**, conforme apresentado a seguir.

5.1 Características de perfil dos participantes

A Tabela 1 mostra o perfil dos participantes, segundo sexo, idade, escolaridade, formação continuada, familiares que residem na mesma moradia, experiência na função, tempo de atuação na equipe de construção, líder de equipe, tempo que costumam ficar acampados, quantidade de vezes no ano em que ficam acampados, estrutura das folgas, o lazer com a família e com os amigos.

Tabela 1 – Características de Perfil dos participantes.

Características	Variáveis	nº
Eletricistas	Sexo masculino	23
Idade	31 a 40 anos	12
Escolaridade	Ensino Médio	19
Curso básico e obrigatório	Normas Regulamentadoras	23
Familiares na moradia	1 a 3 pessoas	11
Experiência na função	2 a 4 anos	10
Atuação equipe de construção	2 a 4 anos	10
Líder da equipe	Encarregado	20
Estrutura das folgas	Escala 1	8
Tempo acampado	8 a 14 dias	10
Vezes acampado no ano	10 a 12 vezes	9
	25 a 30 vezes	9
Lazer com a família	Churrasco e passeio na roça	12
Lazer com os amigos	Futebol (alguns bebem cerveja após jogo)	10

Fonte: elaboração própria, 2021.

De acordo com as informações da (Tabela 1), participaram da pesquisa 23 eletricitistas do sexo masculino, 12 participantes tinham entre 31 e 40 anos de idade, 19 cursaram o ensino médio completo, e todos tinham os cursos básico e obrigatório para exercício da atividade, conforme legislação vigente nas Normas Regulamentadoras da profissão para atuar como eletricitista de rede de distribuição, a saber: NR-10, NR-10 SEP, NR-35, RD, POP.

11 participantes moram com até três pessoas na residência. Sobre o período de experiência, os resultados mostram que 10 participantes tinha entre 2 e 4 anos de experiência na função, 10 deles atuavam nas equipes de construção entre 2 e 4 anos. Além disso, relataram que faz aproximadamente 3 anos que houve alteração no modelo dos caminhões, conseqüentemente, em algumas equipes, o número de profissionais foi reduzido, e 20 participantes afirmaram que o encarregado é quem lidera a equipe em campo. Em algumas equipes, o encarregado também era o responsável por dirigir e operar o caminhão *munck*, durante a execução dos serviços.

No que diz respeito à estrutura das folgas, observamos que os eletricitistas que atuam nessas equipes de construção têm 4 modalidades de folgas, de acordo com as escalas descritas a seguir: escala 1 (trabalha de segunda a sábado com 1 folga no domingo; trabalha de segunda a sexta-feira e folga no sábado e domingo; trabalha acampado e folga 4 dias seguidos ao retornar para casa); escala 2 (trabalha 15 dias e folga 3); escala 3 (1 folga na semana, ao retornar da obra, permanece 4 dias em casa); por fim, a escala 4 (folga sábado e domingo, semanalmente). Em conformidade com as informações, 8 dos eletricitistas entrevistados seguem a programação de folga estruturada com base na escala 1.

Dos eletricitistas participantes da pesquisa, 10 relataram que ficam entre 8 e 14 dias seguidos, acampados para realizar as obras. Considerando a quantidade de vezes que ficam acampados durante o ano, 9 deles informaram que ficam entre 10 a 12 vezes e 9 informaram que ficam entre 25 a 30 vezes acampados no ano.

De acordo com as informações da pesquisa, 12 dos participantes têm o churrasco e o passeio na roça como opção de lazer com a família e sobre opção de lazer com amigos, 10 participantes relataram que costumam jogar futebol, e alguns deles, depois do jogo, tomam cerveja.

Recorremos à Classificação Brasileira de Ocupação (CBO) para realizar a descrição sumária da função de eletricitista de rede de distribuição. Segundo a CBO, os eletricitistas que trabalham na construção e manutenção de redes de distribuição de energia elétrica são profissionais que devem atuar em áreas de solo ou nível aéreo. Eles planejam, constroem,

instalam, ampliam e reparam redes de linhas elétricas de alta e baixa tensão, rede de dados e linhas de transmissão de energia de tração de veículos, como também instalam equipamentos e localizam defeitos (BRASIL, 2002).

Durante o desenvolvimento das atividades, o eletricista da equipe de construção realizava leitura e interpretação de desenhos técnicos, executava ligações e desligamentos com atividades de potência, reconhecia componentes elétricos e identificava riscos elétricos na área em que atuava. De acordo com o projeto de rede de distribuição, o eletricista deve trabalhar com posteação (considerando tipo, altura e esforço), condutores (observando tipo e seção), transformadores (analisando número de fases e potência nominal), aterramento e estruturas, indicação de linhas de transmissão (redes particulares, telefônicas e consumidores) e geradores particulares.

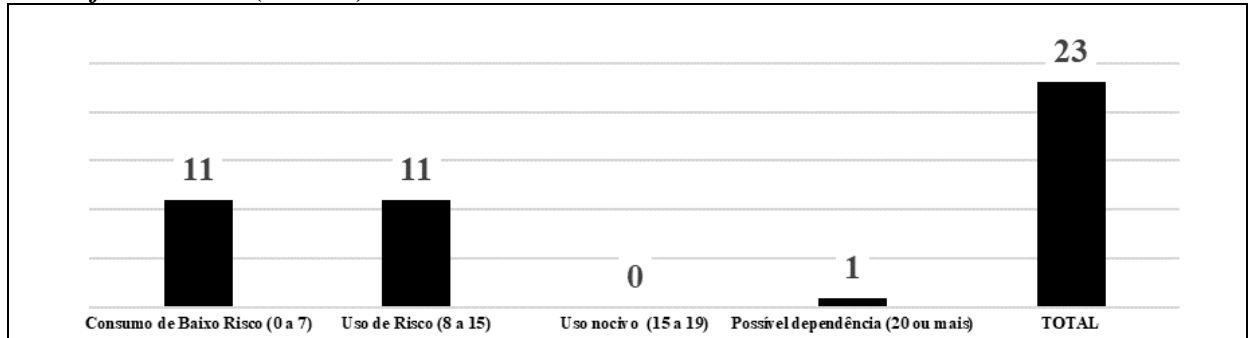
Todo esse trabalho é realizado com acompanhamento permanente de supervisores, técnicos e engenheiros de segurança do trabalho, uma vez que tais trabalhadores devem estar acompanhados de uma equipe, que envolve auxiliares, encarregados e motoristas operadores de *munk* ou guindaste. Além disso, para atuar na área elétrica, o eletricista precisa ser recomendado na Avaliação Psicológica Psicossocial e apresentar o Atestado de Saúde Ocupacional apto para desempenho da função. No trabalho da construção, o corpo técnico das equipes é composto por eletricista, auxiliar de eletricista, motorista operador e encarregado. Estabelecemos, como critérios de inclusão, para participação na pesquisa, os eletricistas que atuam em equipes de construção na empresa que presta serviços à Coelba, além daqueles que manifestaram interesse.

5.2 O consumo de bebidas alcoólicas segundo o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT)

Ao questionar a frequência de consumo e os sintomas de dependência de bebidas alcoólicas, alguns participantes informaram já ter observado colegas fazerem uso de drogas no acampamento. Quando questionados sobre o uso de bebidas alcoólicas, alguns relataram usá-las durante a semana, outros disseram que as usam apenas em festas e em datas comemorativas.

O Gráfico 1 refere a frequência de uso e os sintomas de dependência de bebidas alcoólicas, segundo os eletricistas.

Gráfico 1 - Classificação de uso de bebidas alcoólicas por meio do *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)*



Fonte: elaboração própria, 2021.

Como é possível observar no Gráfico 1, entre os 23 participantes da pesquisa, 11 apresentaram consumo de risco, identificado em razão dos escores que variam entre 8 e 15 pontos. Na análise da categoria, esse padrão de consumo coloca esses participantes em risco de adquirir problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, o que pode prejudicar sua condição de saúde. Dos participantes, 11 exibiram consumo de baixo risco, de acordo com os escores que variam entre 0 e 7 pontos. Isso indica que o risco de eles desenvolverem algum problema com bebidas alcoólicas é provavelmente baixo.

Somente 1 participante apresentou provável dependência. Essa informação foi identificada com base no escore, que varia entre 20 ou mais pontos. Ao avaliar esta categoria, observamos que esse padrão de consumo se encontra em um nível arriscado, o qual pode desencadear outros problemas de saúde, danos à própria vida e até desenvolvimento de transtorno pelo uso excessivo de bebida alcoólica ou um quadro de dependência. Desse modo, é indicado consultar um profissional de saúde para realizar avaliação e acompanhamento especializado.

Conforme as informações da pesquisa, 10 participantes relataram que fazem uso de bebidas alcoólicas por motivo de descontração e diversão; 2 informaram que usam bebidas alcoólicas quando estão angustiados ou nervosos; e 1 eletricista apresentou provável dependência, e, para alguns deles, consumo de risco. Diante das informações obtidas dos participantes, entre os eletricistas que observaram colegas usando drogas no acampamento, 4 deles mencionaram já ter presenciado os colegas fazerem uso de bebidas alcoólicas; 1 observou o uso de cigarro; e 1 não quis especificar o tipo de droga que presenciou os colegas eletricistas utilizarem no acampamento. Considerando o exposto, estudos ocupacionais relacionados a temática foram encontrados e apresentamos os resultados a seguir.

Gonçalves et al. (2021) realizaram estudo para analisar as problemáticas enfrentadas por eletricitistas de redes de distribuição de energia elétrica no que diz respeito a aspectos relacionados à tarefa de poda de vegetação. Os resultados revelaram dificuldades com relação aos aspectos fisiológicos decorrentes de esforços empreendidos em face da alta demanda, sobretudo dificuldades técnicas e organizacionais do trabalho. Além disso, identificaram aspectos relacionados à dimensão do prazer associado às questões da atuação e do trabalho bem feito, embora sutilmente invisível para a sociedade.

Silva e Lima (2021) realizaram estudo na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) à luz dos descritores saúde, trabalho e setor elétrico, visando conhecer o estado da arte sobre saúde e segurança nesse setor. Apesar de identificar contribuições com diferentes enfoques, constataram que se trata de um trabalho perigoso, com produções teóricas recentes e escassas. Encontramos também, dois estudos realizados com trabalhadores *offshore* que, apesar de não serem eletricitistas, têm uma jornada de trabalho semelhante a dos profissionais do setor elétrico, principalmente no que diz respeito as consequências relacionadas ao risco de acidente, ao fazerem uso de bebidas alcoólicas enquanto trabalham.

Leite (2009), em estudo com trabalhadores que atuam em plataformas marítimas de petróleo para a empresa Petrobras, mostra que esses profissionais atuam em condições de confinamento. Nesse sentido, estão expostos a níveis elevados de estresse psicossocial, passam catorze dias trabalhando em alto-mar e recebem folgas para seguir com a vida em terra por 21 dias. A escala de trabalho é definida em modalidades distintas, podendo ser 14 dias trabalhados e 14 dias de folga – essa é a escala mais comum –; ou 21 dias trabalhando e 21 dias folgando; e, também, 28 dias trabalhando e 28 dias folgando. Os trabalhadores *offshore* – pelo fato de estarem distanciados do convívio familiar, do convívio social – se submetem a uma jornada de trabalho mais estressante que outros trabalhadores e se assemelham aos eletricitistas que atuam em equipes de construção, que também ficam acampados e distantes dos familiares e amigos por um período significativo, a depender da escala de trabalho.

Vidal, Abreu e Portela (2017) também realizaram estudo com trabalhadores *offshore*, com vista a avaliar a associação entre estresse psicossocial no trabalho e padrão de consumo de bebidas alcoólicas. Os resultados mostraram que 15,2% dos trabalhadores apresentaram consumo abusivo de álcool, sendo que 56,5% têm menos de 5 anos de experiência na área de *offshore*, todos trabalham em turnos de 12 horas diárias ao longo de 15 dias, seguidos de 15 dias de folga. Além disso, as análises multivariadas sugerem que trabalhadores expostos ao

alto estresse no trabalho têm maior probabilidade de apresentar consumo abusivo de bebidas alcoólicas, quando comparados aos trabalhadores não expostos. Por atuarem em ritmo de confinamento em uma atividade de risco, com carga de estresse significativo, no período de folga o uso de bebidas alcoólicas pode aparecer como uma compensação, ao considerar a ruptura de suas vidas por ficarem isolados do convívio familiar e social. Nesse sentido, por conta do distanciamento familiar e social como na profissão dos eletricitas, que ficam acampados em escalas semelhantes, e assim como nas plataformas não pode haver bebidas alcoólicas, nos acampamentos os eletricitas também não podem fazer uso dessas substâncias, desse modo, existe maior probabilidade de profissionais, com esse perfil de atividade, desenvolver o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e, até o alcoolismo.

A seguir, são apresentadas as informações identificadas por meio do Teste de Associação Livre de Palavras, com o quadro de quatro casas, assim como a zona muda das representações dos eletricitas sobre o consumo de bebidas alcoólicas, seguida da substituição das palavras.

5.3 Informações sobre bebidas alcoólicas adquiridas por meio do Teste de Associação Livre de Palavra (TALP)

Na Figura 2 estão demonstrados os resultados das evocações livres oriundas do termo indutivo “o que vem à sua mente ao pensar em bebidas alcoólicas?”, expressas pelos eletricitas de rede de distribuição que atuam nas equipes de construção.

Figura 2 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “o que vem à sua mente ao pensar em bebidas alcoólicas”, do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.

Elementos do Núcleo Central				Elementos Periféricos da 1ª Periferia			
OME < 3				OME < 3			
F > 8 =	Prejuízo	12	2,250	Briga	13	3,231	
				Controle	10	3,800	
				Diversão	16	3,063	
Elementos de contraste				Elementos Periféricos da 2ª Periferia			
F < 3 =	Ruim	7	2,143	Acidente	4	3,250	
	Tipos de bebidas	6	3,000	Afastamento	7	3,429	
	Vício	3	2,667	Mal-estar	7	3,714	
				Morte	3	4,000	

Fonte: dados da pesquisa gerados pelo EVOC, 2021.

Antes de iniciarmos a aplicação definitiva do teste de Associação Livre de Palavras, foi realizado um pré-treino com os participantes, utilizando as palavras “jogo de futebol”

como termos indutores e solicitamos que eles verbalizassem cinco palavras que surgissem na mente, ao ouvir as palavras indutoras. Ao constatarmos que os participantes haviam compreendido a proposta, seguimos para a aplicação definitiva do teste.

Como é possível observar, no quadro de quatro casas (Figura 2), os elementos apresentados auxiliam na demonstração do possível núcleo central das Representações Sociais (quadrante superior esquerdo), que apresenta as palavras mais frequentes nessa amostra e também as palavras mais evocadas que estão amparadas na ordem média de evocação das palavras (OME). Os outros quadrantes (superior direito, inferior esquerdo e inferior direito) e palavras que foram evocadas representam os elementos periféricos das Representações Sociais. Conforme exposto nesse quadro de quatro casas, foram evocadas 88 palavras.

Com base no processamento dos dados pelo *software* EVOC, percebemos que, no núcleo central das Representações Sociais, “prejuízo” foi a palavra predominante, a que foi evocada em maior número de vezes. Contudo, é importante esclarecer que, para essa análise, realizou-se uma aproximação semântica das palavras, em que a palavra “prejuízo” está relacionada a “malefício para a saúde”, “prejuízo financeiro”, “destruição”, “ruínas”, “fez-me muito mal”, “fiquei internado por causa dela”, “prejudicial”, “derrota”, “gasto financeiro” e “misérias”.

No quadrante superior direito, estão posicionadas as evocações da primeira periferia, que são aquelas palavras que mais se inclinam para influenciar o núcleo central. Conforme é possível observar, a palavra “diversão” foi uma das mais evocadas, o que sinaliza a sua aproximação com o momento em que os eletricitistas fazem uso de bebidas alcoólicas. Na aproximação semântica das palavras, a palavra “diversão” está associada a “passatempo”, “mulheres”, “encontros”, “curtição”, “distração”, “farra”, “amizade”, “reunir amigos”, “animação”, “família”, “banho do rio”, “férias” e “casa”. A segunda palavra mais evocada foi “briga”, que também está associada a “prejuízo”. Na aproximação semântica das palavras, “briga” está vinculada a “brigas”, “desavença com a família”, “mal-entendido”, “transtorno familiar”, “conflito”, “família em desentendimento”, “briga em família” e “perda da família”. A terceira palavra mais evocada foi “controle”; realizada a aproximação semântica das palavras, o vocábulo “controle” está ligado a “beber demais”, “excesso”, “embriaguez”, “ficar bêbado”, “exagero”, “sem controle” e “abusos”. Isso indica que o uso de bebidas alcoólicas para esse grupo de eletricitistas está associado a comportamentos exagerados e excessivos.

Assim, como os elementos periféricos são constituídos por aqueles que envolvem prescrições condicionais, é necessário enfatizar a sua importância para compreender o

funcionamento das representações sociais (SÁ, 2002). Nessa lógica, o elemento da primeira periferia indica, também, que o uso de bebidas alcoólicas pode ser uma estratégia de enfrentamento ou prática de lazer, mostrada por meio da palavra “diversão”, que expressa também uma dimensão da necessidade de ter controle, cuja ausência pode trazer desarmonia entre as pessoas.

De acordo com Abric (1998), os elementos periféricos cumprem um papel fundamental nas representações. Por meio dos elementos periféricos, é possível compreender a interconexão entre o núcleo central e a circunstância concreta em que a representação é elaborada, funciona e responde. Na Figura 3, a segunda periferia foi constituída pelos elementos “acidente”, “afastamento”, “mal-estar” e “morte” como parte da estrutura que também está intimamente associada a outros elementos da representação, por exemplo, “prejuízo” e “controle”, que releva os resultados que estão associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas, o qual pode ocasionar condutas inadequadas que comprometem a própria vida.

Realizada uma aproximação semântica das palavras, a palavra “acidente” está ligada a “acidente de trânsito”, “acidente” e “tragédia”. A palavra “afastamento” está vinculada a “esquecer da família”, “afastamento”, “pessoas jogadas”, “desprezo”, “falta de atenção”, “falta de companheirismo da família” e “dó”. A palavra “mal-estar” está conectada a “sensações de ressaca”, “enjoo”, “mal-estar”, “queda” e “causa fraqueza”. Já a palavra “morte” está unida a questões relativas a “tirar a vida” e “morte”.

O quadrante inferior esquerdo, também denominado “zona de contraste”, de acordo com Abric (2003), pode revelar os elementos que aparecem frequentes no núcleo central e na primeira periferia e, igualmente, apontar o aparecimento de um subgrupo que ampara uma representação diferente da maioria. Sobre essas representações sociais, os elementos citados reforçam os outros anteriormente citados e são constituídos por meio das palavras “ruim”, “tipo de bebidas” e “vício”. Foi realizada uma aproximação semântica das palavras, em que o vocábulo “ruim” está correlacionado com “algo ruim”, “difícil”, “transtorno”, “não curto”, “não acho legal”, “não incentiva ninguém a beber” e “faz mal”. A palavra “tipo de bebidas” está alinhada a “álcool”, “cerveja”, “uísque”, “*red-bull*”, “vinho” e “catuaba”, enquanto a palavra “vício” está relacionada à frase “se não experimentar não vicia” e “vício”.

De acordo com Abric (1998), as representações sociais são constituídas de ideias, crenças e valores, e giram ao redor de um núcleo central, que prescreve e, ao mesmo tempo, determina o seu sentido e a sua organização interna. Neste estudo, a palavra “prejuízo” foi

evocada de maneira significativa, apontando o possível núcleo central. Como o núcleo central é um subconjunto das representações sociais, o uso de bebidas alcoólicas para esse grupo de eletricitas pode estar relacionado a diversos tipos de estragos na própria vida. Nessa lógica, a verificação do núcleo central é necessária para entender o objeto das representações, o que significa identificar o que está sendo representado (SÁ, 2002). Considerando o exposto, constatamos, na Figura 2, que o núcleo central das representações sociais é marcado por elementos negativos, os quais expressam o posicionamento dos eletricitas sobre bebidas alcoólicas, evidenciado por meio da palavra “prejuízo”.

Em um estudo realizado no meio rural do estado de Maranhão, Batista (2018) constatou que o uso de bebidas alcoólicas faz parte da organização de festividades e atividades culturais esportivas. De acordo com os achados, 36,7% dos participantes relataram não ser aceitável planejar a realização de festejos sem bebidas alcoólicas. Como elas são um tipo de droga lícita e de fácil acesso, é quase indispensável a sua presença em situações sociais. Nessas circunstâncias, considerando os impactos e prejuízos relacionados ao uso excessivo de bebidas alcoólicas, dados como os apontados na Figura 2 sugerem a necessidade de sensibilização dos trabalhadores que atuam em atividades de alto risco para considerar o impacto que o uso excessivo de bebidas alcoólicas pode causar em suas vidas. Além disso, faz-se necessário que seja enfatizado o uso moderado dessas substâncias em situações de diversão e entretenimento.

Nessa perspectiva, com o apoio da zona muda, buscamos identificar algumas representações sociais não verbalizadas pelos eletricitas sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Para isso, foram utilizados os seguintes termos indutores, conforme apresentado na Figura 3, “o que pensam seus colegas eletricitas sobre bebidas alcoólicas?”. “Qual a ideia que os eletricitas que atuam nas equipes de construção têm sobre bebidas alcoólicas?”.

Figura 3 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “o que pensam seus colegas eletricitas sobre bebidas alcoólicas?”, expressas com base na descontextualização do sujeito (Zona muda das Representações Sociais), do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.

	Elementos do Núcleo Central		Elementos Periféricos da 1ª Periferia		
	OME < 3		OME < 3		
F > 14 =	Controle	15	2,667		
	Diversão	41	2,927		
	Prazer	18	2,667		
F < 3 =	Elementos de contraste		Elementos Periféricos da 2ª Periferia		
	Sem futuro	4	2,000	Briga	4 3,500
				Mal-estar	4 3,750
				Ruim	9 3,111

Fonte: dados da pesquisa gerados pelo EVOC, 2021.

De acordo com o tratamento dos dados pelo *software* EVOC, entendemos que, o possível núcleo central das representações sociais, o termo indutivo relacionado ao que os colegas dos participantes pensam sobre as bebidas alcoólicas está diretamente relacionado à palavra “diversão”. Esta foi a palavra preponderante, isto é, a que foi evocada em maior número de vezes.

Também realizamos uma aproximação semântica das palavras, em que o vocábulo “diversão” está relacionado a “farra”, “curtição”, “curtir o momento”, “curtir”, “descanso”, “distração”, “esquecer problemas”, “resenha”, “encontrar amigos”, “rever colegas”, “ver os amigos”, “amizade”, “reunir os amigos”, “lazer”, “mulherada”, “churrasco”, “reunião”, “esquecer do trabalho”, “rola tudo”, “descontração”, “pegação”, “relaxar”, “relaxa”, “relaxamento”, “diversão”, “futebol”, “é bom no final de semana”, “trocar ideia”. Outras palavras apareceram, tais como “prazer” e “controle”, e estão associadas a diversão. De acordo com o quadro de quatro casas anteriormente apresentado, foi evocado um total de 95 palavras.

O quadrante superior direito faz referência às evocações da primeira periferia. Como é possível observar, nessa análise não apareceram palavras. A segunda periferia foi formada pelos elementos “briga”, “mal-estar” e “ruim”. Realizamos uma aproximação semântica das palavras, e a palavra “briga” está relacionada a “desavenças”, “transtorno com colegas”, “brigas e confusão”. A palavra “mal-estar” está ligada a “ressaca”, “desconforto e efeito”, “é ruim”. Já a palavra “ruim” está vinculada a “muito problema”, “o cérebro muda”, “outros não gostam”, “errado”, “momentos ruins”, “algo que não presta”, “não é bom”, “melhor tomar refrigerante”. As palavras evocadas remetem à necessidade de controle que os participantes revelam ter ao fazerem uso de bebidas alcoólicas, a fim de evitar prejuízos, tais como “briga”, “mal-estar” e “acontecimentos ruins”.

O quadrante inferior esquerdo, também nomeado de “zona de contraste”, apresenta o elemento apontado pela palavra “sem futuro”. Após realizar a aproximação semântica, esse elemento aparece relacionado a “tira o futuro da família”, “sem futuro”, “não vale a pena” e “não tem futuro”, os quais ilustram a concepção que os participantes têm das consequências da perda de controle sobre o uso de bebidas alcoólicas.

De acordo com as informações identificadas no presente estudo, por meio da análise da zona muda e do termo indutor “o que pensam seus colegas eletricitas sobre bebidas alcoólicas?”, o possível núcleo central foi constituído das palavras “controle”, “diversão” e

“prazer”. Essas informações identificadas por meio da concepção dos eletricitistas representam o entendimento deles sobre as bebidas alcoólicas.

Em estudo realizado no município de Vitória da Conquista, Dias (2017) mostrou que o consumo de bebidas alcoólicas entre os participantes estava relacionado a uma predisposição e à influência de pessoas próximas, e, até, pelos participantes terem passado por alguma decepção na própria vida. Considerando os desafios enfrentados pelos eletricitistas no desempenho de suas atividades, acreditamos que ações socioeducativas para estimular estratégias de enfrentamentos funcionais e o desenvolvimento de resiliências no dia a dia de trabalho serão importantes para que o consumo de bebidas alcoólicas não seja feito como estratégia de enfrentamento das dificuldades diárias. Na sequência, na Figura 4, apresentamos o último quadro de quatro casas baseado na descontextualização dos sujeitos, com a zona muda das representações sociais.

Figura 4 - Quadrantes de distribuição das evocações livres ao termo indutor “qual a ideia que os eletricitistas que atuam nas equipes de construção têm sobre bebidas alcoólicas”, expressas com base na descontextualização do sujeito (Zona muda das Representações Sociais), do conjunto de participantes estudados. Vitória da Conquista, 2021.

Elementos do Núcleo Central				Elementos Periféricos da 1ª Periferia			
OME < 3				OME < 3			
F > 12 =	Controle	16	2,875				
	Diversão	29	2,621				
	Prazer	28	2,786				
Elementos de contraste				Elementos Periféricos da 2ª Periferia			
F < 3 =	Prejuízo	7	2,571	Briga	7	3,857	
	Ruim	4	2,750	Mal-estar	3	4,333	
				Responsabilidade	3	4,000	
				Sem resposta	5	4,200	

Fonte: dados da pesquisa gerados pelo EVOC, 2021.

Em suma, realizando a análise dos dados com o apoio do *software* EVOC, entendemos que a palavra “diversão” aparece no possível núcleo central das representações sociais, relacionada ao termo indutivo, que se refere à ideia que os eletricitistas das equipes de construção têm sobre bebidas alcoólicas. Constatamos que a palavra “diversão” aparece novamente de maneira significativa, o que aponta um maior número de vezes de evocação. Na sequência, apareceram as palavras “prazer” e “controle”, as quais reforçam a palavra “diversão”.

Do mesmo modo, realizamos uma aproximação semântica das palavras, em que o vocábulo “diversão” está relacionado a “farrá”, “farrear”, “internet”, “curtição”, “resenha”, “bater resenha”, “interagir”, “reunir amigos”, “conversar”, “tomar para relaxar”, “relaxar”,

“tirar o estresse deles”, “acaba o trabalho”, “diversão”, “divertir”, “brincadeiras”, “descontrair”, “tomar uma”, “tomar uma na folga”, “finais de semana”, “beber mesmo”, “beber no feriado é bom”, “descontração”, “pegar menina”, “se soltar” e “ter confiança”. A palavra “prazer” está associada a “prazeroso”, “muitos gostam”, “bom”, “acho que é bom”, “alguns gostam”, “se sentem bem”, “ajuda a ficar de bobeira”, “diminuir saudade de casa”, “diminuir o desconforto”, “toma”, “pois o sono não foi legal”, “feliz”, “ficar alegre”, “dar risada”, “alegre”, “alegria”, “desabafar sobre o dia a dia”, “satisfação”, “mais energia”, “alívio”, “esquecer dos problemas”, “para esquecer alguém”, “esquecer tudo”, “esquecer um pouco o trampo”, “não lembrar o que fez”. Já a palavra “controle” está conectada a “ninguém sai na intenção de beber”, “perder o controle”, “falar sem pensar”, “cometer erros”, “fazer coisas erradas”, “falta de controle”, “embriaguez”, “não pode beber”, “só bebe final de semana”, “bebe controlado”, “no serviço não pode”, “não dá para ir à porta de bar com farda”, “é proibido”, “não combina”, “tomar todas”, “tolerância zero”.

O quadrante superior direito está relacionado às evocações da primeira periferia. Como é possível perceber, nessa análise não apareceram palavras. A segunda periferia foi formada pelos elementos “briga”, “mal-estar”, “responsabilidade” e “sem resposta”. Nessa perspectiva, realizou-se uma aproximação semântica das palavras, e a palavra “briga” está relacionada a “agressivo”, “barraco”, “discussão”, “briga com a família”, “briga com os colegas”, “desacerto da equipe” e “conflito”. A palavra “mal-estar” está associada a “queda”, “amanhã”, “não aguenta nem trabalhar”, “ressaqueado”. A palavra “responsabilidade” está correlacionada a “falta de compromisso” e “falta de dedicação”. Também houve alguns participantes que não conseguiram verbalizar as cinco palavras, nesse caso nomeamos como “sem resposta”.

Por fim, o quadrante inferior esquerdo, igualmente chamado de “zona de contraste”, expressa o elemento apontado pelas palavras “prejuízo” e “ruim”. Realizou-se a aproximação semântica das palavras, e a palavra “prejuízo” está ligada à “perda de tempo”, “prejuízo financeiro”, “malefício para a saúde”, “desemprego”, “perder o emprego”, “perder oportunidades” e “perder a família”. A palavra “ruim” está relacionada a “algo ruim”, “ruim para os outros”, “outros não gostam”, “dia puxado”.

Com base na análise da zona muda e do termo indutor “qual a ideia que os eletricitistas que atuam nas equipes de construção têm sobre bebidas alcoólicas?”, o possível núcleo central foi constituído das palavras “controle”, “diversão” e “prazer”, semelhante ao termo indutor apresentado anteriormente. Como aprendemos, na realização da pesquisa, que os

trabalhadores não devem negligenciar as pausas relacionadas ao tempo destinado para folga das atividades de trabalho, é importante que eles valorizem os momentos de diversão e prazer, podendo até fazer uso de bebidas alcoólicas com controle e moderação, recorrendo a práticas de autocuidado que aumentem o bem-estar, visando manter o equilíbrio corporal e emocional. Compreendeu-se, com a realização da investigação, que essas práticas de autocuidado são consideradas fatores de proteção para evitar o desenvolvimento de fatores de risco, inclusive no ambiente de trabalho desses profissionais.

Com a utilização da condensação das palavras evocadas, por meio do Teste de Associação Livre de Palavras, observamos que as evocações dos eletricitistas sobre bebidas alcoólicas estão associadas à síntese exposta na Figura 6; na sequência, apresenta-se uma análise mais aprofundada.

Figura 5 - Síntese da condensação de palavras, 2021.



Fonte: elaboração própria, 2021.

O trabalho, na sociedade capitalista, é entendido como o meio pelo qual as pessoas determinam o modo de vida, uma vez que utilizam os recursos que alcançam com a troca do trabalho para sustentar a si mesmo e, em muitos casos, a própria família. Desse modo, “podemos dizer que a ordem do tempo regula todas as atividades do ser humano; tempos diversos e diferentes coexistem, coordenam-se, opõem-se, que são contraditórios e conflitantes” (CARDOSO, 2016, p. 64).

Nessa perspectiva, a análise sobre o tempo pode estar vinculada à necessidade de dominação e controle. Em uma discussão acerca do tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial, percebemos que a noção do tempo é organizada pela orientação das tarefas. Foram propostas três questões relacionadas às orientações pelas tarefas, conforme Thompson (1998, p. 271):

Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado. Segundo, na comunidade em que a orientação pela tarefa é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados - o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e ‘passar do dia’. Terceiro, aos homens

acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência.

O autor considerou esse referencial sobre a orientação do trabalho pelas tarefas para o camponês e o artesão, mas também a orientação do trabalho pela tarefa se torna complexa quando se trata do emprego pela mão de obra. Ao pensar o processo de reestruturação do capitalismo, com o desenvolvimento da CLT, é possível verificar alterações no processo de organização das tarefas no trabalho, pois, existe uma carga horária regulamentada para ser cumprida pelos trabalhadores. Ainda assim, muitos direitos trabalhistas continuam sendo negligenciados, alguns deles estão vinculados à extensiva jornada de trabalho, falta de remuneração das horas extras realizadas.

Quanto ao controle no contexto do trabalho, Artur e Cardoso (2020) consideram que, no cenário industrial os modos de controle continuam a ser realizados com base no estabelecimento de metas a serem cumpridas pelos trabalhadores, visando assegurar rotineiramente o controle da produtividade. Com relação aos modos de controle no trabalho, é necessário refletir sobre as vivências do trabalho industrial, que continuam tensas, realizadas sob pressão para o cumprimento de metas, e o trabalho continua sendo organizado de modo pressionado, precário e incerto. Em razão das transformações sociais no mundo inteiro, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) “chama as empresas e instituições à responsabilidade diante dos dados de desigualdade do mundo do trabalho que podem se agravar com a economia digital” (ARTUR; CARDOSO, 2020, p. 253).

Em meio a esse contexto, há necessidade de valorização do diálogo entre trabalhadores e lideranças, principalmente no contexto industrial, cenário marcado pelo trabalho excessivo, condições inadequadas, em que o lado negativo do trabalho se perpetua. Em síntese, o capitalismo moderno atua para naturalizar as condições precárias e o controle excessivo no trabalho. Assim, para dar conta de suportar essas condições precárias no contexto do trabalho, como estratégias compensatórias, muitos trabalhadores buscam formas de recreação, distração e entretenimento nos momentos de folgas. Logo, a diversão constitui um elemento importante para os trabalhadores amenizarem os impactos do trabalho.

Assim como o trabalho, a diversão faz parte da vida, embora nem todos reconheçam sua relevância. Além de oportunizar o descanso dos trabalhadores, a diversão ajuda a recarregar a energia, combater o estresse, auxiliar no equilíbrio do corpo e favorecer a saúde.

No que se refere a bebidas alcoólicas e ao contexto do trabalho, há um estudo sobre padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre trabalhadores e perfil socioeconômico

realizado por Brites e Abreu (2014). Os resultados mostram prevalência de consumo de risco e provável dependência associada. O consumo de bebidas alcoólicas vinculado a diversão e práticas de lazer pode se dar para amenizar as dificuldades relacionadas ao trabalho excessivo, prazos apertados e metas abusivas, enfrentadas por trabalhadores durante o período de trabalho.

Com o intuito de aprofundar essa discussão, recorremos à literatura e identificamos outro estudo sobre representações sociais de bebida alcoólica para homens universitários, com 361 homens, no estado de Minas Gerais, desenvolvido por Rosa e Nascimento (2015). Os resultados indicaram a existência de crenças e atitudes positivas sobre o consumo de bebidas alcoólicas, percebido como um componente significativo para socialização masculina. Nessa perspectiva, o uso de bebidas alcoólicas pode estar associado a condições internas e externas distintas ou revelar o costume das pessoas decorrente de referências locais e culturais. Prosseguimos, apontando os eixos temáticos, envolvendo as categorias e subcategorias, baseadas nas entrevistas que foram realizadas com os eletricitistas.

5.4 Eixos Temáticos das unidades de análises, considerando as categorias e subcategorias

Para os eletricitistas, beber socialmente, alcoolismo e prevenção de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho têm representações sociais semelhantes e estão ancoradas em suas memórias, compreendidas como fatos proeminentemente coletivos. Para falar do consumo de bebidas alcoólicas, os eletricitistas utilizam-se de suas lembranças, recordações de acontecimentos vivenciados por eles e colegas de trabalho, ao longo de suas vivências no setor elétrico.

Nessa perspectiva, Halbwachs ([1968] 2003, p. 29) considera que:

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial.

De modo semelhante, é possível que a opinião dos eletricitistas entrevistados esteja baseada nas próprias vivências, assim como no testemunho dos colegas da área elétrica. A seguir, apresentamos as categorias baseadas nas entrevistas realizadas. Dessa forma, as

unidades de análise (1), (2) e (3) levaram ao eixo temático I, representado pela categoria “Memória e Representações Sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas” e as subcategorias “O que é beber socialmente” e “O que é o alcoolismo”. As unidades de análise (4), (5), (6), (7) e (8) guiaram até o eixo temático II, representado pela categoria “Memórias e Representações Sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas” e a subcategoria “Em que consiste a prevenção no trabalho”, conforme se apresentam no Quadro 7.

Quadro 7 - Eixos temáticos das unidades de análise, categorias e subcategorias, 2021.

Objetivos	Unidade de análise	Categorias	Subcategorias
Identificar, por meio das entrevistas, as memórias e as representações sociais de eletricitistas sobre bebidas alcoólicas.	Questões (1), (2) e (3)	Memória e Representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas	O que é beber socialmente
	Questões (4), (5), (6), (7) e (8)	Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas	O que é o alcoolismo
			Em que consiste a prevenção no trabalho

Fonte: elaboração própria, 2021.

No Quadro 7, apresentamos os eixos temáticos das unidades de análise, incluindo as categorias e subcategorias. Na próxima parte do texto, será aprofundada a discussão desses achados.

5.4.1 Eixo Temático I: Memória e representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas

O eixo temático I foi representado pela categoria “Memória e representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas” e as subcategorias “O que é beber socialmente” e “O que é o alcoolismo”. Na sequência, serão apresentadas algumas considerações relacionadas às duas subcategorias.

Considerando a subcategoria “O que é beber socialmente”, Nascimento et al. (2007) afirma que o “beber socialmente” significa beber de forma socialmente aceitável e costuma ser entendido no senso comum como o beber moderadamente, ainda que este último padrão de consumo possa implicar também riscos para a saúde do indivíduo e para sua convivência social. De acordo com o autor supracitado, “beber socialmente” é um conceito subjetivo, moldado de acordo com o ponto de vista de quem o considera.

Nesse sentido, “beber socialmente” é uma categorização social do consumo de bebidas alcoólicas, que significa uma prática de evitação das represálias sociais sobre a ingestão dessas bebidas. Contudo, embora não corresponda ao “beber moderado” da ciência médica, o

“beber socialmente” não deixa de ser entendido como uma prática de moderação, ainda que a moderação aqui ultrapasse o controle da ingestão das substâncias e recaia, subjetivamente, sobre outros fatores contextuais ao consumo de bebidas alcoólicas. A subjetividade do “beber socialmente” e da “moderação” nela implicada é carregada de estranheza e indefinição e suscita, portanto, um esforço de familiarização. Nesse sentido, a partir das concepções de Moscovici ([2000] 2012), acreditamos que as representações sociais desempenham o papel de facilitar a compreensão e a prática do “beber socialmente”, pois, correspondendo tais representações a uma forma de conhecimento elaborado no senso comum a partir daquilo que é familiar, a fim de se comunicar e se orientar no mundo das coisas não familiares, permitem a um grupo construir uma realidade comum a ele (MOSCOVICI, [2000] 2012), isto é, pensando no beber socialmente, permitem àqueles que compartilham de tal conceito construir, a partir de seus marcos referenciais, uma realidade sobre essa forma de consumo de bebidas alcoólicas que repercute mental e materialmente na sua vida em sociedade.

Nessa perspectiva, verificamos a unidade de registro temática (“O que é beber socialmente”) em cinco contextos, cuja análise apresentamos brevemente: (UC 1) beber sem causar “problemas” para a sociedade; (UC 2) beber legitimado pelos grupos de referência; (UC 3) temperança; (UC 4) beber no espaço privado; e (UC 5) descrença. Nesse caminho, registramos 3 ocorrências da UC 1, quando os eletricitas afirmam que beber socialmente é beber “sem causar problema, confusão”, “sem criar transtornos e problemas” e que “a partir do momento que o cara ingere um pouquinho de álcool, causa desavença”. Por esse lado, notamos que beber socialmente é ligado pelo grupo de eletricitas a um “beber” que não contraria a “harmonia” e a “concordia” social. Para tanto, imprimem ao uso de bebidas alcoólicas um caráter “problemático”, que ultrapassa a esfera individual do usuário e de seu consumo para recair também sobre a sociedade. Por contraste, beber “socialmente” é compreendido pelo grupo como beber “pacificamente”.

Verificadas 6 vezes, a UC 2 expressa que beber socialmente é beber na companhia dos grupos sociais, como a família ou os amigos. Desse lado, segundo os participantes da pesquisa, bebe-se socialmente quando “acompanhado com a família”, em um “churrasco”, “jogando conversa fora” “com os amigos”, “sem muita zoada”, “em uma festa de casamento”, em suma, quando o uso da bebida alcoólica é legitimado pela socialização no interior dos grupos de pertença em ocasiões nas quais a bebida está em voga, mas também a diversão, as conversas e as confraternizações. Nesse passo, a afetividade no seio grupal reclama o sentimento de anuência quanto à ingestão de bebidas alcoólicas e coloca a bebida em uma

posição secundária, complementar ou equivalente às relações sociais travadas, e não como protagonista dessas relações. São as relações grupais que atuam como marco de referência no processo de familiarização dos eletricitistas, do qual extraem a afetividade com a qual revestem “o beber socialmente”. Por esse prisma, o “beber socialmente” seria um “beber afetivamente”.

Na UC 2, registrada 14 vezes, o beber socialmente está ligado a uma forma temperante de lidar com a bebida. Conforme relatam os eletricitistas, trata-se de um “saber beber”, um “beber controlado”, “de vez em quando, sem vício”, “moderadamente consciente”, “sem ficar bêbado”, “sem exagero”. Segundo um dos participantes, o limite do “exagero” é marcado ainda pela qualidade da substância alcoólica consumida: “Cervejinha e uísque de vez em quando, para não chegar no ponto de exagerar”. Nesse caminho, os eletricitistas invocam a temperança para representar o “beber socialmente”. Dando lugar e nome a movimentos de temperança que pautaram a abstinência do álcool no início do século XX nos Estados Unidos (ESCOHOTADO, 2007), a temperança ocupou também um importante lugar na sociedade grega antiga, quando era considerada uma virtude de assenhramento de si e renúncia ao excesso dos prazeres, indicadora de sabedoria e superioridade (FOUCAULT, 2009). A temperança não impedia os prazeres da contemplação, mas do contato, e alcançava, portanto, o sexo, a comida e as bebidas. A fim de equilibrar prazer e desejo, era considerado intemperante aquele que desfrutava os prazeres sem necessidade, e temperante, aquele que sabia dominar os prazeres, como uma “arte” que ensinava, tal como praticava Sócrates, a beber apenas quando houvesse sede (FOUCAULT, 2009). Portanto, como uma forma de “sabedoria” no regramento de si, os eletricitistas ancoram suas representações na virtude da temperança, ainda hoje manifestada na ideia de um autocontrole no consumo de bebidas alcoólicas.

Beber socialmente é também beber no espaço privado do ambiente doméstico, evitando o consumo em espaços públicos, como se pode inferir da UC 3, registada 4 vezes. Nesse sentido, os eletricitistas afirmam que a modalidade de consumo em questão corresponde a um “beber em casa”, a um “não sair fazendo besteira na rua” ou “beber uma ou duas e [ir] embora”. Segundo Damatta (1997a, p. 90), enquanto a casa “remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares”, a rua relaciona-se ao “mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões”. O espaço da rua comporta menor controle das relações travadas socialmente em relação ao universo da casa onde vive “nossa gente”, pois corresponde a um “domínio semiconhecido e semicontrolado” (DAMATTA, 1997a, p. 91). Inversamente à casa, considerada lugar da “calma”, do “repouso” e do “amor” humano, a rua,

devido à sua “fluidez e movimento”, é caracterizada pelo “perigo” (DAMATTA, 1997b, p. 40). Mas não é apenas porque a rua representa um lugar de perigo, enquanto a casa representa um lugar de “calma” que o beber socialmente está ligado a um beber refugiado do olhar público, pois faz parte da história da regulação do álcool e do espaço público no Brasil essa separação entre consumir álcool publicamente e manter o espaço público ordenado. No Brasil recém-republicano do século XIX, proibia-se penalmente a embriaguez pública sob o pretexto de ordenação do espaço público (BRASIL, 1890), entre outros motivos, porque o espaço das ruas já aparecia marcado pelo signo da desordem, ou da falta de controle, ou da dificuldade para controlá-lo (DAMATTA, 1997a, 1997b).

No entanto, nem todos os participantes compartilham da crença em um “beber socialmente”; para alguns deles, tal modalidade de consumo de bebidas alcoólicas sequer existiria, o que registramos 3 vezes no contexto “descrença”. Nesse passo, afirmam os eletricitistas que tal modalidade de consumo de bebidas alcoólicas “não existe”, que “começa socialmente e termina bêbado” ou, como relata um participante: “Antes, eu tinha o pensamento de beber com cautela. Como eu exagerei, hoje acho que o ideal é não beber”. Por essa óptica, o uso do álcool é tido como incontrolável, pois faria “termina[r] bêbado” aquele que começou bebendo socialmente, o que se afina com o ideal de abstinência pautado pelo proibicionismo.

Os eletricitistas participantes da pesquisa representam o “beber socialmente” como uma moderação, tanto do uso de álcool quanto do comportamento de quem bebe, do olhar social e público lançado sobre esse consumo. Beber afetivamente sugere que a ingestão de bebidas alcoólicas, quando acompanhada das relações sociais e familiares, torna o ato de beber mais aceito socialmente do que o consumo individual desacompanhado de um motivo confraternizador. Como uma “arte” da moderação dos prazeres, entendem que beber socialmente é quem “sabe beber”. O espaço onde o consumo acontece é também levado em consideração, pois, no interior do ambiente doméstico, privam-se da visibilidade pública da rua e resguardam a sociedade dos “efeitos” desse consumo. Tais concepções demonstram o caráter prático das representações sociais e sua função orientadora dos conhecimentos e das práticas (ABRIC, 2001), pois, elaboradas no marco do trabalho, em uma profissão arriscada, na qual o uso de bebidas alcoólicas poderia comprometer a segurança laboral, apresentam o consumo “descontrolado” de álcool como algo problemático, ao mesmo tempo em que resguardam esse consumo para as situações de lazer nos momentos de folga, quando reencontram familiares e amigos.

Levando em conta a subcategoria “O que é o alcoolismo”, esse termo “suruiu e se estabeleceu na Europa no século XIX, quando transformações sociais promoviam a higienização das cidades, a industrialização e o nacionalismo, com as respectivas demandas por disciplina e majoração econômica” (SOUZA; SMITH MENANDRO; MEIRA MENANDRO, 2015, p. 1336). Nessa circunstância, o uso de bebidas alcoólicas de maneira excessiva foi criticado e comparado a uma espécie de maldição que ocasiona desordens, insubordinação, desobediência e rebeldia e, dessa forma, pode comprometer a integridade das pessoas e, conseqüentemente, afetar o nível de produtividade esperada no contexto de trabalho.

Atualmente, entre as substâncias mais consumidas em todo o mundo, estão as bebidas alcoólicas que, se utilizadas de maneira excessiva, podem ocasionar prejuízos diversificados na vida das pessoas e, assim, causar desconfortos indesejáveis. Nesse sentido, acreditamos que as representações sociais cumprem um papel importante e possibilitam a compreensão do comportamento daqueles que fazem uso de bebidas alcoólicas de maneira excessiva. Tais representações fornecem recursos para nomear e classificar, sem ambivalência, as particularidades que compõem o contexto e a história individual e social das pessoas (MOSCOVICI, [2000] 2012), ou seja, as representações sociais podem auxiliar expressando a noção simbólica do comportamento de intoxicação crônica da prática do “alcoolismo” dos grupos sociais.

Considerando o exposto, identificamos a unidade de registro temática “O que é alcoolismo” em quatro contextos, cuja análise demonstraremos brevemente: (UC 1) alcoolismo é um mal prazeroso e um caminho sem volta; (UC 2) alcoolismo é uma doença e falta de temperança; (UC 3) alcoolismo é uma fraqueza; e (UC 4) alcoolismo é um erro. Assim, registram-se 3 ocorrências da UC 1, quando os eletricitistas afirmam que alcoolismo é “um mal prazeroso”, “não tem cura”, “um caminho sem volta”. Por conseguinte, observamos que, para esse grupo de eletricitistas, o alcoolismo faz referência a um conjunto de sintomas crônicos e que não têm alternativas de amenizar as problemáticas que podem surgir vinculadas a esse quadro de intoxicação crônica. “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para complementar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permanecem obscuras para nós” (HALBWACHS ([1968] 2003, p. 29). Nesse sentido, é possível que a referência que os eletricitistas tenham do alcoolismo esteja relacionada a lembranças pessoais, assim como a testemunhos das vivências de seus colegas da área elétrica, ao fazerem uso de bebidas

alcoólicas de forma excessiva e se tornarem dependentes dessas substâncias.

Na UC 2, registram-se 8 ocorrências, nas quais os eletricitas afirmam que o alcoolismo está relacionado a uma doença e à falta de temperança. Conforme relatam esses participantes, trata-se de “uma doença psicológica”, “creio que é uma doença”, “a pessoa já não tem controle”, “não aguenta ficar sem a bebida”, “não consegue viver sem a bebida”, “não faz mais nada, nem come, só vive bebendo”, “não trabalha”, “é um erro de uma pessoa”.

Para esse grupo de eletricitas, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas é entendido como uma enfermidade pela dificuldade de autocontrole. Desse modo, “a maneira como ocorrem e religam um universo a outro joga alguma luz sobre o processo de representações sociais e dá significado excepcional a nossas investigações” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 91). Assim, o processo de representações sociais dos eletricitas à luz das memórias coletivas apresentadas pelo grupo apontou o significado do alcoolismo, e isso foi possível porque as suas representações sociais nasceram no senso comum e, depois de convencionalizadas de modo comum, foram vinculadas aos hábitos diários no cotidiano da vida.

Nesse viés, para Reis et al. (2014, p. 2), “o alcoolismo é uma intoxicação crônica que afeta o sistema fisiológico e psicológico do indivíduo, no qual o mesmo faz uso da substância para causar conforto ou aliviar sintomas indesejáveis proporcionados pela abstinência”. Silva e Luz (2016) também realizaram um estudo sobre as implicações do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo dependente e constataram diversos prejuízos, entre eles, separações e rompimentos. Ademais, os impactos do alcoolismo na vida das pessoas são comuns e podem passar diversos aspectos, conforme este excerto:

Questões financeiras, absenteísmo no trabalho e a falta de emprego, aumento dos gastos domésticos, pelo valor do produto em si priorizando suas compras em torno da bebida alcoólica. Socialmente além dos citados, embriaguez ao volante, direção perigosa, multas e apreensões, violências domésticas, no trânsito e pessoais levam o alcoolista a não conseguir dar conta de sua vida social e familiar. (SILVA; LUZ, 2016, p. 02).

Nesse sentido, “o alcoolismo” é uma prática daquelas pessoas que fazem uso das bebidas alcoólicas de maneira recorrente e desordenada, desconsiderando os seus efeitos e os sinais e sintomas da dependência. Além dos prejuízos, problemas de saúde tornam-se frequentes, decorrentes do aumento do quadro de alcoolismo, e podem variar de pessoa para pessoa, desorganizando a vida social e familiar dos consumidores de bebidas alcoólicas de maneira abusiva.

Na UC 3, constatam-se 2 ocorrências, em que os eletricitas consideram que o

alcoolismo é uma fraqueza. De acordo com a fala dos participantes deste estudo, o alcoolismo refere-se a “é difícil devido a minha fraqueza”, “caiu na fraqueza de beber”. Assim, está relacionado também a um comportamento de fragilidade daquelas pessoas que não conseguem ficar sem consumir as bebidas alcoólicas e, por isso, cedem ao desejo de consumo excessivo dessas substâncias. Analisando o alcoolismo como um fenômeno socialmente construído, Neves (2004) afirma que, ao considerar o caráter social das pessoas que fazem uso de modo abusivo das bebidas alcoólicas, é preciso observar as vivências culturais que demarcam os modos de consumo, assim como os comportamentos desviantes. Nesse ponto de vista, em contextos diversificados, não é o consumo de bebidas alcoólicas que é criticado, mas o comportamento das pessoas, que, muitas vezes, não conseguem beber sem prejudicar a execução dos papéis que devem ser desempenhados por elas no dia a dia. Desse modo, observa-se que é importante considerar o ato social de consumo de bebidas alcoólicas de modo excessivo, destacando as propriedades simbólicas atribuídas ao contexto. Questionados, os eletricitas atribuíram um sentido de fraqueza ao alcoolismo. Conforme análise de Moscovici ([2000] 2012), isso é possível porque os eletricitas buscaram convencionalizar as ocorrências que vivenciaram ou presenciaram outros vivenciando situações semelhantes a essas no que diz respeito ao alcoolismo.

Já na UC 4, notam-se 3 ocorrências, nas quais os eletricitas consideram o alcoolismo como um erro na área de trabalho deles. Conforme identificado na fala desses participantes, uma pessoa alcoolizada pode cometer erros, e “um erro de uma pessoa mata não só ele”, “um erro mata muita gente e terceiros”, “um erro que pode levar a capotar o caminhão e matar a equipe toda”. Nessa circunstância, observamos que, para os eletricitas, o alcoolismo na área de trabalho em que atuam é considerado um erro que pode afetar outras pessoas. Nessa perspectiva, Moscovici ([2000] 2012) pressupõe a ancoragem das representações sociais. Isso foi possível porque esse grupo de eletricitas atribuiu sentido ao comportamento de uma pessoa com alcoolismo e o classificou. Verificamos em Halbwachs ([1958] 2003) que a memória coletiva se sustenta a partir de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, extraindo a força e a duração como integrantes de um mesmo grupo social.

Considerando o exposto, associar o alcoolismo à prática de trabalho desses profissionais representa um comportamento de risco, é considerado um descuido e um equívoco. Como esses profissionais participam de treinamentos e cursos anuais, as informações envolvendo o risco de acidente ao se associar o consumo excessivo de bebidas alcoólicas às práticas de trabalho, a memória coletiva desse grupo de eletricitas sobre a

percepção de risco pode estar preservando a integridade, sustentando a vida e contribuindo para manter as condições de saúde e segurança no ambiente de trabalho.

5.4.2 Eixo Temático II: Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas

O eixo temático II foi representado pela categoria “Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas” e a subcategoria “Em que consiste a prevenção no trabalho”. Apresentamos, a seguir, uma discussão sobre essa temática.

Analisando a subcategoria “Em que consiste a prevenção no trabalho”, encontramos, no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2011), que a palavra prevenção está relacionada a uma ação que visa a prevenir, antecipar ou evitar que algo ocorra. Nesse sentido, a prevenção do uso de bebidas alcoólicas no ambiente laboral apoia-se em critérios que intencionam preservar o bem-estar dos trabalhadores, aumentar a qualidade de vida, preservar a segurança, a fim de contribuir para a diminuição de acidentes de trabalho e manutenção da produtividade.

Diferentes abordagens e propostas podem ser pensadas para sugerir intervenções que envolvam a prevenção de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho. O planejamento das ações deve conter elementos essenciais, que devem ser transmitidos de forma clara para que todos tenham acesso (OIT, 2003). Considerando as políticas de saúde e segurança no trabalho em vigor, as lideranças podem solicitar o apoio do médico do trabalho e do psicólogo organizacional e do trabalho, que realizam as avaliações psicossociais periódicas e anuais no rastreio de sintomas relacionados a alcoolismo, e, na sequência, informar ao Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT) da empresa. Com essas avaliações, podem-se planejar intervenções com uma equipe multiprofissional, a fim de dar suporte, tanto àqueles trabalhadores que fazem uso das bebidas alcoólicas de maneira esporádica, quanto àqueles que necessitam de um acompanhamento especializado por estarem vivenciando um processo de intoxicação crônica. Além disso, pode-se solicitar ajuda da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), visando organizar campanhas, palestras socioeducativas sobre o risco ocasionado pela dependência de bebidas alcoólicas, formas de prevenção e orientação para saber agir ao perceber os sintomas em um trabalhador que necessita de atenção e intervenção.

Aqueles trabalhadores dependentes de bebidas alcoólicas podem também ser encaminhados ao Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPS AD), este dispositivo faz parte da rede indispensável ao cuidado de Atenção à Saúde (RAS), para

que recebam suporte de equipe especializada, assim como intervenções breves durante o acompanhamento. Conforme a Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011 (BRASIL, 2015), a Rede de Atenção à Saúde (RAS), destina aumentar o acesso à atenção psicossocial, promover o acesso e assistência das pessoas em sofrimento mental decorrentes do uso de álcool e outras drogas, por meio das estratégias de acolhimento, acompanhamento e atenção às situações de urgências. Considerando que esses equipamentos de reabilitação, muitas vezes, estão localizados em territórios diferentes da moradia dos trabalhadores, faz-se necessária uma atenção do SESMT da empresa para assegurar o acesso às ações socioeducativas nesse tipo de serviço e a participação nessas ações.

Para compreender melhor essa análise, é importante destacar as alternativas que os eletricitistas objetivam sobre a prevenção de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho. Como a “objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade [...] aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 71). Esses profissionais selecionaram imagens de contextos diversificados, naturalizando-as de modo que lhes permitissem relatar aspectos sobre o fenômeno vivenciado pelo grupo no dia a dia. Sobre a prevenção no trabalho, algumas formas de objetivação destacaram-se por meio das palavras “alerta”, “ajuda”, “recurso de segurança para evitar acidentes”, detalhadas na descrição da unidade de registro temática na sequência.

Verificamos a unidade de registro temática (“Em que consiste a prevenção no trabalho”) em três contextos, cuja análise demonstraremos brevemente: (UC 1) um alerta; (UC 2) segurança e evitar acidentes; (UC 3) uma ajuda; e (UC 4) estratégias e recursos.

Na UC 1, registramos 3 ocorrências, em que os eletricitistas consideram que a prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho está relacionada a um alerta. Segundo os participantes, trata-se de “alertar o pessoal do risco que é o álcool”, “todo mundo ficará alerta”, “é uma segurança, tem que ter”. Assim, ao solicitar que os eletricitistas expressem sua opinião sobre a prevenção de bebidas alcoólicas, eles o fazem com alternativas que consideram eficazes ao grupo, sem pressão e sem formas de punição. De acordo com Abric (2001), é possível esse tipo de contribuição, por não haver risco de julgamento negativo durante a entrevista. Nas orientações sobre a prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho, os profissionais utilizaram uma abordagem acolhedora e enfatizaram aos trabalhadores que eles devem zelar pela própria vida enquanto trabalham. Nesse sentido, podem estimular também a prática do autocuidado, um processo que se destaca como uma prática individual, sendo responsabilidade de cada trabalhador cuidar do seu comportamento e escolher ações que

preservem a saúde e a própria vida enquanto trabalha.

Nessa perspectiva, para ampliar a visão dos trabalhadores e manter a segurança comportamental como um alerta na prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho e evitar acidentes, as lideranças e os trabalhadores podem recorrer às orientações da Psicologia Comportamental na Segurança no Trabalho. Apoiada em conhecimentos científicos, essa área tem como principal objetivo a segurança dos trabalhadores, desconsiderando a punição daqueles que agem de maneira insegura no ambiente de trabalho (SOARES; CURI FILHO, 2015). Assim, poderão utilizar uma abordagem que cuida da segurança e conduta humana, complementando as práticas da segurança no trabalho, implementando propostas de intervenções que compreendem o agir das pessoas na prevenção de acidentes de trabalho.

Na UC 2, registram-se 6 ocorrências, nas quais os eletricitas mencionam que a prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho pode contribuir com a segurança e evitar acidentes. De acordo com os participantes, a prevenção está relacionada a “ajudar bastante as pessoas que estão no descontrole”, “evitar os prejuízos, pois é área de risco”, “controlar o vício de alguma pessoa”, “aumentar a segurança e o cuidado”, “No ramo que a gente trabalha, bebida não combina”, “é uma atividade de risco”. De maneira geral, é necessário considerar o que está por trás do comportamento disfuncional dos trabalhadores que os leva a recorrer às bebidas alcoólicas, mesmo reconhecendo que esse ato pode trazer prejuízos irreversíveis à sua vida. Considerando que as “representações sociais determinam tanto o caráter do estímulo como a resposta que ele incita, assim como em uma situação particular, determinam quem é quem” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 100), compreender as crenças, valores desse grupo é importante e deve ser considerado em propostas de intervenções futuras.

Assim, as estratégias de prevenção de bebidas alcoólicas no ambiente de trabalho podem incluir fatores que impactam nas ações estressoras que comprometem a segurança dos trabalhadores. Alguns fatores inerentes ao trabalho, entre eles, a carga de trabalho, o estabelecimento de metas incompatíveis ao quantitativo de trabalhadores nas equipes, os conflitos por infrações de jornada e carga horária, os desentendimentos sobre remuneração das horas extras, entre outros, podem contribuir para a busca de estratégias compensatórias disfuncionais, e o uso de bebidas alcoólicas, sutilmente, pode passar a fazer parte da rotina de alguns trabalhadores na tentativa de suportar as dificuldades não resolvidas no contexto de trabalho.

Na UC 3, registram-se 6 ocorrências, em que os eletricitas afirmam que a prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho pode ser considerada uma ajuda. Conforme relatam esses

participantes, trata-se de “ajudar bastante as pessoas que estão no descontrole”, “tem gente que pensa em beber muito e isso vai ajudar”, “pode ajudar a controlar”, “quem exagera, a consciência bate e é uma grande ajuda”, “ajuda a pessoa a entender mais”, “alguém viciado vai ajudar bastante”.

Nessa perspectiva, se o processo de ajuda está relacionado ao processo de assistência e a um apoio que se estende às práticas diárias desenvolvidas pelas pessoas, é importante que os gestores fiquem atento às situações causadoras de sofrimento no ambiente de trabalho, visto que, quando o trabalho começa a fazer mal, a saúde mental também começa a ser prejudicada, o que leva a fatores de risco no local de trabalho. Logo, uma gestão desorganizada, relações humanas hostis e uma comunicação violenta podem contribuir para o surgimento de sinais e sintomas geradores de sofrimento e a busca de estratégias compensatórias disfuncionais. Em síntese, aprendemos que um quadro de ansiedade, dores de cabeça, dificuldade de concentração e baixos níveis de atenção, se faz necessário identificar os fatores externos que estão ampliando e potencializando o surgimento desses desconfortos.

Entre os tipos de ajuda, existem os fatores de proteção, que podem ser oferecidos aos trabalhadores no ambiente de trabalho, as práticas de acolhimento, que considerem as singularidades, o reconhecimento do trabalho desenvolvido e a recompensa simbólica, por meio, inclusive, de estímulos, elogios e *feedback*, depois de analisar as informações alcançadas em pesquisa de clima organizacional e avaliação de desempenho.

É possível, também, a realização de campanhas socioeducativas que visem estimular a gestão do tempo na vida externa ao trabalho. Considerando que a perda de energia é algo natural na realização do trabalho, faz-se necessário estimular os trabalhadores a reporem suas energias, o que pode ser feito de maneira saudável com atividades físicas, diversão, convivência com pessoas significativas, para descansar, manter a qualidade de vida e continuar realizando as atividades laborais.

Considerando os fatores de proteção que podem ser oferecidos aos trabalhadores no ambiente de trabalho, o acolhimento é uma estratégia vinculada à capacidade de escutar as solicitações das pessoas para, na sequência, realizar orientações e, se necessário, fazer o encaminhamento com o fim de atender às necessidades. Assim, o acolhimento pode fazer parte das relações e vínculos que se estabelecem ao longo da vida, mas a sua prática no dia a dia tem-se tornado escassa. “O Acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um ‘estar com’ e um ‘estar perto de’, ou seja, uma atitude de inclusão” (BRASIL, 2010, p. 6). É uma prática que exige uma relação com

algo ou alguém, na qual se estabelece um compromisso que pode estimular o protagonismo e contribuir com as relações, inclusive, no local de trabalho.

Na UC 4, registram-se 3 ocorrências, em que os eletricitas afirmam que, na prevenção de bebidas alcoólicas no trabalho, podem ser consideradas as estratégias e os recursos. De acordo com os participantes, “ouvir palestra ajuda a entender”, “receber conselhos seria bom” e “consegue influenciar muita gente”. Desse modo, é possível estruturar campanhas, palestras, treinamentos, práticas de diálogo diário de segurança, por meio de práticas assertivas, utilizando recursos e estratégias de uma comunicação não violenta.

A Comunicação Não Violenta (CNV), desenvolvida por Rosenberg (2006), é um processo de entendimento mútuo, que contribui para a qualidade das relações, com o objetivo de propiciar o desenvolvimento de relações mais eficientes e empáticas, em todos os níveis de comunicação, nas mais diversas situações, entre elas, relacionamentos, negociações, organizações e instituições, conflitos, escola, ambiente familiar, terapia e aconselhamento.

Rosenberg (2006) afirma que a CNV é um processo de entendimento que passa por algumas etapas pelas quais, a partir da prática, as pessoas vão alcançando uma forma mais autêntica de se comunicar, à medida que olham para o outro considerando suas necessidades, observando aquilo que elas têm de bom, sem dar ênfase àquilo que elas têm de ruim. Nessa perspectiva, ao praticar a CNV, as pessoas passam a valorizar a observação, no lugar do julgamento, os sentimentos, a partir de uma diferenciação (sentimentos e não sentimentos), a empatia e o saber fazer pedidos.

Na sequência, apresentamos o esquema simplificado da CNV, no quadro 10, a partir do que foi proposto por Marshall Rosenberg. Considerando o esquema exposto da CNV, percebe-se que, muitas vezes, supervalorizam-se as intuições que dão certo e subvalorizam-se as intuições que dão errado. Isso ocorre porque temos um sistema de raciocínio rápido, automático, não mediado pela nossa consciência, mas que influencia as nossas emoções (ROSENBERG, 2006).

Nessa perspectiva, a neurociência pode ajudar a pensar a comunicação não violenta, a partir do seguinte processo: observação no lugar do julgamento; diferenciar sentimentos de não sentimentos; e a empatia, que está relacionada à capacidade de entender as necessidades do outro, bem como de saber fazer pedidos para entender as pessoas, as necessidades, os comportamentos e se comunicar de maneira assertiva.

Quadro 8 - Esquema simplificado da Comunicação Não Violenta, 2006.

Expressando honestamente como EU estou, sem queixa ou crítica	Acolhendo com empatia como O OUTRO está, sem queixa ou crítica
OBSERVAÇÕES	
1. Expressando honestamente a ação concreta que eu estou observando (vendo, ouvindo, lembrando, imaginando) que está contribuindo ou não para meu bem-estar.	1. Acolhendo com empatia a ação concreta que o outro está observando (vendo, ouvindo, lembrando, imaginando) que está contribuindo ou não para o bem-estar dele.
Na prática: dizer o que observo, sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; não generalizar; usar sempre EU.	Na prática: ouvir atentamente, sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; aclara por meio de perguntas pontos que não compreendeu bem.
Na prática: dizer o que observo, sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; não generalizar; usar sempre EU.	Na prática: ouvir atentamente, sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; aclara por meio de perguntas pontos que não compreendeu bem.
SENTIMENTOS	
2. Expressando honestamente como eu estou me sentindo com relação ao que observo.	2. Acolhendo com empatia como o outro está se sentindo com relação ao que observa.
Na prática: usar a expressão “eu me sinto...”; relacionar meu sentimento às minhas próprias expectativas, e não à ação do outro.	Na prática: usar a expressão “você se sente...”; ajudar a relacionar o sentimento do outro às expectativas dele, e não à minha ação.
NECESSIDADES	
3. Expressando honestamente a energia vital na forma de necessidades, valores, desejos, expectativas ou pensamentos que estão criando meus sentimentos.	3. Acolhendo com empatia a energia vital na forma de necessidades, valores, desejos, expectativas ou pensamentos que estão criando os sentimentos do outro.
Na prática: nomear com clareza minhas próprias necessidades, sentimentos, valores, expectativas etc.	Na prática: confirmar com o outro sua verdadeira necessidade, sentimento, valores, expectativas etc.
DEMANDAS	
4. Expressando honestamente, sem imposição, o que eu gostaria de receber do outro que melhoraria a minha vida.	4. Acolhendo com empatia, sem inferir imposição, o que o outro gostaria de receber de mim que melhoraria a sua vida.
Na prática: usar palavras, expressões e gestual de solicitação, nunca de comando, coação ou imposição (eu gostaria que; você poderia...)	Na prática: acolher com interesse e confirmar a solicitação (você gostaria que eu...; você está me pedindo para...)

Fonte: adaptado de Rosenberg, 2006.

Nesse contexto, continuamos discorrendo sobre os fatores de proteção externos ao trabalho; entre eles, a prática de atividade física. Essa prática, considerada uma forma de lazer, pode apoiar aqueles que a praticam na restauração da saúde, assim como na diminuição dos efeitos nocivos da rotina estressante do trabalho (SINNOTT-SILVA et al., 2010). Considerando que as atividades desenvolvidas no setor industrial exigem empenho, disciplina, dedicação e esforço, entre outras posturas, os trabalhadores que atuam nesse ramo podem

praticar atividades físicas, reconhecendo seus benefícios para manter a qualidade de vida no ambiente de trabalho. Em relação ao benefício da atividade física:

Para os trabalhadores - diminui a pressão arterial, controla o peso corporal, melhora a mobilidade articular, melhora a resistência física, melhora a força muscular, aumenta a densidade óssea, aumenta a autoestima, diminui a depressão, mantém autonomia, reduz o isolamento social, aumenta o bem-estar, melhora a autoimagem e alivia o estresse. O exercício físico contribui para a prevenção dessas doenças, bem como para a diminuição da prevalência delas e do risco de morbimortalidade por qualquer doença. **Para a empresa** - aumenta a produtividade, melhora a imagem institucional, diminui a rotatividade, diminui custos médicos e diminui o índice de ausências. (SILVESTRE, 2007, p. 183, grifo nossos).

A partir do incentivo dessa prática, verificam-se benefícios, tanto para os trabalhadores, quanto para as organizações de trabalho, tendo em vista que a atividade física poderá ser uma estratégia compensatória funcional para diminuir o surgimento de doenças ocupacionais e aumentar a qualidade de vida no trabalho.

No tocante à importância do lazer para o bem-estar e a saúde, essa é uma prática que pode auxiliar “no combate ao estresse, facilita a circulação do sangue promovendo assim uma homeostase, ou seja, um equilíbrio no meio interno do corpo, colaborando na manutenção da saúde” (TEIXEIRA JÚNIOR; SFERRA; BOTTCHER, 2012, p. 1). Compreendemos que a prática de lazer é uma atividade importante para aumentar a qualidade de vida das pessoas. O tipo de prática e os elementos que compõem essas atividades vão variar segundo a região, cultura, classe social e disponibilidade de tempo e recursos financeiros. Salientamos que, ao sugerir esse tipo de prática para os trabalhadores da indústria, consideramos a busca de alguma atividade para fins de distração, descanso, divertimento e que o tipo de lazer pode ser algo adaptado, levando em consideração a realidade de cada pessoa.

6 CONCLUSÃO

Particularmente, desde o início da elaboração da tese, procuramos analisar a memória e as representações sociais de eletricitistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica acerca do consumo de bebidas alcoólicas. Nesta caminhada, fomos impulsionadas a refletir sobre a natureza do problema de pesquisa, para responder à pergunta-problema que perpassa todo o caminho durante a realização da pesquisa.

Em vista disso, a partir do aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, postulada por Serge Moscovici ([2000] 2012), compreendemos que a Teoria das Representações Sociais, nos possibilita assimilar informações relacionadas a objetos, pessoas e grupos sociais, sobre acontecimentos ou fatos, dando sentido à realidade. Também apresentam finalidades específicas, com relação aos processos de comunicação, orientações, resoluções de problemas envolvendo as pessoas e seus comportamentos. Considerando as relações humanas, no que diz respeito à natureza convencional e prescritiva, as representações sociais interferem nas atividades cognitivas de maneira livre e, ao serem partilhadas, penetram e influenciam nas relações sociais, por meio de um processo atuante, se apresenta como uma maneira de compreender a memória.

Com relação à Teoria da Memória Coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs ([1968] 2003), foi possível compreender informações relacionadas à formação da memória, considerando sua natureza individual e coletiva. Possui um caráter de reconstituição e reapresentação dos acontecimentos, em que na medida em que se rememora, ocorre a compreensão de elementos, acontecimentos e fatos, através da linguagem. Dessa maneira, reorganiza, reconstitui e reapresenta imagens retocadas, sendo considerada um avanço que deve ser sinalizado, pois carrega informações de pessoas e grupos vivos que se encontram em frequente evolução, por meio de uma influência simbólica entre as pessoas. Nessa perspectiva, identificamos pontos de confluência entre ambas as teorias, e no decorrer deste ofício, compreendemos que as representações sociais compõem os elementos necessários para a organização da memória, e tanto a teoria das representações sociais quanto a teoria da memória coletiva afirmam o caráter coercitivo de como a sociedade se organiza. Sobre as consequências do uso abusivo de bebidas alcoólicas, compreendemos que este comportamento pode gerar prejuízos expressivos nas funções biológicas, psicológicas e sociais, assim como o aparecimento de várias doenças naqueles que o praticam.

No que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas no desempenho de funções de alta

periculosidade, com base na revisão da literatura, compreendemos que ingerir bebidas alcoólicas ocasiona a diminuição do nível cognitivo, redução da memória e do senso crítico, sobretudo nas habilidades de julgamento diante da resolução de problemas e de atividades inesperadas que necessitem de um ponto de atenção; a diminuição dos reflexos pode ocasionar acidentes no ambiente de trabalho.

Levando em conta as informações encontradas com o auxílio do *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)*, no que diz respeito a frequência e aos sintomas de dependência, alguns eletricitistas foram classificados como consumidores de risco, e um deles apresentou provável dependência, sugerindo a necessidade de consultar um profissional de saúde. A partir das informações identificadas nos questionários e entrevistas, sobre a percepção dos eletricitistas de redes de distribuição sobre o consumo de bebidas alcoólicas, constatamos que alguns eletricitistas fazem uso de bebidas alcoólicas por lazer, descontração e diversão; já outros costumam beber quando estão angustiados ou nervosos. As informações encontradas sugerem cautela, apontando o risco de acidente entre aqueles trabalhadores que atuam nesta função e associam a prática de bebidas alcoólicas enquanto trabalham. Consideramos que o alcoolismo produz impactos sociais significativos e que, principalmente, em ambientes de trabalho com alta periculosidade, intervenções pontuais e de prevenção podem ser disseminadas de maneira frequente na tentativa de diminuir os danos e impactos que causam na sociedade de maneira geral.

A respeito das memórias e das representações sociais de eletricitistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica sobre o consumo de bebidas alcoólicas, notamos que eles apontaram a palavra “prejuízo” como possível núcleo central das representações sociais. Identificamos as palavras “diversão”, “prazer” e “controle” como as palavras com maior nível de significância a partir da zona muda das representações sociais. Em relação às categorias e subcategorias, encontraram-se dois eixos temáticos: o primeiro foi representado pela categoria “Memória e representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas” e as subcategorias “O que é beber socialmente” e “O que é o alcoolismo”; o segundo eixo temático foi representado pela categoria “Memórias e representações sociais sobre a prevenção ao uso de bebidas alcoólicas” e a subcategoria “Em que consiste a prevenção no trabalho”.

Salientamos que, para a realização da pesquisa, foram encontradas limitações de acesso a eletricitistas que atuam nas equipes de construção de rede de distribuição de energia elétrica da região Sudoeste e que, entre as três empresas que prestam serviços para a

Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia, tivemos acesso apenas a uma dessas empresas. No período da pesquisa de campo, uma dessas empresas havia encaminhado os eletricitistas que atuam nas equipes de construção para uma localidade distante para realizar uma obra grande na divisa do estado da Bahia com o estado de Minas Gerais. Com relação à outra empresa, como tínhamos um vínculo de trabalho, que prestávamos um serviço de avaliação psicossocial periódica com seus eletricitistas, optamos por não incluir esses eletricitistas na pesquisa, a fim de manter uma atitude de neutralidade e alcançar dados o mais fidedigno possível.

Assim, percebemos a necessidade de estender essa investigação a outras empresas, incluindo também algumas lideranças que dão suporte às equipes de construção e podem contribuir com informações relacionadas à cultura das empresas, planejamento estratégico e formas de gestão para melhor compreensão do contexto de trabalho desses profissionais.

Considerando que os participantes do estudo atuam em uma atividade profissional de alto risco, recomendamos o desenvolvimento de alguma proposta de intervenção com o objetivo de realizar orientações sobre percepção de risco e consequência do uso de bebidas alcoólicas de maneira excessiva. Neste sentido, intervenções preventivas podem ser úteis aos trabalhadores, assim como o planejamento de medidas para identificação de riscos e prevenção de acidentes durante as atividades laborais. Nesta perspectiva, se faz necessário envolver as lideranças para observar a cultura organizacional, incluindo o modelo de gestão vigente, os valores, os conceitos, as crenças e os tabus que tem sido incentivados pelas lideranças. Por conseguinte, identificar fatores estressores e vulnerabilidades, estabelecendo objetivos para a renovação da cultura organizacional. Também podem recorrer a instrumentos que auxiliem na avaliação do clima organizacional e desenvolver protocolos para avaliação de riscos psicossociais no ambiente de trabalho, observando a organização de maneira geral, criando estruturas adequadas, revendo os objetivos estratégicos, considerando os indicadores, o quantitativo de trabalhadores e as metas propostas, assim como a possibilidade de implantação de modelos que integre a Gestão de Saúde Mental no trabalho.

Ademais, estimular o desenvolvimento de estratégias que enfatizem a inteligência emocional entre os trabalhadores, sinalizando a implementação de práticas de autocuidado e autogestão no dia a dia de trabalho. Posteriormente, podem implementar outras propostas de intervenções contemplando grupos de apoio específicos, corretivos e treinamentos diversificados, incluindo informações sobre gestão de riscos psicossociais, o consumo de bebidas alcoólicas no desempenho de funções de alta periculosidade, o uso abusivo de

bebidas alcoólicas e suas consequências. Da mesma forma, implementar intervenções que enfatizem a diminuição da exposição de riscos psicossociais, considerando a estimulação de novos hábitos que estimulem uma comunicação não violenta e uma escuta empática, principalmente no ambiente de trabalho. Acreditamos que ações dessa natureza poderão diminuir prováveis danos que o uso excessivo de bebidas alcoólicas pode causar na vida desses trabalhadores, principalmente no contexto de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABREU, Débora Regina de Oliveira Moura; SOUZA, Eunice Menezes de; MATHIAS, Thais Aidar de Freitas. Impacto do Código de Trânsito Brasileiro e da Lei Seca na mortalidade por acidentes de trânsito. **Cad. Saúde Pública**. v. 34, n.8, p.1-13, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hMC54dJfRLwnqN9ZcnRFmhC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2021.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares em representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-37.

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. Tradução: José Dacosta Chevrel y Fátima Flores Palacios. México: Coyoacán, 2001.

ABRIC, Jean-Claude. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Correia da Silva (org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57.

ACSELRAD, Gilberta (org.). **Consumo do álcool do Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2014. (Série cadernos FLACSO, n. 12). Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/58N12-GilbertaAcserlrاد.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

AIRES, André Amadeu dos Santos. **Doenças relacionadas ao trabalho e suas consequências na atenção à saúde**. 2017. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estratégia Saúde da Família) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/ANDRE-AMADEU-SANTOS-AIRES.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ALBA, Martha de. Representações Sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo (org.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2014.

ALCHIERI, João Carlos; CRUZ, Roberto Moraes. **Estresse: conceitos, métodos, medidas, e possibilidades de intervenção**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. (Temas em avaliação psicológica).

ALVES, Ana Elizabeth Santos. A formação no trabalho e as inovações organizacionais. **Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, n. 1, p. 77-85, 2003. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3049>. Acesso em: 28 set. 2021.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Trabalho e divisão do trabalho em Lourenço Filho. **Histedbr On-line**, n.28, p. 85-98, 2007. Disponível em: https://silo.tips/queue/trabalho-e-divisao-do-trabalho-em-lourenno-filho?&queue_id=-1&v=1635813101&u=NDUuMTg4LjEyMS4yNDM=. Acesso em: 28 set. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: M. I. C. Nascimento. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

ARTUR, Karen; CARDOSO, Ana Claudia Moreira. O controle das plataformas digitais: nomear a economia, gerenciar o trabalho e (des)regular os direitos. **Rev. TOMO**, n.37, p.349-389, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/13043>. Acesso em: 28 set. 2021.

BABOR, Thomas F; HIGGINS-BIDDLE, John C.; SAUNDERS, John B.; MONTEIRO, Maristela G. **The alcohol use disorders identification test: guidelines for use in primary care**. 2. ed. Genebra: World Health Organization, 2001. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/audit-the-alcohol-use-disorders-identification-test-guidelines-for-use-in-primaryhealth-care>. Acesso em: 10 set. 2021.

BARBOSA, Wellington Vedovello. **O Evangelho que socorre: breve história da assistência social adventista no Brasil**. 2004. 101f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Teologia) - Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho. São Paulo, SP, 2004. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/318/321>. Acesso em: 28 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, [1997] 2007.

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro; VANSCONCELLOS, Maurício Teixeira Leite de; BONI, Raquel Brandini de; REIS, Neilane Bertoni dos; COUTINHO; Carolina Fausto de Souza. **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>. Acesso em: 18 maio 2020.

BATISTA, Williane de Fátima Vieira. **Consumo de bebidas alcoólicas: memórias e representações sociais de adolescentes de uma comunidade rural maranhense**. Orientadora: Luci Mara Bertoni. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2019/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-Williane-de-F%C3%A1tima-Vieira-Batista.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BERTONI, Luci Mara. Reflexões sobre a história do alcoolismo. **Rev. Fafibe On Line**, p. 1-4, 2006. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/10/19042010095212.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

BERTONI, Luci Mara. **“Se beber não dirija”**: representações sociais de universitários sobre propagandas televisivas de cerveja. Orientadora: Angela Viana Machado Fernandes. 2007. 107 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, São Paulo, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101595/berтони_lm_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 maio 2020.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas**. Campinas, São Paulo: Librum, 2015.

BOARINI, Maria Lúcia. Drogas na adolescência: desafios à saúde e à educação. **Rev. Psicol. Pesqui.**, v. 12, n.2, p.1-11, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v12n2/07.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Institui a Lei das Contravenções Penais. Presidência da República. Brasília: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1941.

BRASIL. Decreto-Lei nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Classificação brasileira de ocupação (CBO)**. Brasília: TEM, 2002. Disponível em: <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf>. Acesso em: 18 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 11.343, 2006. Institui a Política Nacional sobre Drogas – Pnad. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm. Acesso em: 28 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 11.705, 2008. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111705.htm. Acesso em: 28 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília: MS, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.761, de 11 de abril de 2019. Altera a Política Nacional sobre Drogas – Pnad. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137357/doi1e-2019-04-11-decreto-n-9-761-de-11-de-abril-de-2019-71137316. Acesso em: 28 set. 2021.

BRASIL. **Guia Estratégico para o cuidado de pessoas necessidades relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas**: guia AD. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da saúde, 2015.

BRASIL. **Instituto Nacional do Seguro Social – INSS**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/saiba-mais/auxilios/comunicacao-de-acidente-de-trabalho-cat>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. **Normas regulamentadoras – português**. Brasília: Escola Nacional da Inspeção do Trabalho (ENIT), 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRITES, Riany Moura Rocha; ABREU, Ângela Maria Mendes de. Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre os trabalhadores e perfil socioeconômico. **Rev. Acta Paul Enferm.** v.27, n.2, p.93-9, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/7sHQVhWTdckfVbwftF93vhs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2021.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho**. Disputas em torno da jornada do trabalhador. 1. ed. São Paulo. Annablume, 2009. (Coleção TC Trabalho e Contemporaneidade).

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. Direito e dever à desconexão: disputas pelos tempos de trabalho e não trabalho. **Rev. UFMG**, v. 23, n. 1-2, p. 6-17, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2777/1633>. Acesso em: 28 set. 2021.

CARMO, Roney Gusmão; ALVES, Ana Elizabeth Santos. Capitalismo flexível: representações sob uma pretensa “sofisticação”. **Rev. Caderno de Geografia**, v.24, n.42, p. 1-19, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/6043/6736>. Acesso em: 28 set. 2021.

CARNEIRO, Henrique. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. **Rev. Outubro IES**, São Paulo, v. 6, p. 115-128, 2002. Disponível em: http://www.cress-es.org.br/site/images/artigo_drogas_henrique_carneiro.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

CHAGAS, Diná. Riscos Psicossociais no trabalho: Causas e consequências. **Rev. INFAD Revista de Psicologia**, v.2, n.1, p.439-446, 2015. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/24/83>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 3. ed. Campinas, SP. Ed. da Unicamp, 2012.

CHAVES, Marcia Lorena Fagundes. Memória humana: aspectos clínicos e modulação por estados afetivos. **Rev. Psicologia USP**, v. 4, n. 1/2, p. 139-169, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a07v4n12.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2019.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software Tri-Deux-Mots. **Campo do Saber**, v. 3, n. 1, p. 219-243, 2017. Disponível em: <http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/72>. Acesso em: 20 jun. 2019.

CRUZ, Roberto Moraes. **Psicodiagnóstico de síndromes dolorosas crônicas relacionadas ao trabalho**. Orientador: Francisco Antônio Pereira Fialho. 2001. 308f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Florianópolis, Santa Catarina, 2001.

CRUZ, Roberto Moraes; CORRÊA, Fábio de Paula. Avaliação da carga cognitiva de trabalho. **Rev. Ciências Humanas**. Ed. Especial, p.141-155, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25795/22593>. Acesso em: 28 set. 2021.

CRUZ, Roberto Moraes; SCHERER, Clarissa Guiliani; PEIXOTO, Cristiani do Nascimento. Estresse ocupacional e cargas de trabalho. In: ALCHIERI, João Carlos; CRUZ, Roberto Moraes (org.). **Estresse: conceitos, métodos, medidas, e possibilidades de intervenção**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. (Temas em avaliação psicológica).

CUNHA, Patrícia Rodrigues Chaves da; TATSCH, Valéria. Juventude, drogas e a política de redução de danos: percepção e valores da juventude. *In*: BERTONI, Luci Mara; FERNANDES, Angela Viana Machado. **Memória, álcool e drogas: contribuições ao debate**. Brasília, DF: Technopolitik, 2019. p. 111-128.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 69. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DIAS, Andressa Mendes da Silva. **Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool**. Orientadora: Luci Mara Bertoni. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, 2017.

DURKHEIM, Êmile. Representações Individuais e Representações Coletivas. *Sociologia e Filosofia*. Tradução: J.M. de Toledo Camargo. Forense. Rio de Janeiro, [1924]1970.

ENGUITA, Mariano. O trabalho atual como forma histórica. *In*: ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 3-31.

ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. Madrid: Espasa, 2007.

FARIA, Maria Luisa Vichi de Campos. **A avaliação da efetividade de um modelo de intervenção breve (método BASICS) para o uso de risco de álcool em estudantes de ensino médio**. Orientadora: Florence Kerr-Côrrea. 2016. 200f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 2011.

FERREIRA, Luciano Nery; SALES, Zenilda Nogueira; CASOTTI, Cezar Augusto; BISPO-JÚNIOR, José Patrício; BRAGA-JÚNIOR, Antônio Carlos Ricardo. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. **Rev. Cad. Saúde Pública**, v.27, n.8, p.1473-1486, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jS567PxxJP4ybFfWvxPy4vR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2009.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Rev. Epidemiol. Serv. Saúde**. v. 24, n. 2, p. 227-237, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n2/2237-9622-ress-24-02-00227.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Rev. Educação em Revista**. v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a02.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2009.

GONÇALVES, Marcella Silva Ribeiro; GEMMA, Sandra Francisca Bezerra; LIMA, Flavia Traldi; PRIMO, Renan; MISUTA, Milton Shoiti; BRITTES, José Luiz Pereira; FERNANDES, Amanda Lopes; FRANCO, Eliezer Silva. A poda de vegetação no trabalho do eletricitista de linha viva sob a ótica da ergonomia e da psicodinâmica do trabalho. **Rev. Laboreal**, v.17, n.2, p.1-22, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/18295>. Acesso em: 28 maio 2022.

GUARDIA, Marcelle La; LIMA, Francisco. Cooperação e relações de confiança: a construção da segurança e da saúde no trabalho de alto risco. **Rev. Laboreal**, v. 15, n.1, p.1-24, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/1331>. Acesso em: 28 maio 2022.

GRAMSCI, Antônio. Americanismo e Fordismo. In: GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 8. ed. Tradução: Luiz M. Gazzaneo. RJ: Civilização Brasileira, 1991. p. 375-413.

HALBWACHS, Maurice. **Les Causes du Suicide**. Paris, PUF, [1930] 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, [1968] 2003.

HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de La Memoria**. Barcelona: Antropos, [1925] 2004.

HECKMANN, Wolfgang; SILVEIRA, Camila Magalhães. Dependência do álcool: aspectos clínicos e diagnósticos. In: ANDRADE, Arthur Guerra de; ANTHONY, James C.; SILVEIRA, Camila Magalhães. **Álcool e suas consequências**: uma abordagem multiconceitual. Barueri, São Paulo: Minha, 2009. p. 67-87. Disponível em: <http://www.saudedireta.com.br/docsupload/1333061511alcoolesuasconsequencias-pt-cap3.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

ZEVEDO, Walter Fernandes; MATHIAS, Lígia Andrade da Silva Telles. Adição ao trabalho e qualidade de vida: um estudo com médicos. **Rev. Einstein**, v.15, n.2, p.130-135, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v15n2/pt_1679-4508-eins-15-02-0130.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. Orientador: Elenor Kunz. 1997. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/77154/248937.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde (PNS). PNS 2019: cai o consumo de tabaco mas aumenta o de bebida alcoólica. **Agência IBGE**, 18 nov. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29471-pns-2019-cai-o-consumo-de-tabaco-mas-aumenta-o-de-bebida-alcoolica>. Acesso em: 28 out. 2021.

JACQUES, Maria da Graça. “Doença dos nervos”: uma expressão da relação entre saúde/doença mental. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (org.). **Saúde Mental & Trabalho**. Leituras. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 98-111.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEITE, Rose Mery dos Santos Costa. Vida e Trabalho na indústria de petróleo em alto mar na bacia de Campos. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.6, p.2181-2189, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/NyWwSxr95HZz6qDW7sW5y9q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

LIMA, Maria Elisabeth Antunes; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; FRANCISCO, João Manuel Saveia Daniel. Aprisionado pelos ponteiros de um relógio: O caso de um transtorno mental desencadeado no trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (org.). **Saúde mental & trabalho**. Leituras. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.209-246.

LOPES, Ícaro Caresia. **Prevalência e circunstâncias do padrão de uso de álcool sob uma perspectiva de gênero**. Orientadora: Florence Kerr-Côrrea. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Medicina, Botucatu, 2017.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução: Lúcia Haddad. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11110/8154>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MANGUEIRA, Suzana de Oliveira; GUIMARÃES, Fernanda Jorge; MANGUEIRA, Jorgiana de Oliveira; FERNANDES, Ana Fátima Carvalho; LOPES, Marcos Venícios de Oliveira. Promoção da saúde e políticas públicas do álcool no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Rev. Psicologia & Sociedade**. v. 27, n. 1, p.157-168, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00157.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MARTINEZ, Maria Carmen; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira. Saúde e Capacidade para o trabalho de eletricitários do Estado de São Paulo. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, n.3, p.1061-1073, 2008. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/csc/v13n3/29.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, n.1-3, p. 34-38, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v15n1-3/09.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Psicodinâmica do trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (org.). **Saúde mental & trabalho**. Leituras. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 130-142.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Psicologia social. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, [2000] 2012.

MOURA, Alane Belfort Prata de. **Lei seca: uma abordagem sobre sua constitucionalidade**. 2012. Monografia (Especialização em Direito Público) - Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará (ESMEC), Fortaleza, CE, 2012. Disponível em: <https://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2014/12/PDF33.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; CORRADI-WEBSTER, Clarissa Mendonça. Adaptação e Validação do Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT) para a população ribeirinha do interior do Amazônia, Brasil. **Rev. Cad. Saúde Pública**, v.27, n. 3, p. 497-509, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/H8h9w4M3JySdHphxmDXcTbb/?lang=pt#>. Acesso em: 15 set. 2022.

MUSHI, Frank V.; MANEGE, Sylvester L. Abuso de Álcool e Uso de Drogas ilícitas nos canteiros de obras: percepção dos trabalhadores nos canteiros de obras. **Rev. International Journal of construction Engineering and management**, v.7, n.2, p.65-72, 2018. Disponível em: <http://article.sapub.org/10.5923.j.ijcem.20180702.02.html>. Acesso em: 28 maio 2022.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre, RGS. Ed. da UFRGS, 2006.

NARDI, Henrique Caetano; RAMMINGER, Tatiana. Modos de subjetivação dos trabalhadores de saúde mental em tempos de reforma psiquiátrica. **Rev. Saúde Coletiva**, v.17, n.2, p. 265-287, 2007. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0679.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

NASCIMENTO, Flávia Atanzio do; ALMEIDA, Mariana Coutinho de; SOUZA, Jurema Gouvea de; LIMA, José Mauro Braz de; SANTOS, Rosângela da Silva. A enfermeira pediatra cuidando de crianças/adolescentes com Síndrome Alcoólica Fetal (SAF). **Escola Anna Nery** [online], v. 11, n. 4, p. 619-24, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000400010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/nbxTBPWhrmwcrYJWDJrfc7w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico. **Rev. Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 1, p. 7-36, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hWpNzbxLR9DKdGTH6b4nSyv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

NEVES, Keila do Carmo; TEIXEIRA, Maria Luiza de Oliveira; FERREIRA, Márcia de Assunção. Fatores e motivação para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência. **Rev. Esc Anna Nery**, v. 19, n. 2, p. 286-291, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n2/1414-8145-ean-19-02-0286.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

OLIVEIRA, Amanda Maria de. **Alcoolismo no ambiente profissional**. 2011. 51 f. TCC (Graduação) - Fundação Educacional do Município de Assis; Instituto Municipal de Ensino

Superior de Assis. José Santili Sobrinho. Assis, 2011. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0811260641.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

NOGUEIRA, Valéria Aparecida; PORTO, Marcelo, Firpo de Souza. **Reestruturação do setor elétrico: um estudo qualitativo das condições de trabalho e saúde dos eletricitistas frente à privatização da CERJ**. Orientador: Marcelo Firpo de Souza Porto. 1999. 123 f. Dissertação (Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana) – Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

OLIVEIRA, Denise Cristina de; MARQUES, Sergio Correia; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: PAREDES, A. S. **Perspectivas Teórico- Metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2005. p. 573-603.

OLIVEIRA, Janderson Carneiro de; BERTONI, Luci Mara. Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico-conceituais. Gerais: **Rev. Interinstitucional de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 244-262, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v12n2/05.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

OLIVEIRA, João Candido. Segurança e saúde no trabalho uma questão mal compreendida. **Rev. em Perspectiva**. v.17, n.12, p.3-12, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v17n2/a02v17n2.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Factores psicosociales en el trabajo**: naturaleza, incidencia y prevención. 1984. (Serie Seguridad, Higiene y Medicina del Trabajo, n. 56). Disponível em: <http://www.factorpsicosociales.com/wp-content/uploads/2019/02/FPS-OIT-OMS.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Problemas ligados ao álcool e às drogas no local de trabalho. Uma evolução para a prevenção. **Bureau Internacional do Trabalho**, Genebra [online], v. 1, n. 1, p. 17-21, 2003. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_715028.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Sistema de gestão da segurança e saúde no trabalho**: um instrumento para uma melhoria contínua. 1. ed. 2011. ISBN: 978-989-8076-72-4 (web pdf). Disponível em: https://www.cipa.unicamp.br/pdf/wcms_154878%202392f.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

PAOLI, Maria Celia. Trabalhadores e cidadania: experiência do mundo público na história do Brasil moderno. **Rev. Estud. Av.** v. 3, n. 7, p. 40-66, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a04.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Rev. Antropologia, Escala e Memória**, n. 2, p. 4-22, 2007. Disponível em: [http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta \[1\].pdf](http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta [1].pdf). Acesso em: 23 ago. 2019.

PEREIRA, Eliane França; TOLFO, Suzana da Rosa. Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teórico-epistemológicas. **Rev. Psicol. Argum.** v.34, n.86, p.302-317, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/18252/17670>. Acesso em: 15 out. 2020.

PERUSSULO, Fábio Henrique. **Relatório técnico de inspeção em veículo e equipamento de guindar.** 2019. p.1-9. Disponível em: <https://www.jmpodas.com.br/theme/templates/img/pdf/ART.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

PINSKY, Ilana; ZALESKI, Marcos; LARANJEIRA, Ronaldo. Primeiro levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira. **Rev. Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, n. 3, p. 214-215, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32n3/03.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

REIS, Alves Gecivaldo; GÓIS, Hediany Rosa; ALVES, Marcilene Silva; PARTATA, Anette Kelsei. Alcoolismo e seu tratamento. **Rev. Científica do ITPAC**, v. 7, n. 2, p. 1-11, 2014. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo364228-alcoolismo-e-seu-tratamento. Acesso em: 28 maio 2022.

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. **Políticas Públicas.** São Paulo: Publifolha, 2013. (Coleção Folha Explica).

ROSA, Lívia Ferreira de Araújo; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso. Representações sociais de bebida alcoólica para homens universitários. **Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n.1, p. 3-19, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v67n1/02.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

ROSENBERG, Marshall Bertram. **Comunicação não violenta.** Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a15v20n2.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

SAMPAIO, José Jackson Coelho; MESSIAS, Erick Leite Maia. A epidemiologia em saúde mental e trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (org.). **Saúde mental & trabalho.** Leituras. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.143-172.

SANTOS, Adolfo Roberto Moreira. O Ministério do Trabalho e Emprego e a Saúde e Segurança no Trabalho. In: CHAGAS, Ana Maria de Resende; SALIM, Celso Amorim; SERVO, Luciana Mendes Santos (org.). **Saúde e segurança no trabalho no Brasil: Aspectos Institucionais, Sistemas de Informação e indicadores.** 2. ed. São Paulo, SP: IPEA, 2012. p. 21-75.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria. **Diálogos com a teoria das representações sociais.** Recife: Ed. da UFPE, 2005.

SANTOS, Rosângela Vasconcelos Raimundo. BERTONI, Luci Mara. **Representações sociais de homens e mulheres rurais do interior baiano sobre os usos do álcool**. Orientadora: Luci Mara Bertoni. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, 2017.

SANTOS, Rute Noemia de Souza; SANT'ANA, Débora de Mello Gonçalves. Relação entre o uso de drogas lícitas e memória. **Rev. Arquivos do Mudi**. v. 18, p. 43-54, 2014. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/viewFile/24743/pdf_53. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, Volnei Xavier; LUZ, Heloísa Helena Venturi. **As implicações do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo dependente**. 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Volnei-Xavier-da-Silva.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILVESTRE. Maria Lúcia Cimadon. A atividade física como proposta de prevenção de doenças no trabalhador. In: VILARTA, Roberto; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (org.). **Qualidade de vida em propostas de intervenção corporativa**. Campinas, SP: IPES, 2007. p. 232.

SINNOTT-SILVA, Rodrigo; DA-SILVA, Ivelissa; AZEVEDO-DA-SILVA, Ricardo; SOUZA, Luciano; TOMASI, Elaine. Atividade física e qualidade de vida. **Rev. Ciências & Saúde Coletiva**, v. 15, n.1, p. 115-120, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tz8z48sFy9Nv7vsPQtcfBzj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

SOARES, Eva Bessa; CURI FILHO, Wagner Ragi. Olhares sobre a prevenção dos acidentes de trabalho. **Rev. Produto e Produção**, v. 16, n. 4, p. 84-103, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ProdutoProducao/article/view/35821>. Acesso em: 28 maio 2022.

SOUZA, Luiz Gustavo Silva; SMITH MENANDRO, Maria Cristina; MEIRA MENANDRO, Paulo Rogério. O alcoolismo suas causas e tratamento nas representações sociais de profissionais de saúde da família. **Rev. Saúde Coletiva**, p. 1335-1360, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/DcqyzjgfRsnqNqtn5Xc7pFr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

SAWICKI, Wanda Cristina *et al.* Consumo de álcool, qualidade de vida, intervenção breve entre universitários de enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.** v. 71, p. 547-55, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s1/pt_0034-7167-reben-71-s1-0505.pdf. Acesso em: 15 nov. 2019.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Rev. Psicologia USP**, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481/37219>. Acesso em: 23 ago. 2019.

SEBBEN, Lúcia Simões. **Avaliação psicossocial**. Psicologia aplicada à segurança no trabalho. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2018.

SILVA, Alessandro José Nunes; CAVALCANTE, Sandra Regina; MENDES, Renata Wey Berti; VILELA, Rodolfo de Andrade Gouveia. Acidente de Trabalho no setor elétrico: Reflexões para ação interinstitucional coordenada e preventiva. **Rev. Trib. Reg. Trab.**, v.65, n.100, p.217-260, 2019. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/169513?show=full>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILVA, Elis Carla Sardeto; LIMA, Flávia Traldi. O estado da arte da pesquisa sobre trabalho e saúde no setor elétrico. **Rev. RBIC**, v.08, n. 21040, p.1-13, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/download/430/268/2134>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILVEIRA, Dartiu Xavier da; DOERING-SILVEIRA, Evelyn Borges. **Padrões de uso de drogas**. Eixo Política e Fundamentos. Portal de formação a distância – Sujeitos, contextos e drogas. Brasília: SENAD, 2017. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br-001.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVESTRE, Maria Lúcia Cimadon. A atividade física como proposta de prevenção de doenças no trabalhador. In: VILARTA, Roberto; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (org.). **Qualidade de vida em propostas de intervenção corporativa**. Campinas, SP: IPES, 2007. p. 232.

SINNOTT-SILVA, Rodrigo; DA-SILVA, Ivelissa; AZEVEDO-DA-SILVA, Ricardo; SOUZA, Luciano; TOMASI, Elaine. Atividade física e qualidade de vida. **Rev. Ciências & Saúde Coletiva**, v. 15, n.1, p. 115-120, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tz8z48sFy9Nv7vsPQtcfBzj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

SOARES, Luís de Jesus Peres. **Os impactos financeiros dos acidentes do trabalho no orçamento brasileiro: uma alternativa política e pedagógica para redução dos gastos**. 2018. Monografia (Especialização em Orçamento Público) - Instituto Serzedello Corrêa, do Tribunal de Contas da União, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor), Câmara dos Deputados e Universidade do Legislativo Brasileiro (Unilegis), do Senado Federal, Brasília, DF, 2018.

SOUZA, Suerda Fortaleza; CARVALHO, Fernando Martins; ARAUJO, Tânia Maria; PORTO, Lauro Antonio. Fatores Psicossociais do trabalho e transtornos mentais comuns em eletricitários. **Rev. Saúde Pública**, v. 44, n.4, p. 710-717, 2010. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/rsp/v44n4/15.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.

SOUZA, Felipe Dreger Nery; SOUZA, Ionara Magalhães de; Araújo, Edna Maria de; OLIVEIRA, Nelson Fernandes de; SOUZA, Mona Giselle Dreger Nery. Tendência Temporal dos anos Potenciais de vidas perdidos por acidentes de trabalho fatais segundo raça/cor da pele na Bahia, 2000-2019. **Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional**. v.2022, n.47, p.1-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/8zDkgVpZ6ddfmKntC5SjYWw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago 2022.

TEIXEIRA JÚNIOR, Marcos Aurélio Borges; SFERRA, Luis Francisco Bueno, BOTTCHEER, Lara Belmudes. A importância do lazer para a qualidade de vida do trabalhador. **Rev. Conexão**, p.1-15, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4853866->

A-importancia-do-lazer-para-a-qualidade-de-vida-do-trabalhador.html. Acesso em: 28 set. 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução: R. Eichemberg. SP: Cia das Letras, 1998. p. 267-304.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. Um panorama do consumo de drogas no Brasil oitocentista. **Rev. Cultura Y Droga**. v. 20, n. 22, p. 36-63, 2015. Disponível em: <http://lehda.fflch.usp.br/sites/lehda.fflch.usp.br/files/upload/paginas/2015.%20TORCATO.%200drogas%20no%20brasil%20oitocentista.pdf>. Acesso em: 17 maio 2020.

VALA, Jorge. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (coord.). **Psicologia social**. 7. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2006.

VELOSO NETO, Hernâni. Estratégias organizacionais de gestão e intervenção sobre riscos psicossociais do trabalho. **Rev. International Journal on Working Conditions**, n.9, p.1-21, 2016. Disponível em: https://moodle.unesp.br/ava/pluginfile.php/43938/mod_resource/content/1/gesta%CC%83o%20dos%20riscos%20psicossociais%20%28003%29.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

VÈRGES, Pierre. L'evocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, n. 405, p. 203–209, 1992. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1998-01851-006>. Acesso em: 15 dez. 2020.

VÈRGES, Pierre. **Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC: manual**. Versão 5. Aix en Provence, 2002.

VIDAL, Jahina Moura; ABREU, Angela de Mendes; PORTELA, Luciana Fernandes. Estresse. Estresse psicossocial no trabalho e o padrão de consumo de álcool em trabalhadores offshore. **Rev. Cad. Saúde Pública**, v.33, n.6, p. 2-7, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CjkrkgkF8GmxWfYdtwdz9QCH/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

WANNMACHER, Lenita. **Interações de medicamentos com álcool: verdades e mitos**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde, v. 4, n. 12, p. 1-6, 2007. Disponível em: http://www.saudedireta.com.br/docsupload/1339892860v4n12_interacoes_medicamentosas.pdf. Acesso em: 17 maio 2020.

ZANELLI, José Carlos; KANAN, Lilia Aparecida. Fatores de risco, proteção psicossocial e trabalho. **Organizações que emancipam ou que matam**. Florianópolis: Uniplac, 2018.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

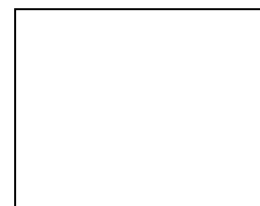
Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória e Representações Sociais de Eletricistas sobre o Consumo de bebidas alcoólicas”. Neste estudo, pretendemos analisar a memória e as representações sociais de eletricistas que atuam na construção de redes de distribuição de energia elétrica sobre o consumo de bebida alcoólica. O motivo que nos leva a estudar esse assunto envolve a escassez de estudos referentes à Eletricista de Rede de Distribuição, considerando que as atividades desenvolvidas por esses profissionais possuem um potencial de alto risco. Por essa razão, a realização deste trabalho irá ampliar o conhecimento na área da psicologia organizacional e do trabalho, orientar futuras pesquisas, assim como o desenvolvimento de intervenções com a população citada. Para este estudo, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicaremos um questionário para identificar o perfil e as informações sociodemográficas; em seguida, utilizaremos o instrumento *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)* para mensurar o consumo de álcool. Por fim, utilizaremos a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) para acessar as memórias e representações sociais desses profissionais sobre o consumo de álcool. Você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo a um possível constrangimento em expor informações sobre a sua vida pessoal por causa da temática abordada. No entanto, a fim de amenizá-lo, caso os participantes se sintam constrangidos, eles poderão recusar-se ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo a sua pessoa. Além disso, você tem assegurado o direito à compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios desta pesquisa estão relacionados à oportunidade de participar de uma proposta de intervenção breve que será oferecida ao final da realização deste trabalho, apontando estratégias de enfrentamento, tornando os tratamentos

para dependência de álcool mais efetivos, principalmente no contexto dos eletricitistas que atuam em rede de distribuição. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra fornecida a você.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, 02 de dezembro de 2019.



Em caso de dúvidas no que diz respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadores(a) Responsáveis: Jamilya Brito Gomes e Luci Mara Bertoni
Endereço: rua Góes Calmon nº 118, Centro, Vitória da Conquista, Bahia.
Fone: (77) 9 9908-2389 / E-mail: jamilyabritopsi@gmail.com

CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.
Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

APÊNDICE B - Instrumento de coleta de perfil social, demográfico e econômico**QUESTIONÁRIO**

Idade: _____ anos

Escolaridade:

Fundamental Incompleto Fundamental Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio

Experiência na função: _____ anos

Atuação na equipe de construção: _____ anos

Quantidade de pessoas na sua equipe: _____

Auxiliar de Eletricista Eletricista Encarregado Operador de Guindauto

Eletricista líder

Qual o profissional que lidera a sua equipe?

No acampamento qual o profissional lidera a sua equipe?

No acampamento já observou alguém experimentando, ou usando outra droga?

Cursos que possui:

Participou de alguma formação continuada?

Atuação em outra equipe:

Cidade que trabalha:

Cidade que reside:

Por quanto tempo fica acampado?

Quantas vezes no ano fica acampado?

Como está estruturada as folgas?

Por quanto tempo fica na própria residência?

Qual é o número de familiares que moram com você?

Quantos familiares trabalham?

Qual é a renda familiar total?

- Dois salários mínimos
- Três salários mínimos
- Quatro salários mínimos

Você tem contato com amigos?

Como é a sua relação com os amigos?

APÊNDICE C - Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP)

Nº _____

1. Apresente as 5 primeiras palavras que vem na sua cabeça ao pensar em BEBIDAS ALCOÓLICAS?

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____

2. O que você acredita que pensam seus colegas eletricitas sobre BEBIDAS ALCOÓLICAS?

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____

3. Qual a ideia que os eletricitas que atuam nas equipes de construção têm sobre BEBIDAS ALCOÓLICAS?

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____

APÊNDICE D - Entrevista para investigação sobre consumo de bebidas alcoólicas

1. Quando você bebe?

- Durante a semana
- Somente nos finais de semana
- Somente em festas
- Nunca bebo

2. Por quais motivos você bebe?

- Não bebo
- Diversão/descontração
- Quando está angustiado ou nervoso
- Para enfrentar problemas
- Quando dá vontade
- Para acompanhar os amigos

3. Para você, como é beber socialmente?

4. Para você, o que é alcoolismo?

5. Há fácil acesso a bebidas ao redor do acampamento? Justifique.

- Sim Não

6. Analisando sobre o tempo fora do local de trabalho, quais as atividades mais importantes desde a hora que acorda até a hora que vai dormir?

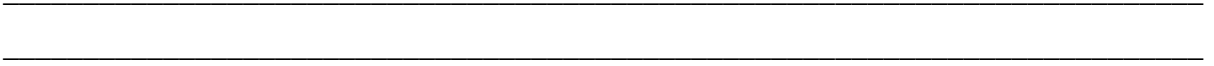
7. Considerando o tempo e as atividades desenvolvidas nos dias de trabalho, qual o dia da semana que considera mais importante no ambiente de trabalho?

8. Com relação ao tempo dentro e fora do seu local de trabalho, você acha que a quantidade e a forma do tempo de trabalho dentro da empresa interferem na sua vida fora da empresa?

9. Com relação a flexibilização da jornada e banco de horas extras, você tem horas positivas Sim () Não (). Você tem dificuldades para utilizar suas horas positivas?

10. Você acha importante haver campanhas ou projetos de prevenção de alcoolismo? Justifique.

() Sim () Não



APÊNDICE E - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas

Quadro 1 - Resultado final da Organização das palavras evocadas

Palavra convertida	Palavras originais
acidente	acidente-de-transito, acidente, Tragedia.
prejuízo	maleficio-para-saude, prejuizo-financeiro, destruição, ruínas, me-fez-muito-mal, fiquei-internado-por-causa-dela, prejudicial, derrota, gasto-financeiro, misérias.
briga	brigas, desavenca-com-a-familia, mal-entendido, transtorno-familiar, conflito, família-em-desentendimento, briga-em-família, perda-da-família.
morte	morte, tira-a-vida.
sem-futuro	nao-leva-futuro, não-compensa.
afastamento	esquece-da-familia, afastamento, pessoas-jogadas, desprezo, falta-de-atenção, falta-de-companheirismo-da-família, dó.
droga	uma-droga-legalizada, drogas.
trabalho	trabalhar.
responsabilidade	Responsabilidade, cumprir-horário.
controle	beber demais, excesso, embriaguez, ficar-bebado, exagero, sem-controle, abusos.
mal-estar	Ressaca, enjoo, mal-estar, queda, causa-fraqueza.
diversão	passa-tempo, mulheres, encontros, curtidão, distração, farra, amizade, diversão, reunir-amigo, animação, família, banho-do-rio, férias, casa.
bom	sabor-bom, é-bom.
tipos-de-bebida	Álcool, cerveja, uísque, red-bull, vinho, catuaba.
ruim	algo-ruim, difícil, transtorno, não-curto, não-acho-legal, não-incentiva-ninguém-beber, faz-mal.
vicio	Vicio, se-não-experimentar-não-vicia.
doença	Doença, doenças.

APÊNDICE F - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas

Quadro 2 - Resultado final da Organização das palavras evocadas

Palavra convertida	Palavras originais
prazer	Satisfaz, satisfação, prazer, gostam, algo- bom, bom, é-bom, amor-por-ela, alguns-gostam, momento bom, brincadeira, ficar-alegre, alegria, se-sente-mais-leve.
prejuízo	Prejuízo, desperdício-de-dinheiro, destruição.
sem-futuro	sem-futuro, tira-o-futuro-da-família, não-vale-a-pena, não-tem-futuro.
briga	Desavenças, transtorno-com-colegas, brigas, confusão.
afastamento	vira-morador-de-rua, falta-de-diálogo.
Mal-estar	Ressaca, desconforto, efeito-é-ruim.
Bem-estar	dormir-bem, comer-bem.
responsabilidade	chegar-no-horário.
controle	beber-socialmente, não-pode-chegar-bêbado-no-trabalho, fora-do-trabalho-bebe, final-de-semana-pode-beber, não-é-certo-beber-no-trecho, após-sair-da-empresa-pode-beber, bebe-sem-farda, outros-falam-está-bebendo-pouco, bebem-descontrolado, falta-de-limite, outros-quase-não-bebe, controle, ficam-bêbado, bebem-demais.
diversão	Farra, Curtição, curtir-o-momento, curtir, descanso, distração, esquecer-problemas, resenha, encontrar-amigos, rever-colegas, vê-os-amigos, amizade, reunir os amigos, lazer, mulherada, churrasco, reunião, esquece-do-trabalho, rola-tudo, descontração, pegação, Relaxar, relaxa, relaxamento, diversão, futebol, é-bom-no-final-de-semana, troca-ideia.
ruim	muito-problema, o-cérebro-muda, Outros não gostam, errado, momentos-ruins, algo-que-não-presta, não-é-bom, melhor-tomar-refrigerante,
vício	não-consegue-viver-sem, tem-que-beber, vícios.
vontade	vontade-de-tomar-uma
morte	bebida-mata
futuro	pensar-nos-próximos-dias
discordância	Discordância, pensamento-diferente.

APÊNDICE G - Quadro com resultado final da organização das palavras evocadas

Quadro 3 - Resultado final da Organização das palavras evocadas

Palavra convertida	Palavras originais
prazer	Prazeroso, muitos-gostam, bom/ acho-que-é-bom, alguns-gostam, sentem-bem, ajuda-a-ficar-de-bobeira, diminuir-saudade-de-casa, diminuir-o-desconforto, toma-pois-o-sono-não-foi-legal, feliz, fica-alegre, dar-risada, alegre, alegria, desabafar-sobre-o-dia-a-dia, satisfação, mais-energia, alívio, esquece-dos-problemas, para-esquecer-alguém, esquece-tudo, esquecer-um-pouco- o-trampo, não-lembra-o-que-fez.
prejuízo	perca-de-tempo, prejuízo-financeiro, malefício-para-saúde, desemprego, perdem-emprego, perdem-oportunidades, perdem-família.
vício	acho-que-ninguém-tem-vício, alguns-não-deixam-de-beber.
controle	ninguém-sai-na-intenção-de-beber, perde-controle, falar-sem-pensar, cometer-erros, fazem-coisas-erradas, falta-de-controle, embriaguez, não-pode-beber, só-bebe-final-de-semana, bebe-controlado, no-serviço-não-pode, não-dá-para-ir-a-porta-de-bar-com-farda, é-proibido, não combina, tomar-todas, tolerância-zero.
ruim	é-algo-ruim, para-outros, outros, não-gostam, dia, puxado.
família	evitar-se-envolver-para-dar-o-melhor-para-minha-família, exemplo-bom-para-o-filho.
briga	Agressivo, barraco, discussão, briga-família, briga-colegas, desacerto-da-equipe, conflito.
diversão	Farra, farrear, internet, curtidão, resenha, bater-resenha, interagir, reunir-amigos, conversar, tomam para relaxar, relaxar, tirar-o-estresse-deles, acaba-o-trabalho, diversão-divertir, brincadeiras, descontraír, tomar-uma, tomar-uma-na-folga, finais-de-semana-beber-mesmo, beber-no-feriado-é-bom, descontração, pegar-menina, se-soltar, ter-confiança.
responsabilidade	falta-de-compromisso, falta-de-dedicação.
droga	ingerem-outros-tipos-de-drogas
Mal-estar	queda, amanhã-não-aguenta-nem-trabalhar, ressaqueado

ANEXO A - Teste para identificação de problemas relacionados ao consumo de álcool (AUDIT)



(Instrumento traduzido com autorização da Organização Mundial de Saúde)

Leia as perguntas abaixo e anote as respostas com cuidado. Inicie a entrevista dizendo:

"Agora vou fazer algumas perguntas sobre seu consumo de álcool ao longo dos últimos 12 meses". Explique o que você quer dizer com "consumo de álcool", usando exemplos locais de cerveja, vinho, destilados, etc. Marque as respostas relativas à quantidade em termos de "doses-padrão". Marque a pontuação de cada resposta no quadradinho correspondente e some ao final

<p>1. Com que frequência você toma bebidas alcoólicas? (O) Nunca [vá para as questões 9-10] Mensalmente ou menos De 2 a 4 vezes por mês De 2 a 3 vezes por semana 4 ou mais vezes por semana</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>	<p>2. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você costuma beber? (0) 1 ou 2 (1) 3 ou 4 (2) 5 ou 6 (3) 7, 8 ou 9 (4) 10 ou mais</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>
<p>3. Com que frequência você toma cinco ou mais "doses" (doses-padrão) de uma vez? (O) Nunca Menos do que uma vez ao mês Mensalmente Semanalmente Todos ou quase todos os dias</p> <p><u>Se a soma das questões 2 e 3 for O, avance para as questões 9 e 10</u></p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>	<p>4. Quantas vezes, ao longo dos <u>últimos 12 meses</u> você achou que não conseguiria parar de beber depois de ter começado? (O) Nunca (1) Menos do que uma vez ao mês (2) Mensalmente (3) Semanalmente (4) Todos ou quase todos os dias</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>
<p>5. Quantas vezes, por causa do álcool, ao longo dos <u>últimos 12 meses</u> você não conseguiu fazer o que era esperado de você? (O) Nunca (1) Menos do que uma vez ao mês (2) Mensalmente (3) Semanalmente (4) Todos ou quase todos os dias</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>	<p>6. Quantas vezes, ao longo dos <u>últimos 12 meses</u> depois de ter bebido muito no dia anterior, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor? (O) Nunca (1) Menos do que uma vez ao mês (2) Mensalmente (3) Semanalmente (4) Todos ou quase todos os dias</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>
<p>7. Quantas vezes, ao longo dos <u>últimos 12 meses</u> você se sentiu culpado ou com remorso depois de ter bebido? (O) Nunca (1) Menos do que uma vez ao mês (2) Mensalmente (3) Semanalmente (4) Todos ou quase todos os dias</p> <div style="text-align: right; border: 1px solid black; width: 50px; height: 20px; margin-left: auto;"></div>	<p>8. Quantas vezes, ao longo dos <u>últimos 12 meses</u> você foi incapaz de lembrar do que aconteceu na noite anterior, por causa de ter bebido? (O) Nunca (1) Menos do que uma vez ao mês (2) Mensalmente (3) Semanalmente (4) Todos ou quase todos os dias</p>
<p>9. Alguma vez na vida você já causou ferimentos ou prejuízos a você mesmo ou a outra pessoa após ter bebido? (O) Não (2) Sim, mas não nos últimos 12 meses (4) Sim, nos últimos 12 meses</p>	<p>10. Alguma vez um parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com o seu modo de beber ou sugeriu que você diminuísse ou parasse de beber? (O) Não (2) Sim, mas não nos últimos 12 meses (4) Sim, nos últimos 12 meses</p>